BIZZ

PINK FLOYD NO BRASIL?

A NOVA TRAVESSURA DE
MICHAEL JACKSON

THE DOORS
A RESSURREIÇÃO
DE JIM MORRISON

PARALAMAS
VOLTA AO POP

Samuel bota fogo no Skank

AZUL

É FÁCIL RECONHECER AS PEGADAS DE UM NIKE AIR.
Corredores pisam
com uma força de 2 a 3
vezes o seu peso.
Tenistas chegam a usar
4 vezes o peso do corpo.
Jogadores de basquete,
até 10 vezes. Foi por isso
que nós criamos Nike Air.
Um sistema que amortece
impactos como nenhum
outro. Imagine o conforto:
seus pés nunca tocam
o solo. Entre eles e
o chão, há sempre uma
camada de ar.
Isso é tecnologia Nike Air.
NIKE
AIR
JUST DO IT.

Wrangler
jeans.
Autêntico
como você.

Wrangler®
Real. Comfortable. Jeans.

Em jornalismo, não existe "politicamente correto". Só existe "correto".

veja

Indispensável

A maior e mais respeitada revista do Brasil.

OS HABITANTES DA
do rock
DE SEGUNDA A SEXTA
ÀS 18H.
NA RÁDIO CIDADE.
rádiocidade
FM 102,9

BiZZ

Foto de capa: Ernesto Baldan

Ano 11 • Nº06 • Edição 120 • Julho, 1995

Que "pão de queijo", que nada... Não é de hoje que Minas Gerais tem legado à música pop brasileira (e internacional), talentos dos mais variados. Desde o chamado "Clube Da Esquina" (Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes) nos anos 70 até o thrash explosivo do Sepultura.

Seguindo esta eclética tradição, agora a mídia é invadida por um pop esperto, puxado para o reggae.

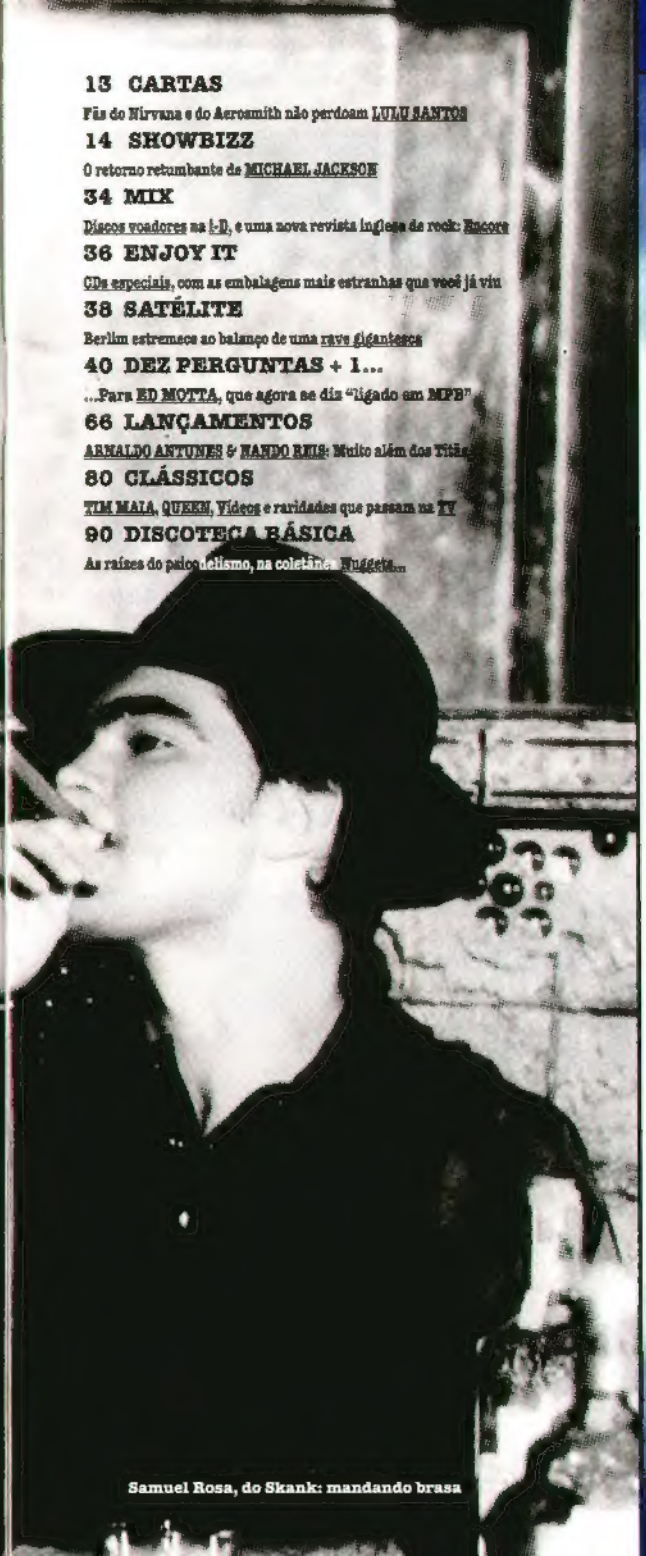
Os responsáveis atendem pelo nome de SKANK, uma das "caras novas" na capa de nossa edição de maio de 93, e vem emplacando um hit atrás do outro. Confira como os rapazes encaram a decolagem para o estrelato, em nossa entrevista.

Em Londres, descobrimos que são remotas as chances do PINK FLOYD vir tocar no Brasil, em um papo que o baterista do grupo, Nick Mason, levou com o nosso correspondente, Fernando Naporano. Como consolo, temos o CD duplo P.U.L.S.E., **que traz um registro da atual turnê da banda, com uma versão integral do clássico** The Dark Side Of The Moon **(73).**

Tem mais: há um novo burburinho em cima do grupo THE DOORS. A partir da reedição de An American Prayer **(disco póstumo em que os três remanescentes da banda musicam poemas do falecido Jim Morrison), o tecladista Ray Manzarek fala com Hélio Gomes, sobre idéias místicas e lembranças dos anos 60. E ainda na trilha histórica, fuçamos os arquivos do jornal carioca ÚLTIMA HORA e descobrimos imagens raras de astros do rock no Brasil, que você irá curtir em nosso ensaio.**

Celso Pucci

13 CARTAS
Fãs do Nirvana e do Aerosmith não perdoam LULU SANTOS
14 SHOWBIZZ
O retorno retumbante de MICHAEL JACKSON
34 MIX
Discos voadores na i-D, e uma nova revista inglesa de rock: Encore
36 ENJOY IT
CDs especiais, com as embalagens mais estranhas que você já viu
38 SATÉLITE
Berlim estremece ao balanço de uma rave gigantesca
40 DEZ PERGUNTAS + 1...
...Para ED MOTTA, que agora se diz "ligado em MPB"
66 LANÇAMENTOS
ARNALDO ANTUNES & NANDO REIS: Muito além dos Titãs
80 CLÁSSICOS
TIM MAIA, QUEEN, Vídeos e raridades que passam na TV
90 DISCOTECA BÁSICA
As raízes do psicodelismo, na coletânea Nuggets...



Samuel Rosa, do Skank: mandando brasa

este mês

42

Janis Joplin com Serguei? Mick Jagger e Keith Richards no Rio, em 68? É o arquivo do jornal **ÚLTIMA HORA**

48

O **SKANK** pensa alto e pavimenta seu caminho com hits, rumo ao primeiro time da música pop brasileira

58

A torcida continua: o **PINK FLOYD** toca por aqui ou não? Fique por dentro do novo disco ao vivo da banda

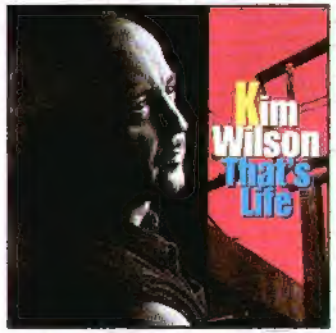
62

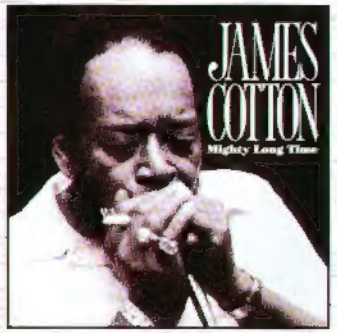
O saudoso líder do quarteto THE DOORS [illegible] mito, como revela o papo com o ex-[illegible]

UNIDAS PELO BLUES

Antone's RECORDS & Gravadora ELDORADO

apresentam:





A Eldorado foi à Austin, no Texas, buscar todo o catálogo da mais atuante gravadora de Blues da atualidade: Antone's Records, que em pouco tempo se transformou numa das mais respeitadas gravadoras, resgatando feras do passado e dando oportunidade a novos talentos, mantendo assim, mais do que qualquer outra, acesa a chama do autêntico Blues.

JÁ A VENDA
Gravadora ELDORADO
tel.: (011) 277-5500 r.300

ESTES E OUTROS LANÇAMENTOS VOCÊ ENCONTRA NAS LOJAS
PLANET MUSIC

Cartas

ROCK VERSUS AIDS

Caras, vocês estão de parabéns. Essa matéria sobre a Aids foi realmente do caralho! Tudo estava ótimo: as dicas em destaque, as fotos de Freddie Mercury e Cazuza e ainda o drama da jovem A.M.P., que convive com o HIV com apenas 24 anos.

Roberto Alves Barreto, *Itapetininga/BA*

Trabalho na Secretaria da Saúde e xeroquei a matéria *HIV: Bombardeio Sobre O Mundo Pop* para colocar no mural do meu escritório. Feita de forma clara e variada, a matéria expõe coisas desconhecidas até do pessoal do meu trabalho.

Paulo Sérgio Martins, *Embu/SP*

PALMAS PARA SLASH & ARNALDO

Vocês da BIZZ querem me matar! Amei a reportagem sobre o gunner Slash (na BIZZ 117), já estava na hora de vocês publicarem alguma coisa boa sobre os Guns. Melhor que a BIZZ, só duas BIZZ!!

Karla Maria Cunha, *Joinville/SC*

Querida e fundamental redação da BIZZ. Quero parabenizá-los e dizer que a seção *10 + 1 Perguntas Para...* estava nota 10 na edição 118. Arnaldo Antunes é 10, a BIZZ é 10, então não preciso de mais NINGUÉM.

Fábio Roberto Jr., *Pirituba/SP*

PAZ PARA KURT COBAIN

Sou uma fã do Nirvana revoltada. Não me conformo como o brega do Lulu Santos falou com desprezo de Kurt Cobain na BIZZ 118. Infelizmente, Cobain morreu e também infelizmente Lulu está aí, para testar nossa paciência com suas musiquinhas repetitivas.

Fabia Vicentini, *São Paulo, SP*

Gostaria de pedir um favor a alguns jornalistas e fãs insistentes: deixem o Kurt Cobain descansar em paz! Já deu no saco essa falação sobre Kurt, o Nirvana e Courtney Love. Já se falou o suficiente sobre o assunto e, além do mais, há coisas muito interessante acontecendo no meio musical.

Rick Ishak, *Belém/PA*

DÁ-LHE LULU!...

Gostei muito da entrevista que acabei de ler com Lulu Santos, publicada na BIZZ 118. Embora ele seja pouco sutil e muito direto em suas respostas, Felipe Zobaran e Sérgio Martins souberam ter paciência para nos apresentar um Lulu Santos de gênio forte e difícil. Se fosse diferente, não seria o Lulu.

Priscilla Guerra, *Bauru/SP*

Fiquei muito feliz ao me deparar com o velho e bom Lulu Santos na capa do meu segundo exemplar como assinante!! Finalmente a BIZZ se tocou que não só os novos grupos são legais. Os "velhos" também tem o seu valor.

Ricardo Nogueira, *Campinas/SP*

Lulu Santos é sempre um bom motivo para esquecer da correria e ler coisa boa e bem temperada. A entrevista da BIZZ 118 está soberba. Lulu Santos é um mix entre letra e ritmo.

David Nóbrega, *João Pessoa/PB*

**"BIZZ É UM TESÃO!!
Acho que não é preciso fazer mais nenhum comentário"
Andressa Marchiori, *Curitiba/PR***

...E TOME LULU

Achei ridículas as declarações de Lulu Santos, criticando bandas como Aerosmith. Logo ele, que é um músico (!!) claramente comercial, que faz seus álbuns apenas com a música que está na moda. Espero que a grande BIZZ continue assim, com entrevistas polêmicas.

Daniel Angra Kernhard, *Porto Alegre/RS*

O Lulu Santos é ridículo. Esse "#@#" ocupa dez páginas da revista para dizer que a homenagem que os Red Hot Chili Peppers fizeram ao grande Jimi Hendrix no Woodstock 2 foi uma piada. Enquanto isso, ele chega ao topo das paradas com umas covers num comercial de TV.

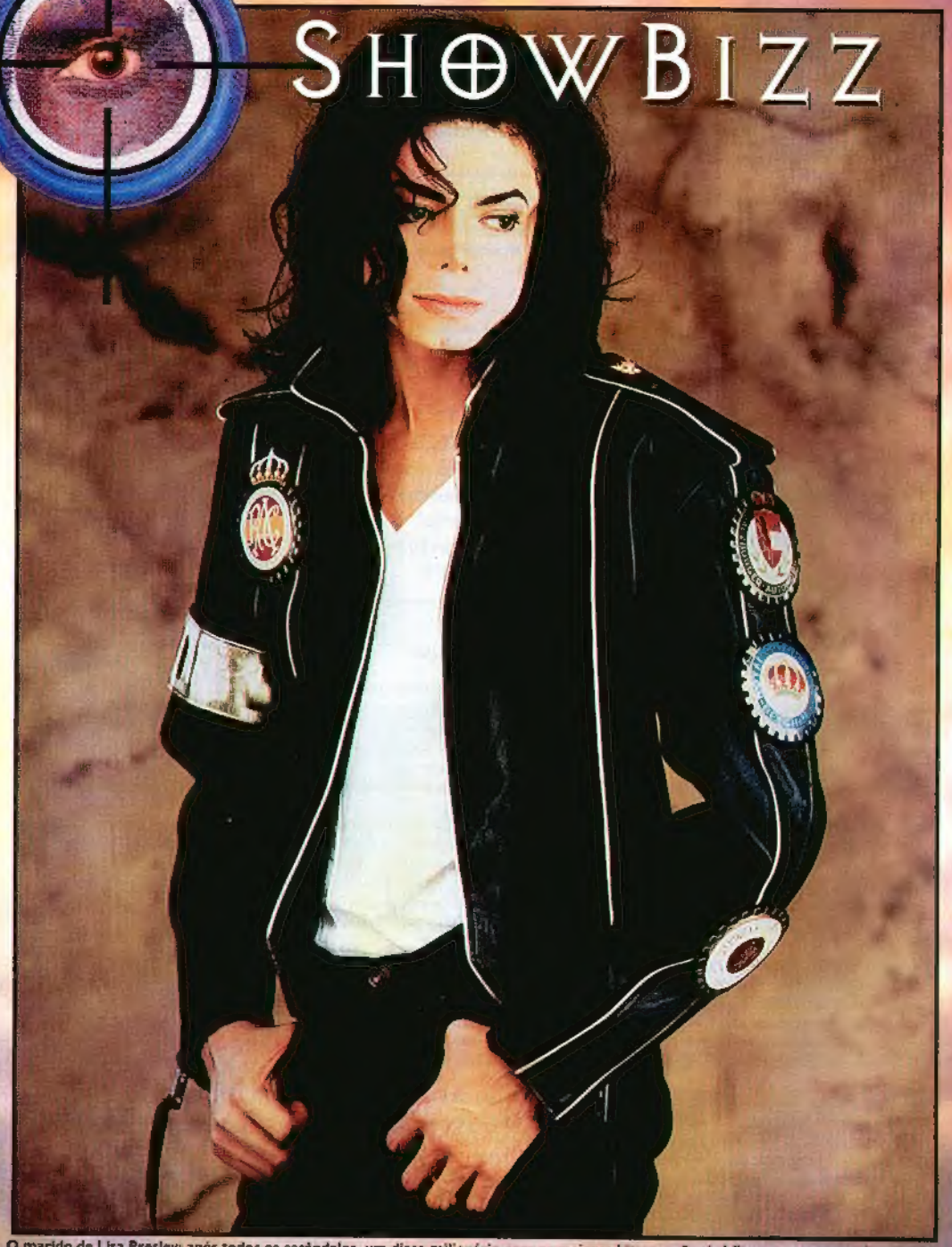
Rick Ishak, *Belém/PA*

PISADAS NO TOMATE

Nosso valoroso colaborador, René Ferri, corrige dois escorregões da edição de junho. 1) na resenha *Revivendo O Creedence*, saiu que Screamin' Jay Hawkins era o autor de "I Put A Spell On You" e "Suzie Q". Na verdade, a última é de Dale Hawkins. 2) *Trilhas Sonoras*, com The Jerky Boys: ("...há faixas inéditas – L7, 'Hanging On The Telephone', do Blondie..."). A faixa não é do Blondie. A gravação (do álbum *Parallel Lines*) é cover da original do grupo The Nerves – no qual despontava o autor, J. Lee. PS: O *Rapido & Rasteiro* da BIZZ anterior, que saiu sem assinatura, é de Jeferson De Sousa.

Aumente o som e sonhe.

Nestlé
O chocolate que eu quero.



O marido de Lisa Presley: após todos os escândalos, um disco milionário com os maiores hits, canções inéditas e novas parcerias

A VOLTA DO REI

Depois de quatro anos, Michael Jackson lança disco novo, espanta seus escândalos pessoais e clama seu lugar de realeza na música pop. *HIStory* é cercado por um esquema milionário para mostrar antigos sucessos e novas parcerias do cantor com Janet Jackson, R. Kelly e com o grupo Boyz II Men

"Enquanto houver música no mundo, ele será 'gigantesco'." A declaração de Freddy DeMann, empresário de Madonna, sintetiza a excitação em torno da volta do *popstar* MICHAEL JACKSON às paradas.

Dois anos depois de ter sido indiciado por abuso sexual a um menor e justificar seu brutal embranquecimento como vitiligo, o cantor lançou em junho o álbum duplo *HIStory – Past, Present And Future Book 1*, contendo antigos sucessos e gravações inéditas. A pergunta é: conseguirá Michael bater o recorde de *Thriller* (82), o álbum mais vendido da história da música pop?

No que depender da Epic/Sony, que gastou cerca de 30 milhões de dólares para promover o artista mais egocêntrico de seu *cast*, a resposta é sim. A estratégia de marketing da gravadora – que torce por um faturamento de mais um bilhão de dólares – é a cara do cantor: luxuosa, vaidosa e de gosto duvidoso. Só o clip de promoção do disco, no qual Michael desfila ao lado de um exército e acena para uma multidão em êxtase, custou quatro milhões de dólares. Dez estátuas de dez metros de altura estão rodando pela Europa para anunciar a volta do cantor ao trono da música pop.

Michael também não é bobo e sabe as regras do jogo. Tanto que se concordou em sair de seu casulo em Neverland – uma espécie de "parquinho" de diversões particular – e, ao lado de sua esposa, Lisa Maria Presley, dispôs-se a responder "tudo o que o povo queria saber" a respeito de suas esquisitices para uma repórter de TV (*mais detalhes na seção* Mix *desta edição*). Durante a entrevista, Michael disse ter relações sexuais normais com a esposa. Já Lisa falou que "não se importa com o fato das crianças 'adorarem' o marido e sempre insistirem em tentar dormir na cama do casal".

Michael voltou a chamar sua tentativa desesperada para virar branco de vitiligo e acha que a imprensa tem um ávido prazer em revirar sua vida pessoal pelo avesso.

Justo ele, um cara "normal", que passa horas por dia em uma câmara hiperbárica, porta-se como criança – aliás, anda com elas para todos os lugares do mundo – e veste-se como um alienígena andrógino!

HIStory... traz um Michael Jackson tentando seguir as pegadas da música negra atual – que, ironicamente, ele ajudou a construir. Trocou o veterano Quincy Jones pelo trio Dallas Austin, Jimmy Jam e Terry Lewis – responsáveis pelos grandes sucessos do rhythm'n'blues americano; elege R. Kelly, Shaquille O'Neal e Boyz II Men como parceiros e mostra sua veia piegas em "Childhood" – onde choraminga as agruras da infância – e regrava "Smile", de Charles Chaplin. O álbum vem puxado por "Scream", um clip de sete milhões de dólares, no qual Michael Jackson se degladia com a irmã Janet, num cenário espacial.

As modernizações deixam de constatar verdades em relação a Michael. Sua voz, antes poderosa, não passa de um fiapo agudo. Ouvindo antigos hits como "Rock With You" e "Billie Jean", tem-se a impressão de que ele nunca vai voltar à antiga forma. Mas ao se tratar de Michael, qualquer previsão é arriscada. Afinal, ninguém havia levado o pop a alcances estratosféricos tanto quanto esse senhor (37 anos em 29 de agosto), fez em *Thriller*. *SÉRGIO MARTINS*

BURTON, UMA LENDA DO ROCK

A banda paulista de rock'n'roll **HIDE-A-WAY CATS** é uma das mais sortudas do país. Em dois anos de existência já abriu os shows da temporada brasileira de Jerry Lee Lewis e, em abril, na gravação de seu primeiro disco (ao vivo, no Aeroanta, em São Paulo), contou com o guitarrista oficial de Jerry Lee desde 66: **KENNY LOVELACE**, 58 anos. Mas a grande atração do evento foi a presença de uma lenda viva do rock'n'roll: o ex-guitarrista de Elvis Presley, **JAMES BURTON**, 55.

Na única entrevista concedida a um jornalista brasileiro, Burton revela detalhes exclusivos de sua carreira.

Eric Da Hora

James: "É mais fácil dizer com quem eu não toquei"

Com quem você já tocou em todos esses anos de carreira?

É mais fácil dizer com quem eu *não* toquei: de Frank Sinatra, Sammy Davis, Jr. e Nat King Cole, até pioneiros do rock como Roy Orbison, Dick Dale, Jan And Dean, Bob Dylan, The Byrds, The Mamas And The Papas, The Monkees, Jimi Hendrix e todo o pessoal da Motown. Ultimamente toco com Jerry Lee Lewis, Elvis Costello e com quem me chamar.

Além disso você era amigo de grandes nomes do rock'n'roll, não é?

Andava de moto com Gene Vincent, Eddie Cochran e Johnny Burnette.

Como foi o início de carreira?

Ganhei a minha primeira guitarra aos 13 anos e, no ano seguinte, já estava tocando com Bob Luman. Gravei com Dale Hawkins ("Suzie-Q") e toquei com Rick Nelson de 57 a 64, quando entrei na banda do programa de televisão *Shindig*, além de atuar como músico de estúdio. Em 68, Elvis me convidou para ser guitarrista dele, função que exerci até 77.

E sobre Elvis Presley, quanto existe de lenda e de verdade sobre ele?

Nunca tive problemas com ele. Não preciso falar sobre drogas, pílulas e coisas do tipo. Era uma ótima pessoa e cumpria a sua função como artista. Quando precisava cantar ele estava lá e é isto que interessa. A sua morte, como a de outros artistas com quem toquei, me chocou muito. *Sérgio Barbo*

Moraes: disco acústico e histórias hilárias dos tempos dos Novos Baianos

DESLIGANDO o MORAES

Chegou a hora desta gente desplugada mostrar seu valor! Em junho, foi a vez de **MORAES MOREIRA**, que gravou um *Unplugged* para a MTV, que vai se transformar em seu primeiro disco pela Virgin. O show foi uma delícia, com o compositor baiano recordando sucessos como "Brasil Pandeiro", "Preta Pretinha" e "Pombo Correio". Outra atração à parte foi a platéia, cheia de gente carimbada: Marisa Monte (trocando carinhos mimosos com o namorado Davi Moraes, filho do compositor), os Raimundos (o vocalista Rodolfo com uma tremenda cara de sono) e André Abujamra (Karnak). Moraes ainda encantou o público com suas histórias sobre os Novos Baianos. Segundo ele, o grupo deixava de comer para comprar maconha e tocou num programa de auditório em troca de um fogão. *Moraes Moreira Unplugged* deverá chegar às lojas em agosto ou setembro. *Sergio Martins*

Foto: Célia Saito • Produção: Célia Saito • Make-up & Hair: Wilson Elodoro • Blusa: Forum • Saia: Rosa Chá • Sapato: Stefan Kerian

"VIAJANDO" COM TACIANA

Depois da Música Popular Brasileira e da Música Pernambucana Bacana, a nova MPB se decodifica em Música "Psicodélica" Brasileira. É assim que a cantora paulista **TACIANA**, ex-Gang 90, define o som de seu primeiro disco solo, *Janela Dos Sonhos*, lançado pela gravadora independente Natasha.

No álbum, Taciana se dedica exclusivamente à guitarra, herança do ex-marido e parceiro Edgard Scandurra, com o qual "via a guitarra de ponta cabeça" (Edgard, um dos melhores guitarristas brasileiros, é canhoto). Fã de Jimi Hendrix , King Crimson e Rita Lee, hoje Taciana se aproxima mais de seus amores atuais: Björk e TraceyThorn, tanto na voz quanto nas composições recheadas de elementos eletrônicos. *Cláudia Grechi*

RAMONES:
PERTO DO FIM?

Marky Ramone (à esquerda): "Vou tentar manter a banda junta"

London Features

Em entrevista exclusiva à BIZZ, o baterista MARKY RAMONE esclarece os boatos sobre a dissolução da banda e fala de Adios Amigos, supostamente o último disco dos Ramones.

Os Ramones vão acabar mesmo?
Acho que esse pode ser o nosso último álbum, mas ficaremos juntos pelo menos este ano e o próximo. Sei que Johnny e Joey são os que não estão satisfeitos com a situação, mas eu ainda posso continuar por um bom tempo, pois adoro tocar.

Ouvimos algo de que Joey não está bem de saúde, é verdade?
Ele ficou doente, com problemas na garganta, mas está bem agora. Teve que tirar uns meses de férias porque sua garganta é muito delicada e precisava descansar. Muitos vocalistas têm esse problema e o único remédio é descansar. Foi o que ele fez.

Então você tem planos para uma outra banda ou algo parecido?
Sim, mas não quero falar disso agora. Manter os Ramones unidos é o mais importante e usarei todo o meu poder para manter a banda junta.

O que você pensa da nova geração punk? Eles estão assinando com grandes gravadoras e alguns dizem que isso é errado. O que você acha?
Acho ótimo. Hoje, se você assina com uma grande gravadora e eles te dão apoio e te deixam fazer o que quiser, está tudo bem. Mas se você se perde na confusão, isso é ruim para a banda. Hoje existem gravadoras independentes tão boas que podem ser muito úteis para esse tipo de banda.

Quais são suas bandas preferidas?
Eu, pessoalmente, gosto do Rancid. Eles pegaram o visual do punk inglês e usaram o *background* dos Ramones e dos Sex Pistols. Nós regravamos juntos "I'm Against It", do disco *Road To Ruin*, dos Ramones, e que estará numa coletânea que sairá em outubro. Voltando aos Ramones e ao Rancid, acho que todas essas bandas têm um pouco de Ramones. E elas são boas.

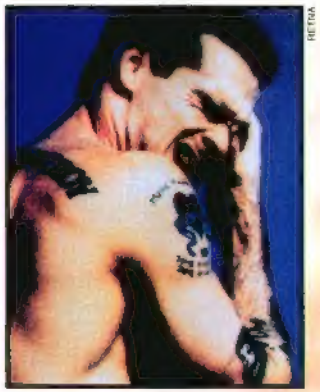
O novo punk rock é uma moda, como foi o grunge?
É uma moda. Eles voltaram aos anos 70, olharam The Clash e disseram "Vamos ser como esses caras. Vamos pegar isso e por ali". O punk não é, e nunca foi, *underground*. Na época do grunge, Kurt Cobain era um cara que adorava os Ramones e muitas dessas bandas grunges tinham um pouco de punk misturado ao heavy metal, meio a meio. Eu não me importo em ser da moda se você não a estiver comprando na Bloomingdale's ou na Macy's. Você tem que ser você mesmo, com a sua originalidade. Isso seria uma moda *cool*. Eu não vou comprar uma calça rasgada, vou usar a minha até que elas rasguem. Entendeu? *Patrícia Renda*

notas

É de babar a trilha sonora de **BATMAN FOREVER**, o novo filme do herói soturno: tem U2, Michael Hutchence (INXS), PJ Harvey, Offspring, entre outros. Aliás, a participação do U2 no filme renderá o novo single da banda : a música é "Hold Me, Thrill Me, Kiss Me, Kill Me".

*** E por falar em Michael Hutchence, o cantor anunciou sua saída do **INXS** por um período mínimo de dois anos, para investir em sua carreira solo

*** **HENRY ROLLINS** (foto) continua investindo no cinema. O fortão está no filme Heat (ainda em produção), ao lado de Al Pacino e Robert De Niro.


RETNA

*** **BILL BERRY**, baterista do **R.E.M.**, já se recuperou do derrame sofrido em abril deste ano durante um show do grupo na Suíça. Ele volta a manipular as baquetas este mês

*** **STEVE ADLER**, companheiro de baquetas de Berry, não teve tanta sorte: foi preso por porte de heroína. Por sinal, o vício que acabou por tirá-lo dos **GUNS N'ROSES**

Rui Mendes

Sr. Banana

O SR. BANANA foi a primeira contratação da Virgin brasileira. Pelo nome, dá para imaginar que se trata de mais uma daquelas armações movidas à lambada, pagode e o que estiver na moda. Ledo engano. Os integrantes do Sr. Banana vieram de bandas legais de Curitiba, como Boi Mamão e Falsa Doutrina e sua música é um apanhado das vertentes mais modernas do reggae, como *dancehall* e *lover's rock*, com aquela veia pop boa para se tocar no rádio. Produzido por George "Fully" Fullwood – lendário ex-baixista do Soul Syndicate ("os Beatles do reggae", faz questão de dizer) e Peter Tosh, entre outras feras –, o disco de estréia da banda chega às lojas este mês puxado por uma versão ska de "Ritmo Da Chuva", um sucesso da Jovem Guarda, além das balançantes "Encontrar" e "Como Te Encontrar". *Sérgio Martins*

VOCÊ *Vai* OUVIR *Falar* DE

Tricky

Muito já se falou da cidade de Bristol e de suas mais famosas crias, Portishead e Massive Attack. Agora é a vez de **TRICKY**. Se você acha que o máximo da melancolia e da estranheza está no insistente refrão "nobody loves me", na voz de Beth Gibbons, do Portishead, espere até escutar *Maxinquaye*, primeiro disco de Tricky. Estranho, melancólico, triste, profundamente *sexy*... Os chavões usados para definir o "som de Bristol" chegam ao extremo nas composições de Tricky, o "diabo" (como ele mesmo se define) do Trip-Hop (nome dado à mistura de hip-hop com *dub* feita por ingleses).

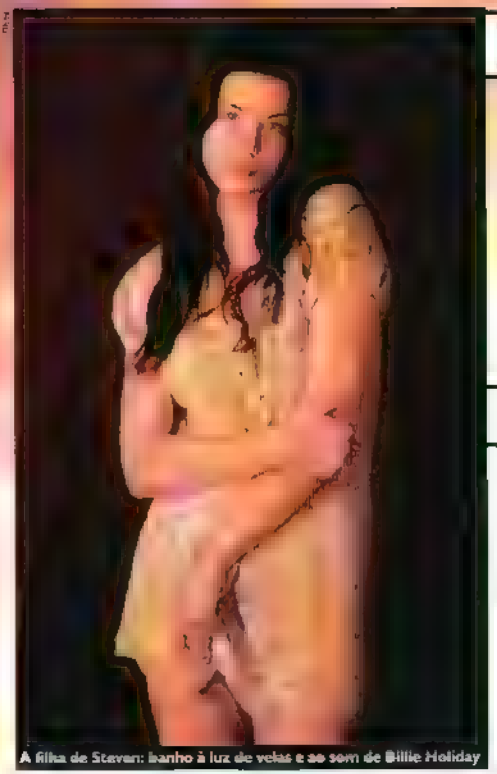
Tricky participou de projetos junto ao Massive Attack antes de lançar seu primeiro single, "Aftermath", em 93. Mas, só com o "estouro" na mídia do Portishead, as pessoas começaram a se interessar pelos outros "habitantes de Bristol". Antes tarde do que nunca. Tricky tem o dom de usar corretamente o *dub* sem ser chato e, contradição à parte, sem ser repetitivo, em belíssimas composições nas quais é quase sempre acompanhado pela cantora Martine e sua voz infantil. Estranheza e melancolia em doses corretíssimas. *Cláudia Grechi*

Cinco anos de saudades

No último dia 7, o rock brasileiro lembrou com tristeza os cinco anos da morte de CAZUZA. Símbolo maior de uma era de ouro do nosso rock n'roll, o vocalista do Barão Vermelho foi mais uma das inúmeras vítimas da Aids no Brasil.

Sua obra é composta por alguns dos mais intensos testemunhos de amor ao rock escritos no país. Ao lado do Barão, escreveu capítulos históricos da música brasileira, seja nos palcos espalhados pelo país ou nos estúdios, onde eternizou canções como "Maior Abandonado", "Bete Balanço", "Pro Dia Nascer Feliz" (com o Barão), "Ideologia", "Faz Parte Do Meu Show" e "Burguesia" (em carreira solo). Além da discografia oficial de Cazuza , a caixa de quatro CDs *Cazuza*, lançada no início do ano, é um bom resumo da sua trajetória.

Lucinha Araújo, mãe do cantor e presidente da Sociedade Viva Cazuza, afirmou que não havia motivos para lembrar a data com espetáculos ou qualquer tipo de acontecimento. "A obra dele está aí para ser lembrada, e isso já é suficiente", diz Lucinha. Até o fechamento desta edição nenhum evento em homenagem ao aniversário da morte de Cazuza estava confirmado. *Helio Gomes*



A filha de Steven: banho à luz de velas e ao som de Billie Holiday

LIV TYLER

UMA LOLITA PARA OS ANOS 90

Nem sempre filha de peixe, peixinha é. Às vezes, ela pode se transformar num belo de um peixão. É o caso de LIV TYLER, a filha de 17 anos de Steven Tyler, líder do Aerosmith. Ela começou uma carreira relaxada de modelo, aos 14 anos. Desde então, estetas antenados e *voyeurs* começaram a acompanhar cada pequeno passo dessa gazela moderna. Tarados de plantão já estavam ficando loucos para ver a beleza numa tela maior que a da TV, na qual apareceu, entre outros, no clip "Crazy", do próprio Aerosmith. Acalmem-se: ela já fez três filmes que estão para estourar!

Liv toma banho à luz de velas ouvindo Billie Holiday, morou no interior do Maine e só foi conhecer o pai aos 9 anos de idade. Liv afirma ter herdado nariz, lábios (e que lábios!) e pernas do pai, enquanto que da mãe (a modelo e ex-coelhinha da *Playboy* Bebe Buell) ela ficou com os olhos, bochechas e nádegas.

Ela estreou como atriz no suspense *Silent Fall*, de Bruce Beresford, ao lado de Richard Dreyfuss; foi depois uma garçonete em *Heavy*, ao lado de Debbie Harry e Evan Dando (Lemonheads), que revelou ser extremamente tímido em cenas de beijo. Agora, ela está finalizando *Empire*, sobre a geração shopping center, com direção de Allan Moyle (*Um Som Diferente*) e trilha sonora que inclui Evan Dando (*again!*), Michael Stipe, Tori Amos e outros. *Christian Petermann*

LOUCAS E PERIGOSAS

Se Prince levasse a serio sua porção mulher, certamente se pareceria com uma das meninas do TLC. Elas são a sensação do rhythm'n blues americano com o álbum *CrazySexyCool*, lançando recentemente no Brasil pela BMG-Ariola. Um dos destaques é "If I Was Your Girlfriend", sucesso do próprio Prince.

Mas nem "Sua Majestade Púrpura",em seus momentos de macheza, chega perto da atitude do TLC. Elas falam palavrões e estão sempre metidas em escândalos. Como o da vocalista Lisa "Left Eye" Lopes, que botou fogo na mansão do namorado num ataque de ciúmes. E ele, no melhor estilo "mando de malandra" ficou mais apaixonado ainda.

Já que você foi apresentado ao TLC, vale um toque. O trio brilha em *House Party 3* (Mundial Filmes), o terceiro episódio das aventuras dos *rappers* Kid'N'Play. Elas aparecem como Sex As A Weapon, um grupo de rap. As meninas mandam ver no vocabulário malicioso, desfilam um rosário de imitações e detonam um rap com o Kid'N'Play. *Sergio Martins*

Palavrões e escândalos são elementos constantes na atitude do trio TLC

PARALAMAS

EM BUSCA DO PASSADO

Mudanças de planos na carreira dos **PARALAMAS DO SUCESSO.** A experimentação de *Severino* – "um 'fracasso' que vendeu 80 mil cópias", observam os músicos – cedeu espaço para a música pop. A mutação pode ser conferida no disco/vídeo ao vivo *Vamo Batê Lata*, gravado no final do ano passado no Palace (São Paulo)

O disco traz como brinde um CD de quatro faixas, onde eles resgatam a veia "paralâmica" de composição que os consagrou em discos como *Selvagem?* (86) e *Bora Bora* (88). Sao elas: "Uma Brasileira", composta em parceria com Carlinhos Brown e com participação especial de Djavan, a balada "Saber Amar", o rap-panfletário "Luis Inácio (300 Picaretas)" e o rock "Essa Tarde"

"Eu estava sentindo falta de compor melodias assobiáveis", confessa o vocalista e guitarrista Herbert Vianna, direto de Londres, onde mata as saudades da mulher Lucy e do filho Lucas. "Cansei de espremer o cérebro. A gente não estava fazendo coisas alegres, bem-humoradas."

Esta "cruzada paralâmica" em busca da popularidade perdida começou a dar bons resultados. O vídeo de "Uma Brasileira" passa direto na MTV e a música é bem executada nas rádios que torceram o nariz para *Severino*. "Não temos como parâmetro tocar nas rádios. Passamos incólume pela onda do pagode e da dance music", ironiza o baterista João Barone, durante entrevista nos escritórios da EMI-Odeon (no Rio).

Herbert Vianna, João Barone e Bi Ribeiro, investindo em melodias simples e fáceis

Porém, Barone reconhece que é bem agradável sentir o gostinho de tocar nas rádios novamente.

O guitarrista fala com disposição de seu novo parceiro, Carlinhos Brown. "Ele é um fluxo ininterrupto de idéias, o Brasil ainda vai se dar conta da genialidade de Carlinhos Brown", exulta. "Luís Inácio (300 Picaretas)", música apoiando o presidente do Partido dos Trabalhadores nasceu de "uma decorrência natural da observação sobre o país", diz Herbert. O guitarrista preferiu se esquivar de assuntos mais polêmicos como a greve dos petroleiros e a privatização da Petrobrás. "Não tenho uma opinião formada."

Em *Vamo Batê Lata*, a banda executa alguns antigos sucessos como "Meu Erro" – acrescida do tema "Soul Sacrifice", de Santana – e "A Novidade", além de músicas do disco *Severino*. O vídeo, por sua vez, traz cenas da apresentação dos Paralamas no Palace, um show do grupo no Marquee (lendário palco de Londres, que já abrigou de Rolling Stones a The Police), além dos depoimentos de Carlinhos Brown e do roqueiro argentino Charlie Garcia. As quatro músicas inéditas serão incluídas na próxima turnê da banda, que passa pelo Nordeste e pelo sul do país, para chegar no Rio de Janeiro e em São Paulo no mês de agosto. Os Paralamas também têm apresentações marcadas na Argentina, Chile e Venezuela, além de tocar na Espanha,ao lado do grupo Securidad Social

O GRUPO LANÇA O DISCO/VÍDEO AO VIVO VAMÔ BATÊ LATA E ANUNCIA A RETOMADA DA VEIA POP EM SEUS NOVOS TRABALHOS

Os Paralamas acham que ainda é cedo para se pensar num novo disco de estúdio – "só gravamos essas músicas inéditas porque elas estavam 'fervendo'", diz o baixista Bi Ribeiro –, mas o trabalho de composição não pára. O trio volta a compor junto, fórmula utilizada em *Selvagem?*, e Herbert escreveu uma nova música e fez questão de mostrá-la aos parceiros por telefone. A letra fala da questão racial e a melodia de jeitão pop arrancou gritos de aprovação de Bi e Barone.

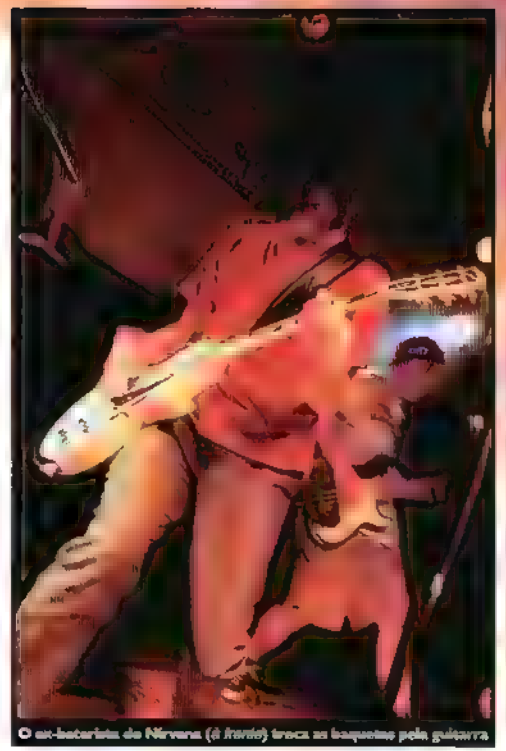
Pelo jeito, o grupo está prestes a reconquistar a legião de fãs das melodias simples e fáceis de "Óculos" ou de "Alagados", que não gostaram nem um pouco da troca por músicas "difíceis" e pelos experimentalismos. *SERGIO MARTINS*

"FILHOS" DO NIRVANA SE LANÇAM NO MERCADO

Com a dissolução do Nirvana, seguida pelo suicídio de Kurt Cobain, vários grupos tentam alcançar a popularidade obtida pela banda de Seattle Adicione mais um nessa relação: os **FOO FIGHTERS**, liderados por David Grohl, que trocou as baquetas pela guitarra, e o ex-The Germs Pat Smear – servo do Nirvana no último ano de vida de Cobain

Os Foo Fighters assinaram contrato com a gravadora Capitol (no Brasil, representada pela EMI-Odeon) e fizeram seu show de estréia em Londres, no King's College uma faculdade sem tradição nos anos 90. A apresentação resultou em reverências por parte da imprensa e delírio dos *indie kids*.

Ao vivo, a voz de David, quando não groariza nos refrões, é inferior ao resultado de estúdio. Smears segura a onda com garra e técnica apuncalhada O baterista William Goldsmith e o baixista Nate Mendel são competentes "This Is A Call", single de estréia da banda, será um dos hits do ano. Isto não quer dizer que o quarteto seja a oitava maravilha do mundo, mas um reflexo da falta de originalidade que caracteriza a década. *FERNANDO NAPORANO*



O ex-baterista do Nirvana (à frente) troca as baquetas pela guitarra

INCOGNITO EM RITMO DE BRASIL

O grupo inglês **INCOGNITO** tem fãs ardorosos nos Estados Unidos, Ásia e Europa e seu *acid jazz* com linguagem brasileira, já conquistou até ouvidos brasileiros, como o recentemente "convertido" Ed Motta. Este namoro com a música brazuca chega ao máximo em *100° And Rising*, novo lançamento do grupo. "Barumba", uma das faixas do disco, é uma bossa nova dedicada ao pianista Luís Eça. Mais: a música é cantada em português!

"Estava gravando, em Nova York, no mesmo estúdio em que Carlos Linge, da Liquid Sky, mixava umas faixas de *jungle*. Quando soube que ele era brasileiro, pedi que ele traduzisse umas letras. Carlos não só o fez, como ainda trouxe uma amiga, para colaborar no vocal", declarou Bluey, líder do Incognito.

O trio quer conhecer a "terra de Pelé e de Sérgio Mendes"

O sucesso do Incognito chamou a atenção de gravadoras e produtores, que agora procuram Bluey (nome de guerra de Jean Paul Munick), para trabalhar em diferentes projetos. Um deles — George Benson — foi irrecusável. "Produzir Benson é um sonho se tornando realidade".

Outro sonho do Incognito é vir ao Brasil. "Um país de contradições, música fascinante e idioma bonito. Está tudo lá. Estou louco para tocar no Brasil Afinal, é a terra de Pelé e de Sergio Mendes" concluiu Bluey. *CRISTINA RUIZ*

Tem cada vez mais gente abrindo a boca para defender o verde.

DAVID BOWIE REVIVE ANTIGA PAIXÃO

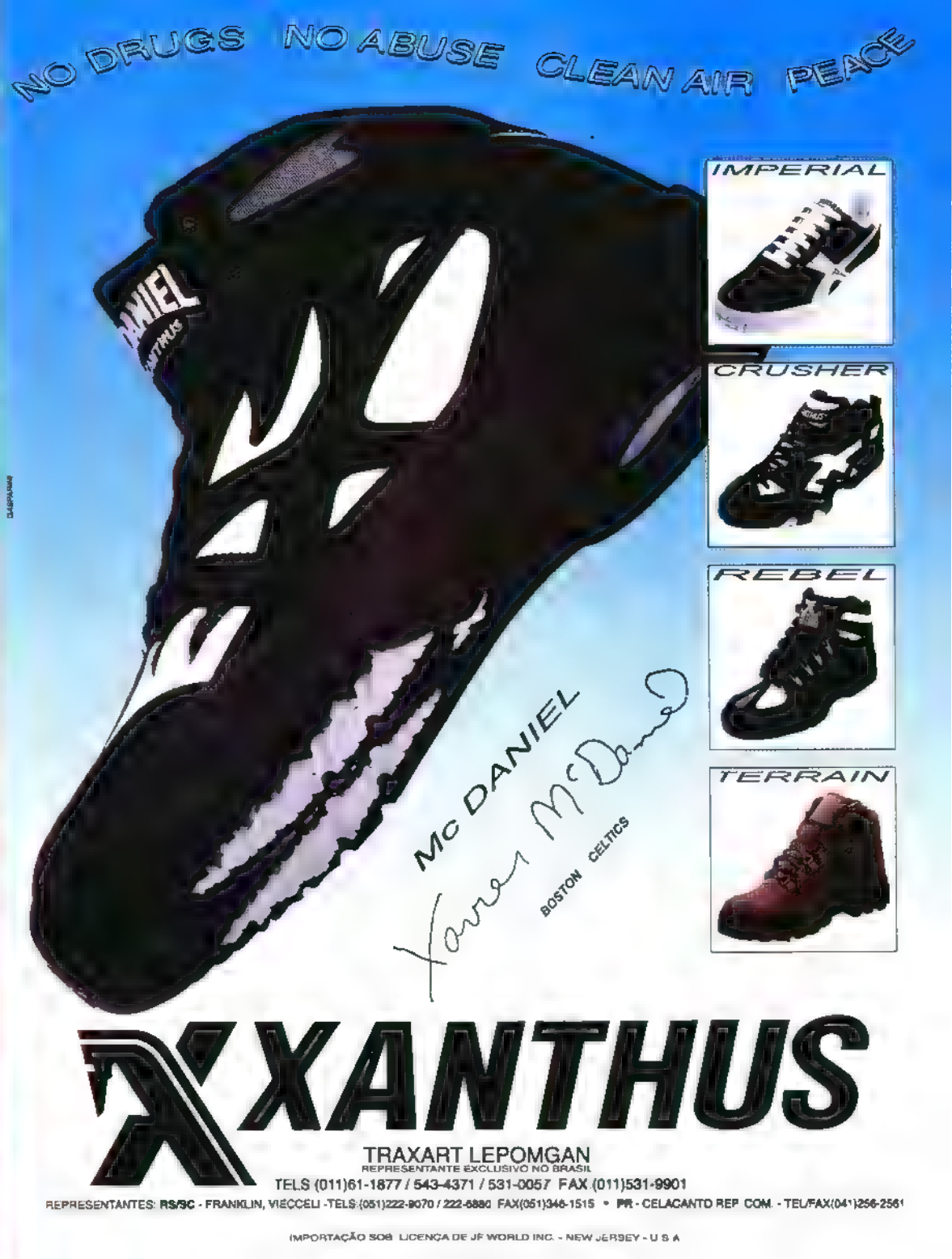
DAVID BOWIE mudou de gravadora – está na Virgin – e, para a estréia em sua nova casa, voltou a trabalhar com o produtor Brian Eno (U2, Talking Heads). A parceria entre os dois rendeu bons frutos à carreira de ambos: foi a época em que Bowie se mudou para a Alemanha e fez discos esquisitões – e ao mesmo tempo sensacionais – como *Low*, *Heroes* e *Lodger*. O novo trabalho de David Bowie e Brian Eno deve chegar às lojas em agosto e se chama *Outside*. Quem conhece a trilogia da dupla, está cruzando os dedos de ansiedade

O cantor retoma a parceria com Brian Eno

FALANDO EM AMOR ANTIGO...

Os Titãs voltam a trabalhar com o megaempresário do showbiz Manoel Poladian e deixam a pauleira de lado

OS TITÃS assinaram contrato com o empresário Manoel Poladian, que já havia cuidado da carreira do grupo de 86 a 92 – curiosamente, a fase de maior popularidade dos Titãs. Além da banda, Poladian também vai empresariar a carreira-solo do baixista Nando Reis. Os Titãs já estão reunidos para as gravações do novo disco, que deverá sair em novembro deste ano. A produção será de Jack Endino, o mesmo de *Titanomaquia*. Apesar de Endino ser mais conhecido no meio grunge (ele produziu Nirvana e Mudhoney), o novo disco dos Titãs deve retomar a linha antiga da banda, ou seja, menos porrada e mais pluralidade de ritmos. Só para lembrar, Poladian foi o responsável pelas históricas turnês nacionais do RPM. Recentemente, o empresário também assinou contrato com uma das mais promissoras bandas do pop nacional, o Maskavo Roots.



FEITIÇO GÓTICO

Maio foi um mês de glória para os góticos remanescentes da onda que varreu os buracos mais obscuros das metrópoles brasileiras nos idos de 85. O motivo para a festa foi a presença da rainha do estilo, **SIOUXSIE SIOUX** – hoje uma jovem senhora de 39 anos –, **AND THE BANSHEES**, a sua banda. Repetindo o sucesso dos shows que fez no Brasil em 85, o grupo tocou em São Paulo e no Rio.

Poucas horas antes do primeiro show em São Paulo, a cantora, o baixista Steve Severin e o baterista Budgie – atual marido de Siouxsie – receberam a equipe da BIZZ para três entrevistas individuais e exclusivas. Confira os melhores momentos do bate-papo.

SIOUXSIE SIOUX

• "Eu só me lembro que fiquei chocada com a pobreza do Brasil quando estive aqui há dez anos."

• "Gosto do Nirvana, eles souberam traduzir o que é rock em sua essência."

• "Não gosto de pensar no passado, assim como odeio ficar fazendo planos. Às vezes, acabo me lembrando de algumas coisas, quase sempre quando estou bebendo com meus amigos."

• "Odeio a Inglaterra e o Reino Unido. A mídia inglesa é hilária, são como pequenos insetos."

• "Tenho ouvido alguma coisa do Portishead, o álbum do Tricky com o Massive Attack e o *Mellow Gold*, do Beck. Mas eu ainda amo Iggy (*Pop*), ele ainda é 'O' homem do rock."

• "Não consigo acreditar que os Rolling Stones vieram ao Brasil pela primeira vez só agora."

• "As letras do Led Zeppelin são as piores do mundo: 'baby, baby, baby!'" (*imitando Robert Plant*)

• "A MTV é um verdadeiro monopólio. Eles têm poder demais dentro da indústria musical."

BUDGIE

• "A primeira vez que viemos ao Brasil foi muito estranho, estava muito calor e eu sofri muito com isso."

• "Quando um músico não se encaixa na família, sua presença pode ser um problema (*sobre as constantes trocas de guitarristas dos Banshees*)."

• "Posso ter uma participação muito maior numa gravação dos Banshees sem tocar bateria. Somos uma família mental, uma família estranha."

• "Sou um baterista econômico. Acima de tudo, sei quando não tocar."

• "Robert Smith (*The Cure*) sempre usa pijamas sob suas roupas. É por isso que ele não consegue se mexer."

• "Queremos fazer um novo disco dos Creatures (*grupo paralelo que ele fez com Siouxsie*). Nós não temos pressa, estamos gravando a cada seis anos."

STEVE SEVERIN

• "Demorou um bom tempo para voltarmos ao Brasil, mas tenho certeza de que vai ser fantástico outra vez."

• "O relacionamento em um grupo deve extrapolar o palco. É o motivo de trocarmos tanto de guitarristas."

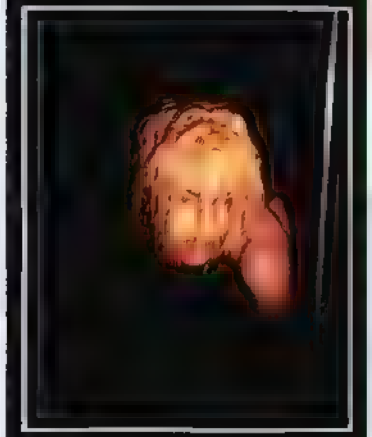
• "O novo pop não se resume apenas ao Blur e ao Greenday!"

• "Fazer a trilha sonora para *Batman*, de Tim Burton, foi um pesadelo. Os executivos tornam o trabalho em Hollywood algo impossível."

• "Somos uma banda fascista/democrática. Todos dão ideias, mas no final, eu e Siouxsie decidimos tudo."

• "Os Sex Pistols foram melhores que todo mundo e sempre serão. Não há nada legal para mim nesse *revival* do punk." *H.G. e S.M.*

DATAS



08/06 Em 1969, morria o guitarrista dos **ROLLING STONES**, **BRIAN JONES**. No dia 13 de junho foi anunciado que o substituto seria Mick Taylor

12/06 A cantora **COURTNEY LOVE**, 30 anos, líder do Hole e viúva de Kurt Cobain, foi internada em um hospital de Seattle devido à uma *overdose*. A polícia disse que Love ingeriu medicamentos legais durante um vôo que vinha de Nova York

14/06 O guitarrista irlandês de blues, **RORY GALLAGHER**, morreu em Londres, por complicações após um transplante de fígado. Gallagher tinha 46 anos e liderou o Taste nos anos 60, depois lançando-se em carreira solo

18/06 O músico e compositor **PAUL McCARTNEY** completou 53 anos. No dia 23 de junho, a Mundial Filmes lançou o vídeo *Paul Is Live*, gravado durante a última *world tour* de "Macca", que passou pelo Brasil, em dezembro de 93

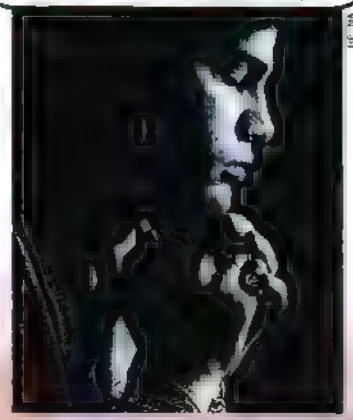
29/05 O "castelo do Iago", como **MADONNA** chama sua mansão, foi invadido por Robert Roland Hoskins, 37 anos. O "penetra" conseguiu pular o muro, lutou com um dos seguranças e se deu mal: foi ferido a tiros no braço e no abdômen (e deve ser indiciado por invasão de domicílio e tentativa de furto). Em julho do ano passado, outro "penetra" tentou pular o muro. Ele foi preso e condenado a um ano de prisão

02/09 Será inaugurado o primeiro museu do rock, em Cleveland, o **ROCK AND ROLL HALL OF FAME**. Na inauguração, que será transmitida pela TV para vários países, haverá um concerto com a participação de Bruce Springsteen, Chuck Berry, Jon Bon Jovi, The Pretenders, Aretha Franklin e Snoop Doggy Dogg

06/06 Há cinco anos, o disco *As Nasty As They Wanna Be*, do grupo de rap **2 LIVE CREW**, teve a sua venda proibida nas cidades da Flórida por causa de suas letras "sujas". Dois anos depois, o disco foi liberado, mas a polêmica em relação ao rap continua. Há uma grande onda de protesto em relação aos artistas de *gangsta rap*, acusados de incitar a violência em suas letras

EM BREVE

A alma dos Guns no Brasil



Como a BIZZ havia anunciado em sua edição de abril, o guitarrista **SLASH** vem ao Brasil mostrar as músicas de seu primeiro trabalho solo, chamado *It's Five O' Clock Somewhere*. Ele toca nos dias 24 e 25 de julho no Olympia (São Paulo). Dia 26 é a vez dos cariocas curtirem de perto a "alma" dos Guns N'Roses no palco do Imperator. Slash, que está vindo ao Brasil pela terceira vez – ele já tocou aqui em 91 e 92 – tem uma forte relação sentimental com a América do Sul. "Aqui o público é mais quente", costuma dizer. Os shows resgatam aquele clima de começo de carreira dos Guns, com rocks mais crus e básicos. Slash vem com a banda Snakepit, que tem Matt Sorum e Gilby Clarke, respectivamente baterista e ex-guitarrista dos Guns N'Roses.

DYLAN

EM CD, K7 E LP

UMA PERFORMANCE HISTÓRICA COM OS MAIS FAMOSOS CLÁSSICOS DE SUA CARREIRA TAIS COMO:
"Like a Rolling Stone"
"Knocking on Heaven's Door"
"Times they are A Changing"

MTV MUSIC TELEVISION

UNPLUGGED™

COLUMBIA

Sony Music

OUÇA ESSA

"Estou sem namorado desde outubro do ano passado. Para falar a verdade, estou louca de vontade de fazer sexo" • **BJÖRK** (*à esquerda*), na revista *The Face*

"Trent Reznor *(Nine Inch Nails)* diz que sou carreirista e é verdade. Mas ele é dez vezes pior que eu. Reznor pensa que é a maior estrela desde Elvis " • **COURTNEY LOVE**, na *Vox*

"Se você põe um filho da mãe na prisão, tranca a cela, leva a chave e diz: 'Vamos te fornecer três coelhinhas da *Playboy* diariamente', todo mundo vai querer ser preso" • **ICE-T**, na *Vox*

"Tenho certeza de que Keanu (*Reeves*) tem medo de mulheres, ele parece amedrontado. Esses garotos são completamente inseguros" • **JULIE DELPY**, na *Sky*

"Os anos de puberdade foram muito duros. Eu ficava no quarto, ouvindo punk rock, toda vestida de preto" • **PATRICIA ARQUETTE**, na *Sky*

"Temos o melhor líder do mundo. Ver Mick Jagger no palco por duas horas é algo especial" • **CHARLIE WATTS (Rolling Stones)**, na *Encore*

"Sempre esperei que voltássemos novamente, fazendo o mesmo que o Pink Floyd, um álbum a cada três anos. Mas foi uma pausa definitiva" • **STEWART COPELAND** (*na foto ao lado*), sobre o fim do grupo **The Police**, na *Encore*

"Uma caixa de chocolates europeu é, com certeza, bem melhor do que sexo" • **ALICIA SILVERSTONE**, a gata dos clips do Aerosmith, na *Movieline*

O maior cobra da guitarra ataca com a sua banda.

NO ÁLBUM

IT'S FIVE O'CLOCK SOMEWHERE

SLASH'S SNAKEPIT

Slash *(Guns N' Roses)* - Guitarra
Matt Sorum *(Guns N' Roses)* - Bateria
Eric Dover *(Ex Jellyfish)* - Voz
Mike Inez *(Alice In Chains)* - Baixo
Gilby Clarke *(Ex Guns N' Roses)* - Guitarra

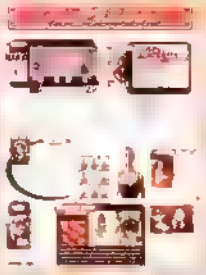
Corra até a loja de discos mais próxima e dê a sua picada.

Não se engane. Essa não é a Janet

Às vésperas do lançamento de seu tão esperado *HIStory...*, **Michael Jackson** deu as caras na capa da *Vibe* – apesar da revista não trazer nenhuma palavra do cantor. Jacko deu apenas uma entrevista para promover o novo álbum, no dia 14 de junho, à jornalista americana Diane Sawyer. O preço da exclusividade? Só sete milhões de dólares.

Paranóia americana

"Alucinação em massa? Desinformação? Ou apenas mais um elemento de culto no mundo pop?" Quando o assunto é a eterna histeria dos americanos em cima do mito dos Ovnis, questões como essas – levantadas pela *i-D* em sua "edição subversiva" – são praticamente impossíveis de se responder. Afinal, o que leva quinze milhões de pessoas a acreditarem que já foram raptadas por seres extra-terrestres pelo menos uma vez na vida? Coisa de louco!!

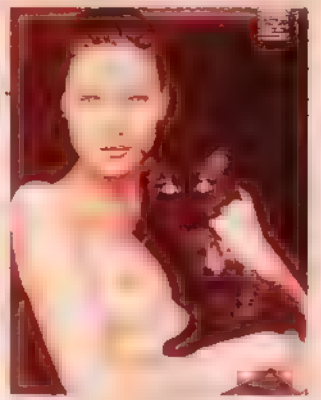


Sincronicidade

Essa singela coluna descobriu recentemente uma prima francesa. Trata-se da seção Ça Presse, editada nas páginas da *Max*. O espírito é exatamente o mesmo: analisar o que a imprensa pop vem abordando pelo mundo.

Boas novas na velha ilha

Chegou às bancas mais um veículo de imprensa britânico dedicado à música pop. Até aí, nenhuma novidade. Por incrível que pareça, o maior diferencial apresentado pela ótima *Encore* é a simplicidade: a revista não trata de nada além do mais puro rock'n'roll – como deixou claro a bela capa de estréia com ninguém menos que **Mick Jagger**.



E por falar em Jagger...

A protagonista do último *affair* do líder dos Rolling Stones ganhou destaque numa maravilhosa edição especial da *Photo* francesa, dedicada apenas às maiores *top models* do momento. Agora você já pode pegar o babador e se deliciar com toda saúde da italianíssima **Carla Bruni**. Esse é que é um velhinho de sorte!

Hélio Gomes

ENJOY IT

AMBIÇÃO LIMITADA

Objeto de desejo dos colecionadores, sonho de consumo dos fãs, as edições limitadas chegam ao mercado com embalagens exóticas e brindes estranhos

METALLICA SHOPPING CENTER Versão limitadíssima de *One*, com apenas mil unidades produzidas. Embalagem em forma de caixão cuja a tampa é uma caveira de cera em tamanho natural + 2 CDs ao vivo + 1 bandeira + 1 medalha comemorativa e um relógio. **R$ 500**

BLACK BOX A gravadora Wax Trax (especializada em techno) caprichou. A caixa é toda em metal coberto por uma rede de nylon (também pode servir de touca bagaceira) com 3 CDs + 1 livreto + 1 *patch* e até descansos para copo. Fora de catálogo, só há disponível uma versão em caixa de papelão. **R$ 63**

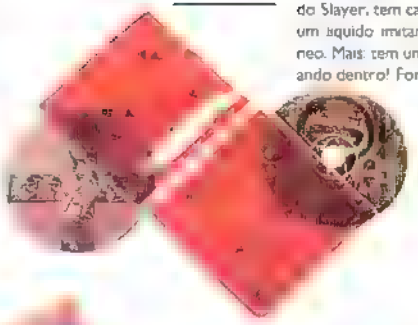
HENDRIX MUITO ESPECIAL Homenagem ao rei da guitarra para deixar o fã babando. *Blues* traz CD livrão, broche e bandana de tecido indiano legítimo. Destaque para o livro com fotos inéditas, como a que Hendrix aparece cortando o cabelo! Não, não é com serra elétrica. **R$ 60**

ALICE COOPER EM HQ Além de dois CDs – *The Last Temptation* e *Live at Electric Lady* –, a caixa traz uma HQ escrita por Neil Gaiman, o criador do *Sandman*. Esta fora de catálogo, mas há uma versão americana sem o disco ao vivo **R$ 23**

FETICHE IMACULADO Madonna é um luxo! Produção embecada que reúne o CD *Immaculate Collection* vídeo, cartões (com fotos manjadas, mas alucinantes) e pôster gigante com uma imagem clássica (literalmente falando). **R$ 70**

GRANABILLY "Podreira" também é gente É consome frescurinhas que vêm com CDs. Essa do Cramps, tem pôster, camiseta, dois CDs e até vinil picture viajandão. Fora de catálogo

ONDE ACHAR: SWEET JANE- Av. Paulista, 726 - lojas 09 e 10 São Paulo SP Fone (011) 288-4847



SUZANNE CLASSE A O disco-livro de 99 F. de Suzanne Vega, é simplesmente um luxo. O livro traz um ensaio fotográfico num circo dos anos 30. Confeccionado em papel cartão e vegetal, o designe gráfico é classe A. Coisa fina... **R$ 32**

SLAYER CIRÚRGICO Saca a lindeza: o single "Seasons in the Abyss", do Slayer, tem capa de plástico com um líquido imitando plasma sanguíneo. Mais: tem umas caveirinhas boiando dentro! Fora de catálogo

COISA CABELUDA A Cláudia Ohana vai morrer de inveja! A capa da versão especial de *Only Everything*, de Juliana Hatfield, é toda coberta de volumosos fios de pêlo falso. Vai saber o que ela quer dizer com isso... **R$ 25**

CDs DA LATA Nem tudo o que vem em lata redonda é pastilha. Tem também a trilha do Prince para o *Batman*, a versão *single* de *London Calling* (fora de catálogo), do Clash e o Meat Loaf. *Bat out of Hell II*. **R$ 32** (Prince). **R$ 35** (Meat Loaf)

PACOTÃO R.E.M. Dá-lhe Michael Stipe! Os fãs do cara estão bem servidos. *Monster* é um livro de 52 páginas, com um monte de ilustrações bacaninhas. *Automatic for The People* é tipo estojo, com um monte de postais. *Out of Time* é de amarrar (tipo anos 30), desmontável e com 10 postais. **R$ 40**

Michael Stipe pagando um mico limitado: imagem rara como as edições especiais

SATÉLITE

RAVE GIGANTE
LEVA EUROPEUS AO DELÍRIO

Quinze horas de piração: 40 mil jovens "enlouqueceram" durante a maior rave do mundo, na Alemanha

BERLIM

A melhor festa para se chapar, sacolejar e soltar os bichos acontece na Europa duas vezes por ano, alternadamente nas cidades de Berlim e Dortmund, na Alemanha. É o **MAYDAY**, a comemoração *rave* mais quente do continente. Rolando desde 91, o Mayday começou como uma festa techno, ganhou uma força incrível e saiu do *underground* para reunir milhares de jovens embalados em ritmos alucinantes e efeitos visuais e sonoros dignos dos filmes de Spielberg.

A última edição da festa, em 30 de maio, bateu todos os recordes de audiência e atraiu aproximadamente 40 mil jovens eufóricos, que viajaram de diversas partes da Alemanha e do resto da Europa, à procura de um lugar para botar os "podres" para fora e aliviar o espírito.

Os ingredientes milagrosos: quinze horas de piração (a festa começou às 6 da tarde e terminou às 9 da manhã do dia seguinte) comandada pelos DJs do momento da Alemanha, Inglaterra, França, Holanda e Estados Unidos, boas doses de álcool e substâncias mágicas como *ecstasy* e ácido lisérgico rolando direto. Afinal, estamos falando de uma *rave*.

Durante toda a maratona é óbvio que algo de muito especial pairava no ar. O ritmo contagiante fazia com que o termostato dos corpos dos gringos, jovens de 13 a 25 anos, girasse em torno dos 40 graus, como nos ardentes meses do verão brasileiro. Ninguém conseguia ficar parado. Tudo num clima onde não havia *superstars*. O público era a grande estrela, regido pela máxima *raver* de amor, paz, respeito e energia.

A festa virou o CD duplo *Mayday Reformation*, do selo Low Spirit, distribuído na Europa pela PolyGram. *Cristina Ruiz*

NOVA YORK

A volta dos mortos vivos Enquanto *clubbers* paulistas usam chifres diabólicos à la Alexandre Herchcovitch no "mundinho" de São Paulo, em Nova York o visual bizarro também está tomando as ruas. Os ricos e descolados *clubbers* novaiorquinos adotaram no seu visual noturno lentes de contato coloridas (*foto*), fiéis reprodutoras de olhos de gatos, caveiras "estampadas" na retina e outras esquisitices.

Lentes de contato bizarras: terror na noite de N.Y.

MANCHESTER

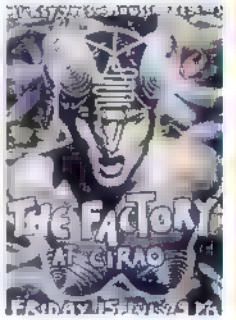
Piração sem risco Em época de campanha em prol do sexo seguro, agora é a vez da "jaca segura". A organização inglesa Lifeline organizou a *International Safer Dancing Conference*, a primeira conferência sobre o uso seguro de drogas utilizadas em clubes (principalmente o *ecstasy*). A idéia é explicar em um "A a Z" todos os cuidados que devem ser tomados pelos *clubbers* para não entrarem numa *bad trip*. O "beabá" do usuário começa com o básico: evitar a desidratação tomando litros de água enquanto dança e às vezes respirar ar puro.

LAS VEGAS

Vegas para a nova geração É com esse *slogan* que a cadeia mundial das lanchonetes Hard Rock Cafe está investindo no único hotel cassino com direcionamento para os jovens e gente que gosta de rock do mundo. O Hard Rock Hotel & Casino, em Las Vegas, inaugurado em março, tem tudo que os cafés têm, só que em proporções megalomaníacas. A proposta é inovadora e politicamente correta ao extremo: todos os objetos de vidro, alumínio e aço usados no hotel são reciclados, a limpeza é feita somente com material biodegradável e não tóxico e toda comida excedente é doada aos sem-teto. O Cassino não fica atrás: a renda é destinada à preservação das florestas tropicais. Tudo isso com rock rolando por todos os lados, das guitarras nas paredes (entre elas a *Flying V* usada por Lenny Kravitz no clipe de "Are You Gonna Go My Way") às fichas de roleta com motivos roqueiros (*fotos*).

PARIS

Nova também é arte Os *flyers* – criativos e bem elaborados convites para as *raves* européias que circulam todo fim de semana em Paris, Amsterdam, Londres e Berlim – ganharam asas e se transformaram em obras de arte pop. Os cartões estão chamando a atenção de críticos e a série criada pelo grupo holandês Dadara, por exemplo, está constantemente exposta em galerias de arte moderna.



DALLAS

Ganja livre Os plantadores de maconha do Texas querem a legalização do cultivo de *cannabis* nos EUA. E estão se mexendo para isso. Baseados em referências históricas que revelam que o primeiro presidente americano, George Washington, plantava e usava a maconha para diversos fins na sua fazenda, os cultivadores da erva estão carimbando um balão de quadrinhos com a frase "Eu plantava maconha" na imagem de Washington nas notas de dólar (*foto*).

NOTTINGHAM

Pamela Anderson cover Uma só é pouco... Os ingleses querem mais! Na *Beach Party* – dia 2 de junho no Nottingham Rock City – a principal atração da noite foi um concurso para escolher a sucessora de Pamela Anderson (*foto*). E os critérios de escolha obviamente não eram semelhanças quanto aos dotes intelectuais da atriz. Durante a festa, ainda rolaram sacanagens como areia no palco e mesas de piquenique na platéia. Quem foi vestido com roupas "de praia" ganhou dois drinques pela ousadia.

10 + 1 perguntas para Ed Motta

De volta ao Brasil depois de oito meses em Nova York, onde gravou um disco em inglês para o mercado internacional, Ed Motta deu uma reviravolta na sua vida artística e pessoal. Virou fã da música brasileira e admirador convicto de nomes como Tom Jobim e Chico Buarque. Está fazendo regime, mudando-se do Rio para São Paulo e, ao mesmo tempo, cai na estrada com um show acústico, numa temporada pelas principais capitais brasileiras.

Como rolou a sua ida para Nova York?
Fui com uma proposta da gravadora italiana Costa Est, para gravar um disco para o mercado internacional. Para me ambientar, fiquei seis meses de férias, e dois gravando.

E como é esse disco?
Ele é um caso complicado. Ainda não está mixado e nem tem previsão de lançamento. Tem um lado jazzístico radical e outro com uma veia pop fortíssima. Revela um lado novo do meu trabalho.

É verdade que ele foi gravado só com feras do jazz?
Eu mesmo acabei contactando os caras. Existe um catálogo telefônico em Nova York só com os músicos da cidade. E é só ligar e acertar a grana. Fiquei amigo do Paul Griffin – que tocava baixo no Steely Dan e é arranjador do Paul Simon –, e do Bernard Perdie, baterista genial. Liguei para ele e deixei recado na secretária eletrônica cantando as levadas dos discos dele *(fiz os shuffles com a boca)*. O cara pensou que eu era maluco!

Apesar dessa incursão no jazz, parece que você está apaixonado pela MPB.
Em Nova York eu chorava ouvindo Chico Buarque. Eu estou louco por caras como Edu Lobo, Guinga e Tom Jobim. Nunca pensei que fosse chegar nesse ponto. É paradoxal, mas a MPB me pegou pelo lado erudito desses caras. Quando eu comecei a ouvir, falava: pô, eu nunca gostei disso... Que absurdo, que vergonha!

Mas você precisou ir para Nova York para descobrir isso?
De jeito nenhum! Eu já estava curtindo MPB antes de ir para lá. Além do contato com os músicos americanos, Nova York foi importante porque dei uma super relaxada por lá. Teve um lance de poder andar no parque, na rua. Pô, eu não ando na rua no Brasil, rola muito assédio. As pessoas vêm com aquela simpatia tipo "vamos falar com o gordinho ali, aperta ele, pega ele aí". Me confundem com um urso legal.

Estar excessivamente fora de peso grila você?
Estou numa dieta serissima, preciso emagrecer por causa da saúde. É engraçado que eu não tenho problema clínico nenhum, aquela história de glândulas e tal. O meu problema é comida mesmo. Pô, tomar aquele vinho... Comer para mim é um ritual.

Obviamente, a sua vaidade não vai pelo lado estético. Por onde vai? Tem a ver com fama, popularidade?
A minha vaidade pinta dentro do estúdio. É quase uma paranóia. Se não sai exatamente do jeito que eu quero, levanto a voz, fico tremendo todo. Este lado de se preocupar com a fama, não tem muito a ver com a minha personalidade. Eu não tenho vontade nenhuma de andar de limousine. Acho ostensivo até. Meu negócio é música.

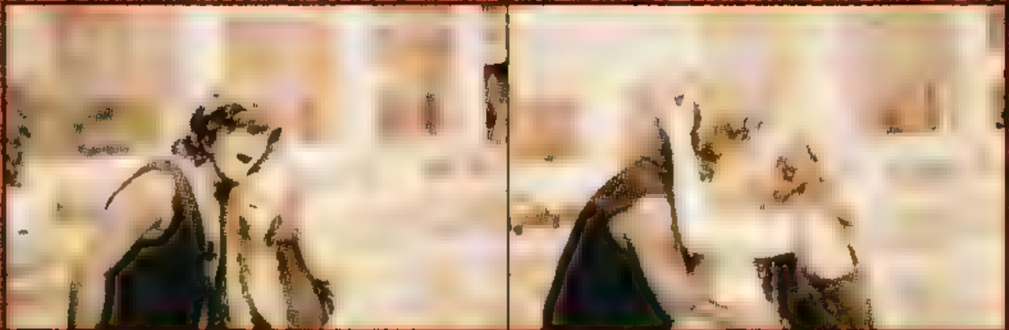
Seu discurso leva a crer que você quer virar um artista cult.
No show do Entre e Ouça, às vezes eu ficava com raiva do público que não entendia a sofisticação do som. Hoje, isso não me preocupa mais. Quero tocar no rádio, dar entrevistas, virar capa da BIZZ...Tô com a cabeça voltada para fazer um som mais acessível. É essa a chave para a galera conhecer meu lado mais elaborado.

Como vai a sua relação com o Tim Maia. Vocês estão brigados?
A última vez que falei com o Tim Maia foi no lançamento do meu primeiro disco. Não sei porque, ele achou que eu fiquei besta. Também deu umas declarações meio levianas. Falou de assuntos pessoais que não podem pintar na imprensa. Mas de qualquer modo, eu não levo a sério o que ele fala. Vindo dele, qualquer coisa é festa.

Finalmente, quais são os seus planos para frente?
Este ano gravo um disco no Brasil. Vai ser todo em português, com algumas composições influenciadas também pela MPB. Agora, estou rodando o país num show praticamente acústico. No repertório tem música nova, jazz e alguma coisa do Tom, do Chico...

ROBERT HALFOUN

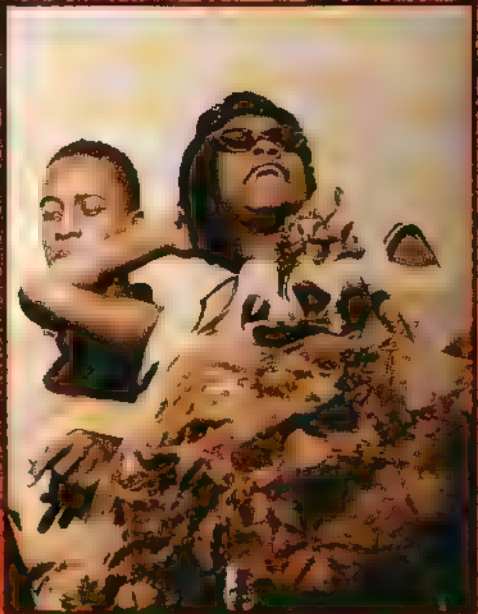
do Fundo do Baú



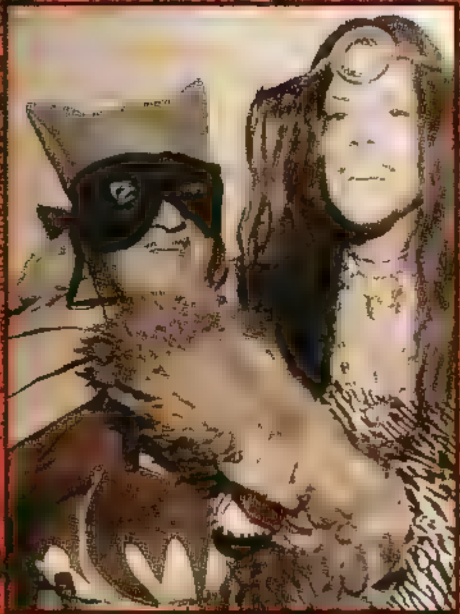
1º de fevereiro de 70: a prova definitiva do tão falado beijo na boca do roqueiro Serguei em Janis Joplin, durante a passagem da cantora pelo Brasil. Imagem inédita de uma das lendas do rock brasileiro.

Entre traças e muita poeira, no antigo acervo fotográfico do jornal carioca Última Hora (1951-1993), descobrimos imagens históricas. Algumas delas permaneceram inéditas até hoje e revelam momentos únicos de ícones da música pop que passaram pelo Brasil numa época em que o país nem sonhava em receber grandes shows internacionais

24 de abril de 58: o rei do rock. Bill Haley desembarca no aeroporto Santos Dumont, no Rio. As fãs fizeram a festa. Bem humorado, Haley barbariza e ensina passos de dança no saguão do local.

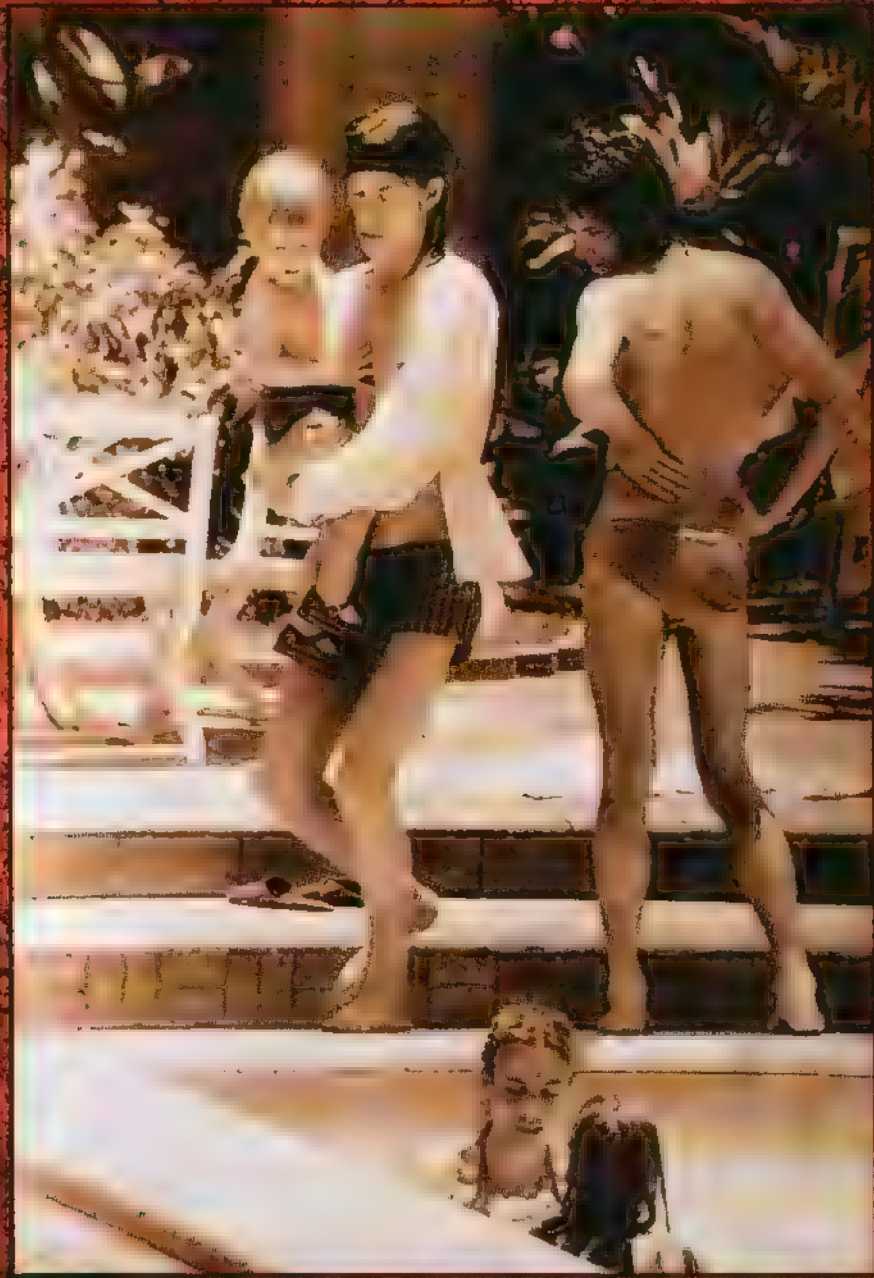


1 de agosto de 57: na escada do avião da Panair, muito sol e flores na chegada da grande diva do jazz Sarah Vaughan, na sua primeira passagem pelo Brasil.



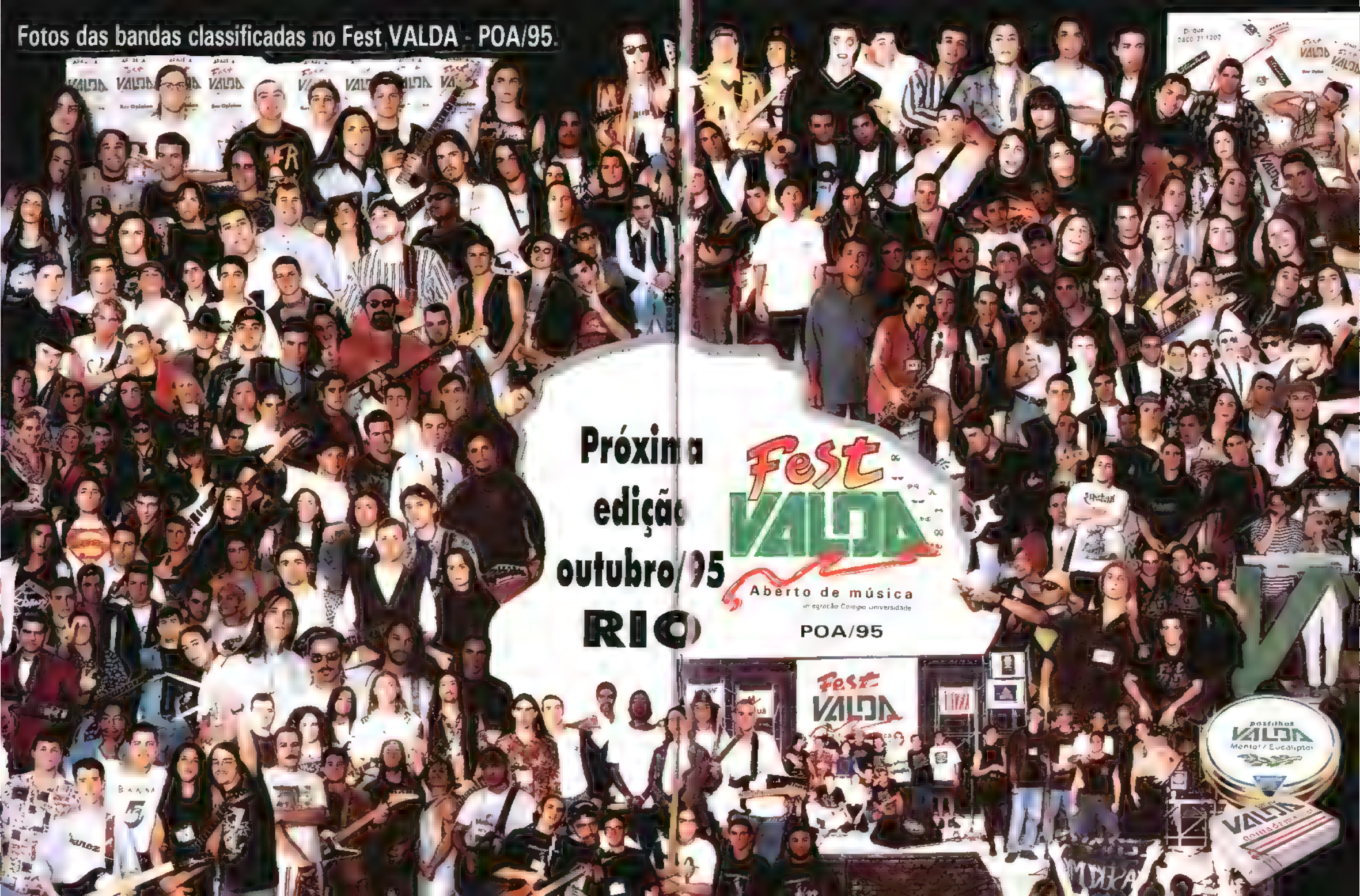
31 de março de 71: [illegible] "loucura" pós-70: O Batman e Chacrinha, o bicho-grilo e Baby Consuelo, nos bastidores do programa do Velho Guerreiro.

Noite histórica em 75: Jorge Ben e Gilberto Gil no set único da gravação do disco Gil & Jorge. Sem registro de data.

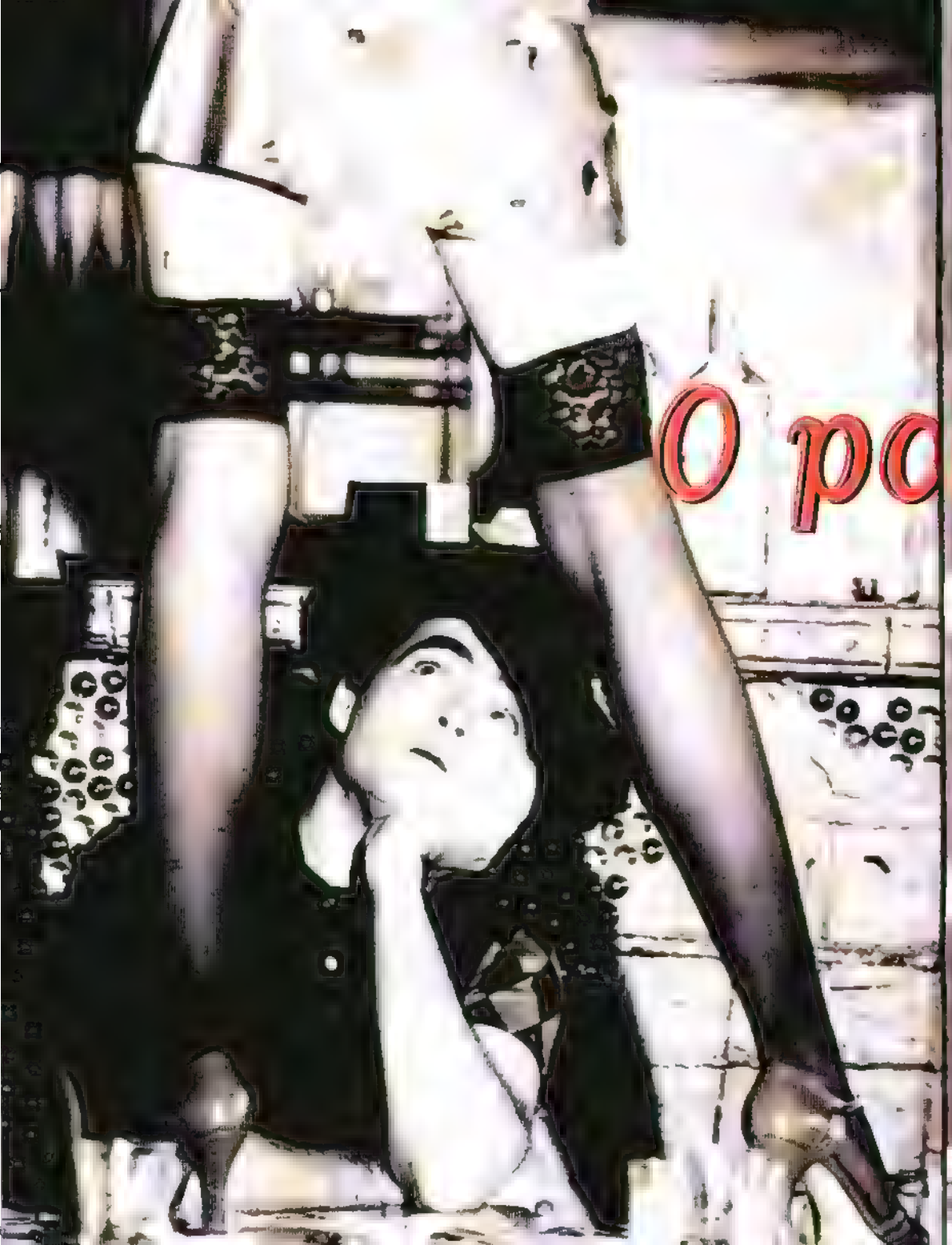


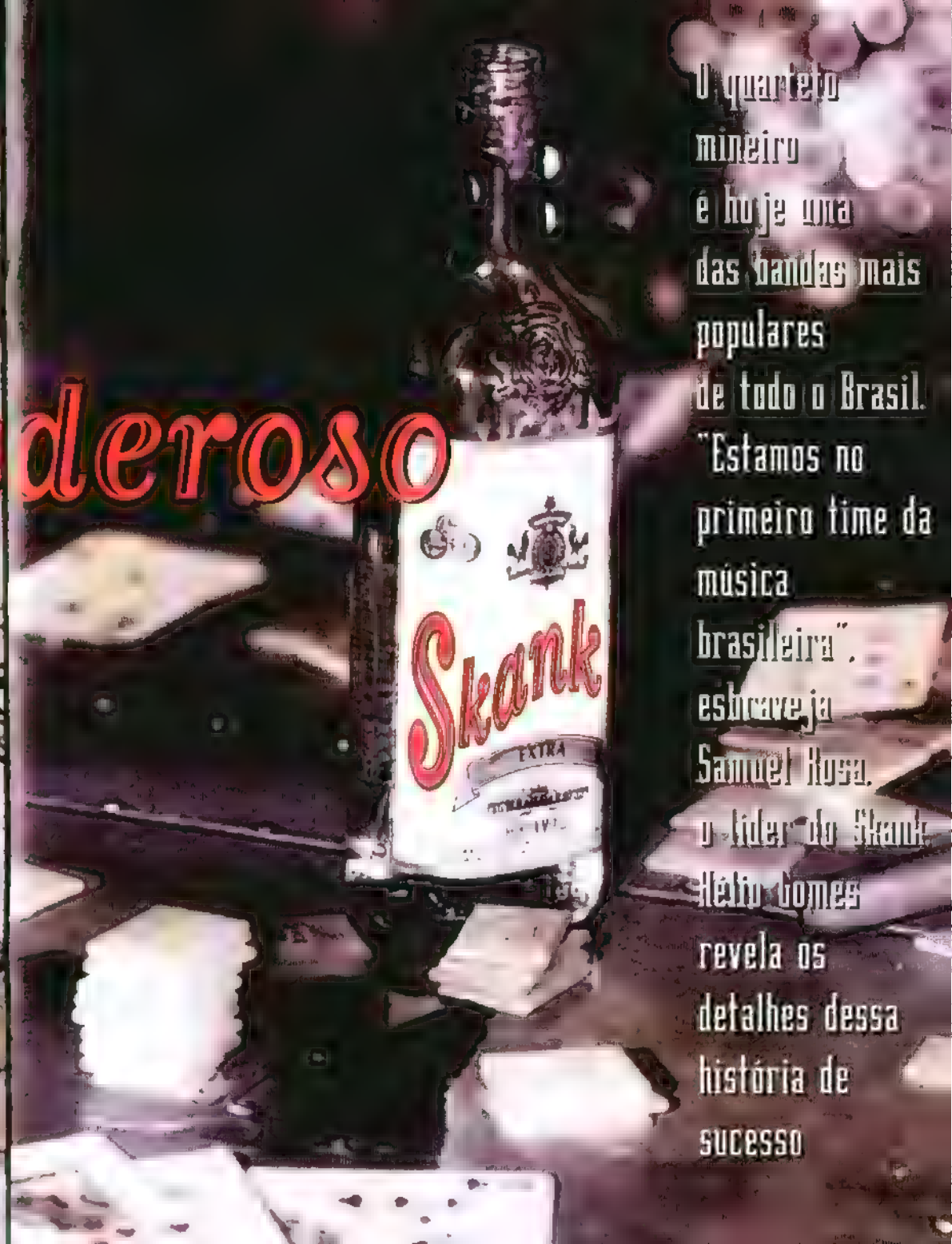
31 de dezembro de 68: Mick Jagger e Keith Richards flagrados na piscina do hotel Copacabana Palace, no Rio. Os interesses dos Rolling Stones no país eram a macumba e os ritmos locais.

Fotos das bandas classificadas no Fest VALDA - POA/95.



O poderoso





O quarteto mineiro é hoje uma das bandas mais populares de todo o Brasil. "Estamos no primeiro time da música brasileira", esbraveja Samuel Rosa, o líder do Skank. Hélio Gomes revela os detalhes dessa história de sucesso

Lagoa Rodrigo De Freitas, uma manhã qualquer do início de junho. O ponto de encontro é a boate Sweet Home, célebre por servir de palco para o famoso strip-tease proporcionado por Vera Fischer no final de seu tempestuoso casamento com o ator Felipe Camargo – fato comum nas quentes noites cariocas. Na porta, um aviso: "proibida a entrada de homem desacompanhado."

Lá dentro, devidamente acompanhados pela estonteante modelo Chris Moniz, Samuel Rosa (voz e guitarra), Lelo Zaneti (baixo), Haroldo Ferreti (bateria) e Henrique Portugal (teclados) posam para a BIZZ. Era meu segundo encontro com o Skank

O clima de descontração imperava a não ser por alguns comentários temerosos e óbvios diante da beleza da modelo e das situações armadas durante a sessão de fotos "Em julho tudo se acerta", diziam os meninos, pensando na reação de suas respectivas namoradas frente o ensaio fotográfico visto nas páginas dessa entrevista

A situação descrita acima é exemplar. Em apenas três anos, tudo mudou para o Skank E continua a mudar. "A verdade é que a vida ficou diferente, e rolou como as pessoas devem imaginar que rola com qualquer artista: às vezes tem o assédio, as pessoas te puxam, querem conversar", diz Samuel

Depois da estréia em 92 (com o álbum *Skank*), a banda caiu definitivamente no gosto do público na virada de 95, graças a um disco repleto de *hits*, como "Te Ver", "Amolação" "Jackie Tequila", "É Proibido Fumar" e "Pacato Cidadão". "O *Calango* é muito mais o Skank do que o primeiro disco. E de certa forma foi um susto que em quatro, cinco meses, ele já tenha vendido 250 mil cópias", conta Haroldo, exatamente no dia seguinte à festa de entrega do primeiro disco de platina da carreira da banda, no início de maio, em Belo Horizonte, com direito a um show para quinze mil pessoas no estacionamento do maior shopping center da cidade

Naquele dia, a capital mineira assistia ao retorno de seus mais novos filhos pródigos. "Fazia dois anos que a gente não tocava em Belo Horizonte, e este show foi um momento importante para nós. O negócio é que o primeiro disco foi muito forte aqui em Belo Horizonte, e a gente se perguntava: 'Será que eles já enjoaram?' ", revelava Samuel, com sua fala característica, impregnada pelo carregado sotaque das Gerais

Pura bobagem, como provaram os milhares de fãs da banda que se acotovelaram durante duas horas de show – um acontecimento merecedor de destaque na primeira página do principal jornal da cidade e reportagem de três minutos nos noticiários locais de TV

Contudo, a dúvida exposta pelo vocalista mostra de forma perfeita a importância do momento pelo qual passa a banda "Eu considero que o Skank esteja no primeiro time da música brasileira sim, porque a banda é uma coisa legal, é uma coisa atual, que tem uma identificação muito grande com o público brasileiro. Acho que estar no primeiro time é ver que as músicas estão sendo bem executadas, o público está cantando junto e o disco vende bem. Por isso eu me considero no primeiro time "

A frase em primeira pessoa dita por Samuel revela sua posição de liderança dentro da banda, algo que nem de longe parece incomodar Lelo, Henrique e Haroldo

Se há algo que realmente impressiona em relação ao grupo é a sua unidade. Como uma turma de velhos amigos, os quatro integrantes do Skank têm seu próprio vocabulário, apelidos secretos e histórias divertidíssimas (e impublicáveis), reunidas durante as muitas viagens que o grupo tem feito pelo Brasil – para se ter uma idéia, eles tinham cerca de vinte shows agendados em todo o país apenas em junho.

A intimidade conquistada nos anos de convivência transparece a todo instante quando se está ao lado do quarteto Seja nas brincadeiras carinhosas, nas eternas discussões sobre futebol ou no bate-papo sobre o show da noite anterior, os quatro mineiros mostram-se sempre à vontade e sem qualquer tipo de reserva, tomando atitudes raras quando se está dentro da verdadeira fogueira de vaidades que é o meio musical em qualquer parte do planeta

Ao contrário do que acontece com vários grupos, o Skank parece se fortalecer na estrada. "É difícil mas é gostoso", concorda o empresário Fernando Furtado, que trabalha com a banda desde seu início e é o responsável pela organização de sua agenda lotada

O Skank em ação: da esquerda para a direita, Lelo Zaneti, Haroldo Ferreti, Samuel Rosa e Henrique Portugal

"O Skank faz Música Popular Brasileira, assim como o Roberto Carlos, o João Gilberto... O reggae é muito mais uma influência para nós"

Na estrada, o Skank colecionou histórias impublicáveis

"Queremos resgatar a música brasileira e assimilar as nfluências internacionais. Não tem sentido você querer ser o Sting u o Bono Vox"

fotos de Ernesto Baldan

Um dos maiores trunfos conquistados pelo grupo é a sua já famosa marca registrada, conseguida através da formação de uma forte personalidade própria. Não é exagero dizer que o Skank já faz escola, o que tornou as comparações com velhos ícones do pop nacional coisa do passado. Pelo contrário, a situação parece ter se invertido.

"Quando você percebe que dentro do meio musical existe respeito pelo seu trabalho, você acaba se tornando uma referência. E aí as pessoas acabam dizendo 'Ah, esse tipo de coisa é meio Skank'", diz Samuel.

Se há uma fonte na qual o Skank encontrou a matéria-prima para definir sua personalidade musical ela é o reggae. "Acho que esse não é o nosso estilo. Pelo menos pro Skank, o reggae é muito mais uma influência. O lance nosso é buscar algo brasileiro, de resgate. Se existe um filão mercadológico de reggae brasileiro eu não sei se o Skank poderia se encaixar. O Skank faz música popular brasileira como o Roberto Carlos, o João Gilberto..."

A declaração de Samuel pode deixar boa parte dos fãs da banda chocados. Afinal, o Skank não é uma banda de reggae? "Ah, a gente até tolera esse rótulo, mas eu não quero dizer que tenho uma banda de reggae, mandar meu disco lá para Jamaica e a galera rir (*risos*). Não tem como tocar reggae como os caras. O máximo que dá para fazer é tocar com sotaque", diz o vocalista.

Ao citar Roberto Carlos, Samuel imediatamente nos faz lembrar da participação especialíssima de sua banda no último especial televisivo do cantor e da regravação de "É Proibido Fumar" para o disco-tributo *Rei*.

No programa, assistido por milhões de brasileiros devidamente postados frente à telinha, o eterno "Rei da Música Popular Brasileira" protagonizou momentos de tietagem explícita.

Quando o Skank subiu ao palco para apresentar sua versão de "É Proibido Fumar", Roberto Carlos não resistiu e juntou-se ao quarteto. Apesar de toda a rigidez do especial, ficou claro que o maior vendedor de discos do Brasil estava curtindo – e muito – a situação.

Eu não sei se a nossa participação no especial e no disco-tributo *Rei!* foi algo tão importante", diz Samuel.

Se o Skank prefere não dar tanta bola para o caso, Roberto Carlos disse aos quatro ventos que adorou a história toda. "Gostei muito da versão do Skank para 'É Proibido Fumar'", declarou o cantor numa recente entrevista à MTV brasileira.

A posição de ponta de lança do pop nacional transformou o Skank no mais novo produto de exportação musical brasileiro. *Calango* está prestes a ser lançado na América Latina, com versões em espanhol para "É Proibido Fumar" e "Amolação" (rebatizadas de "És Proibido Fumar" e "Desesperación").

Segundo Dudu Marote, responsável pela produção de *Calango* – assinada também pela banda e o produtor Gaugum –, as versões em espanhol são o cartão de apresentação do Skank no mercado latino. E mais: a banda já tem um show marcado para outubro em Buenos Aires, na Argentina, que pode vir a ser o início de uma turnê por outras regiões da América Latina.

Ao romper as fronteiras do Brasil, a banda olha para trás e analisa o momento em que foi eleita uma das "novas caras da música pop brasileira" (capa da BIZZ de maio de 93).

A gente achou que ia ter um movimento de bandas naquela época. Quando a gente tocava "Indignação" nos shows, trocava os nomes das torcidas pelo das bandas. Era Raimundos, Virna Lisi, Pato Fu, Chico Science, Boi Mamão, Professor Antena e Mundo Livre. Existia uma coisa em comum entre essas bandas, esse resgate da coisa brasileira ao lado da assimilação das influências internacionais. Não tem sentido você querer ser o Sting ou o Bono Vox tendo nascido numa outra realidade", afirma Samuel.

Dois anos, um disco de platina e um sem-número de shows depois (inclusive uma histórica participação no Hollywood Rock 94, ao lado de nomes como Aerosmith e Robert Plant, entre outros), o Skank tem tudo para ser o maior porta-voz de toda uma geração de bandas brasileiras. "Acho que ainda é possível fazer um movimento dentro da música pop brasileira. Tudo que é consistente na nossa música veio de movimentos, como o clube da esquina ou a bossa-nova", afirma o vocalista, empolgando-se.

Movimentos à parte, o certo é que o Skank já conquistou seu lugar no seleto clube dos grandes nomes da música brasileira, conforme provam o mercado, o público e os mais respeitados nomes do meio. Agora eles também são poderosos. ■

REF T101
REF T91
REF T104
REF T94
REF T100
REF. T97
REF. T93
REF T106
FAX: (011) 881 9789
NEW ROCK
FONE: (011) 280 2952
REF T103
REF T98
REF T95
REF T105
REF T107
REF T96
REF T89
REF T90
REF T92
REF. T108
COMO COMPRAR:
SEDEX (ENTREGA URGENTE) - JUNTO AO SEU PEDIDO, ENVIE CHEQUE NOMINAL À NEW ROCK NO VALOR TOTAL DA COMPRA. PAGUE AS DESPESAS POSTAIS SOMENTE AO RETIRAR A ENCOMENDA NO CORREIO.
DESCONTOS DE ATÉ 40%
PARA REVENDEDORES
TOTAL DA COMPRA R$
END
Nº
CEP: FONE:
CIDADE: ESTADO:
MOD REF COR TAM.
PREENCHA CORRETAMENTE O CUPOM ACIMA E ENVIE PARA: NEW ROCK - RUA CAPOTE VALENTE, 242. SÃO PAULO-SP CEP 05409-000.
REF K002
REF K004
REF K006
REF K003
REF K001
REF K005
* ESTAMPA NAS COSTAS COM LOGOTIPO FRONTAL
REF K007
REF I001
REF I004
REF I006
REF I003
REF I013
REF I011
REF I012
REF I007
REF I005
REF A004
REF A003
REF A002
REF A001
REF 433
REF 430
REF 429
REF 432
REF 428
REF 431
REF 426
REF 427

Pink Floyd ainda longe do Brasil

Apesar do barulho de mídia que o Pink Floyd faz no país, do lançamento do CD ao vivo *P.U.L.S.E* e das especulações [illegible] viagem da nave psicodélica por aqui em 95, tudo indica que a banda não passa pelo Brasil tão cedo

por Robert Halfoun & Fernando Naporano (de Londres)

Pelo menos é o que diz o baterista Nick Mason, que falou à BIZZ numa entrevista exclusiva em Londres. "Por falta de tempo e compromissos familiares, o grupo não pôde incluir a América do Sul e a Austrália na excursão mundial do ano passado. Ainda não sabemos quando voltaremos a tocar, mas em princípio, não há planos para ir ao Brasil."

A vinda do Pink Floyd ao país, na verdade, depende basicamente de se banda vai mesmo voltar a tocar e quando O PF não passou pelo Brasil em 94 por motivos que não têm absolutamente nada a ver com itens fundamentais para a exclusão de uma praça numa grande turnê mundial, como falta de mercado ou poucas oportunidades comerciais. Pelo contrário, o Pink Floyd e toda a sua trupe de executivos reconhecem no Brasil um mercado em potencial e estão cientes do sucesso das passagens de nomes como os Rolling Stones, Madonna e Michael Jackson por aqui.

Isto significa que, dependendo dos esforços de empresários e principalmente do tamanho e da importância da empreitada, a hipótese de ter o Pink Floyd se apresentando em terras tropicais não está totalmente descartada. Pode estar até se tornando cada vez mais uma realidade.

Os três maiores empresários de eventos internacionais, Dody Cirena (DC-Set), Paulo Rosa (Promoter) e Roberto Medina (Artplan) estão correndo atrás e tentando negociar a vinda da banda para o Brasil. Segundo Paulo Rosa, o responsável pela passagem dos Rolling Stones no Brasil no começo do ano, é fundamental que o Pink Floyd esteja na estrada. Aí, o fã pode ficar mais otimista. "Eu já entrei em contato com os empresários da banda e eles se mostraram altamente interessados. Reiniciada a turnê que foi interrompida ano passado, é bem possível que o Brasil seja incluído nesse roteiro".

E existem trunfos para isso. Hoje mais do que nunca, o Pink Floyd é a banda que o brasileiro mais deseja ver se apresentando por aqui. Numa pesquisa recente, feita pela produtora de shows Water Brothers junto ao público das numeras atrações internacionais que passaram por aqui, foi constatado que o Pink Floyd está entre os três nomes mais cotados. "A galera fala muito também em Eric Clapton e U2, mas quando o tema é o Pink Floyd, a gente constatou uma relação de idolatria ab-

Pink Floyd

soluta. A banda é idolatrada por uns e odiada por outros", conta Cali Cohen, a coordenadora da pesquisa.

A idolatria, no entanto, se repete em outros picos do planeta e ficou comprovada no ano passado. Nas 77 cidades que a banda percorreu durante a turnê de *The Division Bell*, as 114 apresentações arrematararam mais de cinco milhões de pagantes num faturamento superior a 250 milhões de dólares.

Em Nova York, as 50 mil entradas para o primeiro show foram vendidas em apenas 37 minutos, a venda mais rápida da história. Os 60 mil ingressos para a apresentação no Rose Bowl, em Pasadena, também nos Estados Unidos, acabaram em 44 minutos.

Agora o movimento financeiro da "bolsa floydeana" está por conta do lançamento de *P.U.L.S.E.*, a tríade – CD duplo, vídeo e laser disc – fruto de várias gravações durante a mega turnê do ano passado, que está mais uma vez agitando o cenário pop mundial. Para começar pelo formato da caixa que abriga os dois CDs.

Projetado como uma espécie de envelope em papel cartão, além de um belo livreto com fotos, na borda do tal "envelope", surge uma pequena luz vermelha, que pisca intermitentemente, simbolizando o pulsar do coração do ouvinte. O brilho da luzinha pisca durante seis meses, até que as pilhas sejam trocadas.

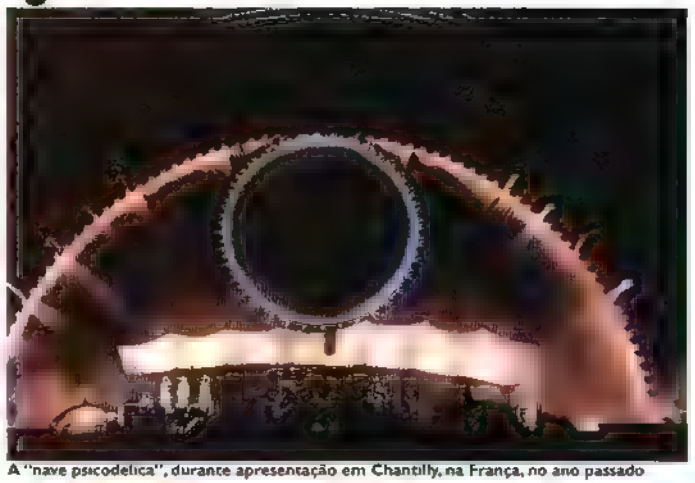
Recém-lançado em todo o planeta em edição limitada, o investimento feito para o lançamento do disco é tão impressionante quanto o da turnê. O trabalho de promoção desenvolvido para *P.U.L.S.E.* poucas vezes teve parâmetro no *showbiz*.

De festas megalomaníacas no último andar do Empire State (um dos prédios mais altos do mundo, em NY), com direito a lunetas apontadas para a lua (embora a banda tenha aplicado um "Tim Maia" e não deu as caras), ao convite para que jornalistas de todo o mundo fizessem entrevistas com a banda em Londres, a Sony garante que nunca foi montado um esquema parecido.

Pouco antes do lançamento mundial do disco, a gravadora se incumbiu de alojar 26 caras da mídia internacional nas suítes do Grovesnor House – o mais caro e luxuoso hotel londrino e preferido de nomes como Bob Dylan e a *top model* Claudia Schiffer – que por dois dias virou picadeiro do festival de entrevistas exclusivas.

O guitarrista David Gilmour falou apenas para a televisão, enquanto o baterista Nick Mason se encarregou do diálogo com a imprensa escrita.

Numa luxuosa suíte situada no ostavo andar do hotel, atrás das baquetas que em 27 de janeiro completaram meio século de vida, esconde-se "uma pessoa calma, que acorda cedo, brinca com os filhos, vai para o escritório e procura gastar o dia mexendo com carros".



A "nave psicodelica", durante apresentação em Chantilly, na França, no ano passado

Nick Mason, amante do automobilismo e fã de Senna, veio ao Brasil assistir ao GP de 91

O Pink Floyd se apresentou 114 vezes em 94: 250 milhões de dólares de faturamento

Educado, mas evasivo em questões relacionadas ao passado, Mason lamenta e se desculpa por ainda não ter passado pelo Brasil, país onde esteve há quatro anos para assistir ao Grande Prêmio de Fórmula 1 e ver seu "maior herói", o falecido Ayrton Senna.

Mason, aliás, é um ávido colecionador de carros esporte e já tem trinta modelos diferentes, incluindo algumas raridades na sua coleção. E se depender dos dividendos arrecadados só com a venda dos discos em catálogo do grupo, sua coleção não vai parar de crescer.

A vendagem de *P.U.L.S.E* promete. Reunindo as canções dos álbuns recordistas de vendas, *The Division Bell* e o antológico *The Dark Side Of The Moon*, só nos EUA, o primeiro aproxima-se das três milhões de cópias vendidas e o último, reproduzido integralmente ao vivo em *P.U.L.S.E*, já vendeu 28 milhões de unidades em todo o mundo e continua vendendo mais de um milhão por ano.

No Brasil, os álbuns da banda, já ultrapassaram a marca dos três milhões de discos vendidos.

Por isso, não é à toa que o investimento sobre o lançamento de *P U L.S.E* por aqui recebeu o mesmo tratamento de outros grandes mercados mundiais.

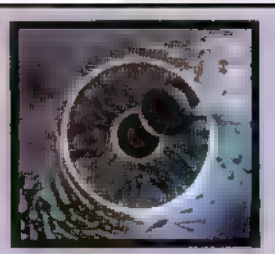
A Sony internacional mandou para o Brasil cem mil embalagens da edição limitada de *P U L.S.E* (o CD é nacional), enquanto países como a Argentina e México receberam apenas 20 mil.

Das tais cem mil cópias, metade foi vendida em apenas uma semana. Só a loja Planet Music, em São Paulo, foi responsável pelo "desaparecimento" de cinco mil unidades desse montante. "A procura é impressionante. O Pink Floyd sempre vendeu bem, mas dessa vez estrapolou. Até mesmo gente que pouco conhece a banda está comprando o CD", revela Adilson Silva, gerente de vendas da loja.

Enquanto o agito sobre o nascimento de *P U L.S.E* ferve, o interesse pelos antigos trabalhos do grupo aumenta. De olho nisso, a EMI-Odeon, dona do catálogo do grupo até 74, está relançando algumas obras-primas como o primeirão *The Piper At The Gates Of Dawn* (67), o "disco da vaca" *Atom Heart Mother* (70), e o primeiro ao vivo (parcialmente), *Ummagumma* (70), remasterizados.

Quase trinta anos depois do seu surgimento, o Pink Floyd continua mais vivo do que nunca. Para os brasileiros, em matéria de discografia, barulho e agitação em torno do "dinossauro psicodélico", não há motivos para reclamações. Só falta o show. ■

Cinco milhões de pessoas viram o Pink Floyd em 94. Mason lamenta que a banda não tenha ido ao Brasil



Eis o inevitável disco ao vivo da turnê *The Division Bell*, que varreu o hemisfério norte no ano passado. Não espere muito: o disco duplo divide-se entre os velhos hits e o material seboso do "novo" Pink Floyd.

A novidade fica por conta da gravação de *The Dark Side Of The Moon* na íntegra. Aqui vai uma dica: ouça a versão ao vivo e depois ponha para tocar a velha bolacha que traz o famoso prisma na capa. E perceba que David Gilmour nunca vai conseguir alcançar a dramaticidade vocal de Roger Waters.

Quanto ao resto, prepare-se para ouvir "Wish You Were Here" com o maior coral do mundo, "Comfortably Numb" "maquiada" para os anos 90 e uma interessante – sim, há algo bom! – releitura de "Astronomy Dominé", canção que abre o primeiro álbum do grupo, que contava com a guitarra e os vocais de Syd Barrett. Pois é, não há maneira melhor de ganhar dinheiro do que viver de um passado de glórias. Que o digam Gilmour, Mason e Wright. *Hélio Gomes*

"É o maior espetáculo da Terra"

O depoimento de Gustavo Dean Sampaio, o leitor que viu o megashow do Pink Floyd, depois de ganhar a promoção feita pela BIZZ/Sony, em 94

"A primeira surpresa veio ainda no caminho ao Giants Stadium. Aproximava-me do estádio e o vôo do multicolorido zepelim promocional da banda aumentava a minha ansiedade. Sabia que o circo era grandioso, mas não conseguia imaginar as verdadeiras proporções.

Dentro da arena, o tamanho do palco me chamou a atenção: gigantesco, parecia uma concha acústica futurista.

A tal ansiedade virava agonia. Enfim, ouvi bem ao fundo o som de um sintetizador.

A partir daí a emoção toma conta do fã que esperou anos por este momento.

Como em *P.U.L.S.E*, "Shine On You Crazy Diamond" abre o show e os músicos são ilum nados um a um. A tradicional tela em forma de círculo ergue-se e filmes começam a ser projetados (*foto*). O show estava apenas começando. Efeitos de iluminação incríveis, ruído de helicóptero, enormes javalis infláveis ao lado do palco e o Pink Floyd revela sua maior surpresa: a execução completa de *The Dark Side Of The Moon*. Era demais para uma noite só. Um festival de acontecimentos eletrônicos zuniam sobre a minha cabeça. Projeções, *lasers* e até um avião fazendo evoluções sobre a platéia tornavam aquele momento inesquecível.

"Wish You Were Here" foi cantada em uníssono pela galera. Pura emoção. Por fim, os músicos ficam invisíveis, tamanha a imensidão de luzes no palco. Fogos e *lasers* cruzam o céu. É o fim do maior espetáculo da terra, um show incrível, superior ao dos Stones. O diferencial é que a música e a imagem se integram com absoluta perfeição. Os brasileiros não podem ficar de fora."

Renascido das cinzas

Mais uma vez, as luzes da fama estão apontadas para o espectro de Jim Morrison. Com o relançamento em CD de *An American Prayer*, um dos maiores mitos do rock volta das trevas declamando poesia. Para Ray Manzarek, o tecladista do grupo The Doors, "agora o mundo está pronto para compreender as palavras de Jim Morrison"

Por Hélio Gomes

Jim Morrison está de volta. Mais uma vez. Vinte e quatro anos após sua morte – em três de julho de 71, em Paris, cidade onde seu corpo está enterrado –, o lendário vocalista dos Doors retorna ao centro das atenções graças ao lançamento em CD de *An American Prayer*, o primeiro disco póstumo de Morrison com sua banda

Essa nova "ressurreição" é apenas mais uma das muitas de um dos maiores mitos da história do rock. Como um Vincent Van Gogh do rock, o vocalista não viveu a plenitude de seu sucesso. Em vida Morrison era um *popstar* alternativo antes mesmo da invenção desse termo, abraçando um estilo de vida baseado em tudo que a filosofia *flower power* pregava, ou seja, muita loucura e atitudes capazes de chocar qualquer tipo de público

Ironicamente, Jim Morrison e os Doors, que sempre andaram pela contra-mão durante sua carreira, transformaram-se num dos mais rentáveis investimentos da indústria de entretenimento mundial

Lançado originalmente em 78, *An American Prayer* traz Morrison declamando seus poemas sobre uma base instrumental gravada pelos outros membros da banda, Ray Manzarek (teclados), Robby Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria). Já nos tempos de seu lançamento, o disco foi encarado como uma espécie de relíquia arqueológica pelos fãs dos Doors

Em meio ao turbilhão do relançamento de *An American Prayer*, o velho hippie Ray Manzarek encontrou tempo para falar à BIZZ. Dividindo seus dias entre o eterno revirar do baú dos Doors e o estudo de profecias sobre a virada do milênio, o tecladista mostra estar mais maluco do que nunca

Só para se ter uma idéia do estrago causado pelos tempos de loucura na cabeça de Manzarek basta dizer que um de seus passatempos prediletos nos dias de hoje é divagar sobre "uma nova religião, baseada na energia pura do Sol." E o decano bicho-grilo continua: "o milênio está para acabar, e a religião dominante na civilização ocidental deve chegar a um final muito em breve. E começaremos essa nova religião solar."

Não resisto e emendo: "Você diria que estamos esperando pelo Sol, como Jim disse uma vez?", me referindo à clássica canção "Waiting For The Sun", lançada pelos Doors em 68. "Sim, cara, nós estamos exatamente esperando pelo Sol! Você sacou, é isso aí!", respondeu Manzarek, para logo depois literalmente "entrar numas" e declamar um trecho da canção, parando lá pelas tantas. E a doideira não acabou por aí

The Doors: Jim Morrison, Ray Manzarek, Robbie Krieger e John Densmore

"A poesia de Jim está ainda mais viva hoje em dia"

Eis outros comentários de Manzarek proferidos durante o bate-papo: "Acho que as substâncias psicodélicas são muito boas para todos, especialmente àqueles caras que explodiram o prédio em Oklahoma. Dê LSD a eles, pegue-os e diga: 'sentem-se caras, tome isto e descubram o que é estar vivo'. É verdade que no Brasil existe uma religião baseada na erva *ayhuasca* (*o famoso Santo Daime*)? Isso me parece ótimo!!"

Mas vamos ao que interessa: Jim Morrison. "A poesia dele está ainda mais viva hoje em dia, pois agora é que as pessoas vão realmente entendê-la. Naquele tempo isso não acontecia. A mensagem das letras de Jim é muito mais importante hoje do que foi nos anos 60. Estamos chegando ao final do século 20 e precisamos de uma mensagem de liberdade, os jovens de hoje em dia precisam disso mais do que nunca", afirma Manzarek

Falando em jovens, o tecladista tem muito a dizer sobre os fãs dos Doors do terceiro milênio, em especial sobre a relação que eles têm com seus ídolos "Os jovens de hoje são muito inteligentes. Eles amam Jim Morrison, Jimi Hendrix... e isso é maravilhoso. Esses homens foram grandes artistas, mas infelizmente usaram drogas demais. E isso deve servir como lição, pois essas eram pessoas brilhantes. O que temos que fazer é entender suas mensagens e não imitar seu estilo de vida."

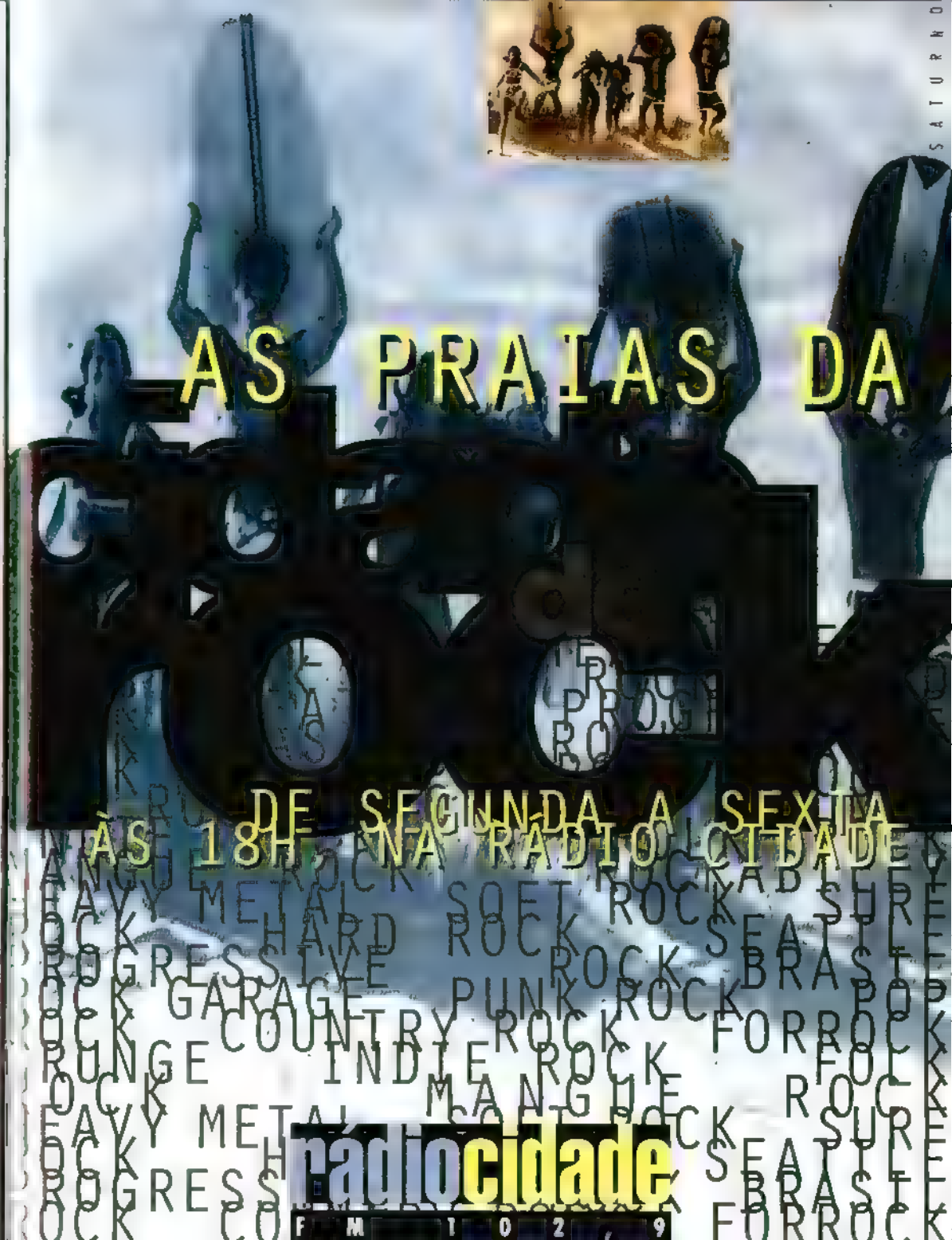
Ao pisar nesse terreno, Manzarek lembra de Kurt Cobain e uma triste, mística, coincidência "Com Kurt Cobain foi a mesma coisa, morto aos 27 anos. Todos tinham 27 anos Jim Morrison, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Brian Jones! Eles eram muito novos! Eu acho que os jovens de hoje sentiram o mesmo sentimento de perda e tristeza com o suicídio de Cobain que a geração dos anos 60 sentiu com a morte de Jim"

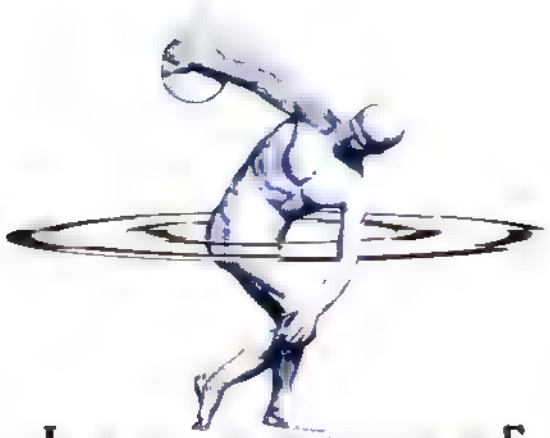
Voltando a Jim Morrison, Manzarek sai em defesa de seu velho amigo quando o assunto é o mal-fadado filme biográfico de Oliver Stone, *The Doors*. "Não gostei do filme, ele (*Stone*) transformou Jim num bebâdo maníaco. Jim Morrison era muito mais inteligente e sensível, ele não era um bêbado", diz o tecladista, que nas horas vagas dedica-se a projetos cinematográficos, como os vídeos dos Doors disponíveis no mercado.

Manzarek encerra a conversa deixando a certeza de que o rock'n'roll clássico está muito longe de cair no ostracismo. Se depender dos executivos das grandes gravadoras, de cineastas ou até mesmo de velhos músicos como o tecladista dos Doors, o público não vai deixar de ser bombardeado com relançamentos, biografias e raridades fonográficas de qualidade muitas vezes duvidosa

Quanto a esse *An American Prayer*, a qualidade do álbum é mais do que discutível, sobretudo por dois motivos. Um: Morrison está chapado o tempo todo, perdendo-se totalmente em alguns momentos – como mostrou o filme de Oliver Stone, na seqüência em que o cantor grava seus poemas sozinho num estúdio. Dois: as bases instrumentais lembram muito vagamente os momentos mais brilhantes da banda. Resumindo, o que salva o disco é seu caráter histórico – e, é claro, comercial

Os mesmos atrativos que levaram os membros remanescentes dos Beatles e do Queen a gravarem novamente em pleno 95 – com direito a "participações especiais" dos falecidos John Lennon e Freddie Mercury. Mórbido? Há quem diga que sim. ■





LANÇAMENTOS

Animais Tropicais

ARNALDO ANTUNES

RCA, BMG Ariola

Ninguem

São duas visões, olhares distintos lançados por duas das cabeças daquela famelica hidra chamada Titãs. De um lado, Nando Reis e uma peculiar estilização do *melting pot* rítmico dos trópicos. Do outro, a arte em pulsos e a meta-música – nem sempre compreendida – de Arnaldo Antunes.

No afã de potencializar a experimentação poética que roçava o rock dos Titãs, *Ninguém* – a bem da verdade, um desdobramento maduro e conciso do interativo *Nome* – terá ido ao encontro às expectativas do artista. Enquanto no disco anterior a conceitualização da palavra era perseguida sem tréguas, empurrando o ouvinte para uma dimensão contígua a do hermético *Araçá Azul*, de Caetano, sons e imagens se enroscaram com mais desenvoltura na nova gravação, engendrando outros sentidos – das *bossas naises* "Budismo Moderno" e "Alegria", os rocks enumerativos "O Nome Disso" e "Minha Meu". E se algumas faixas teimam em soar como enigmas a serem decifrados, sensibilidade e disposição lúdica serão os únicos requisitos para sua resolução.

NANDO REIS

Warner

12 De Janeiro

Por sua vez, coloquialismo, melodias ensolaradas, ecos da geleia geral dos anos 70 e um dom de trabalhar a matéria-prima nacional para dar forma a uma música própria, de expressão abrangente e universal, são predicados do disco de estreia de Nando Reis. Voz de dimensão inversamente proporcional ao seu talento de compositor, ele passeia sem sobressaltos ao longo de tesouros como "O Seu Lado De Cá", "Bom Dia" e "ECT".

Por conta desses discos, Arnaldo e Nando posicionam-se entre os criadores de uma nova linguagem sonora e, nem de longe, parecem perturbados pelo clichê que eles mesmos, precursores, ajudaram a formatar: esta tal de música pop brasileira. ARTHUR G. COUTO DUARTE

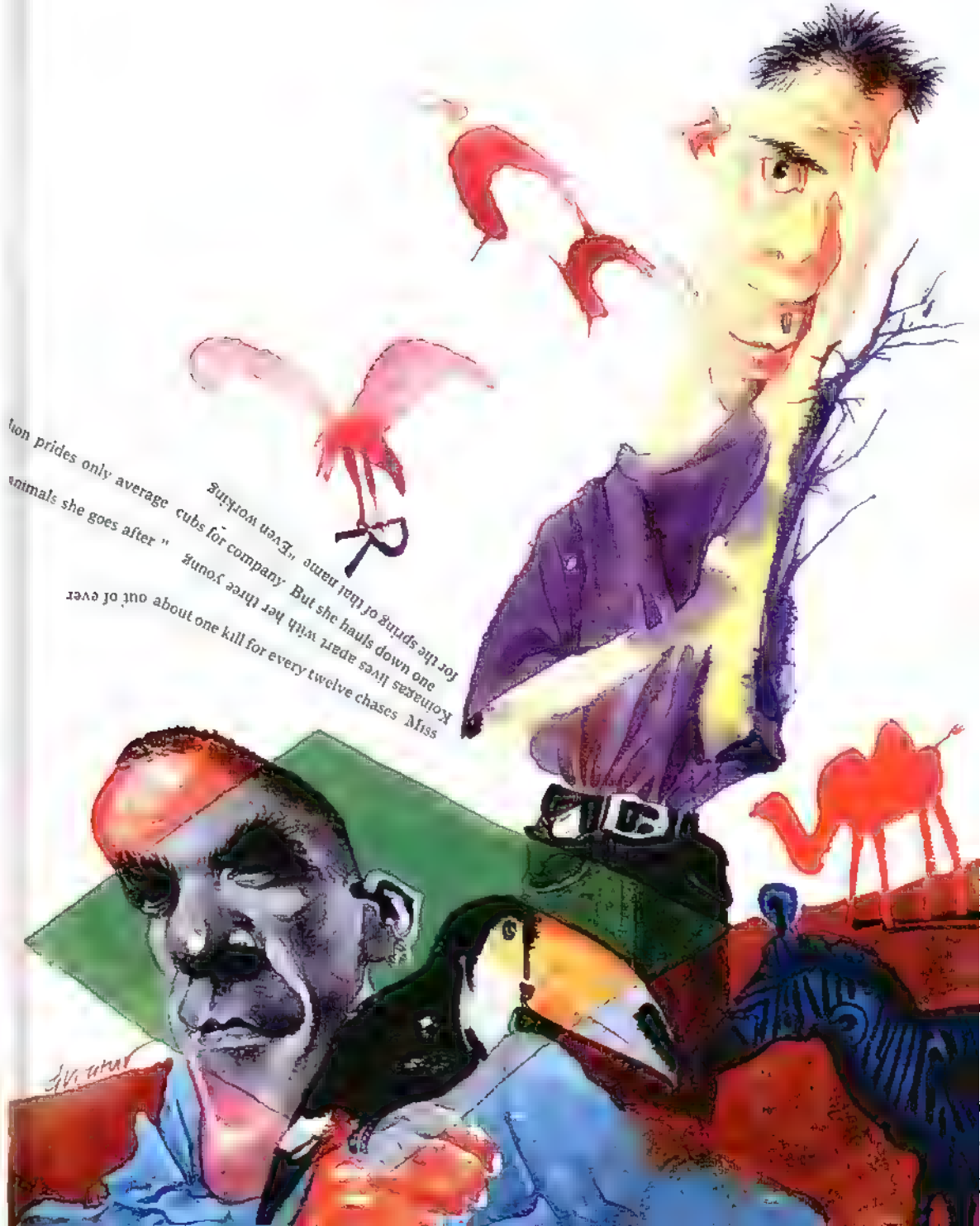
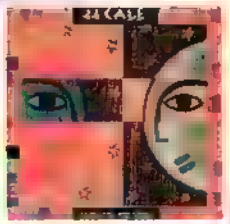


Ilustração Carcamo

Raízes & Novos Frutos

Cale: primando pelo som de raízes, mas sempre a tecnologia



J.J. CALE

Delabel/Virgin

Closer To You

O décimo álbum do mago das cordas de Oklahoma não demonstra a mesma genialidade de obras-primas anteriores do guitarrista, como *Okie* (74) e *Troubadour* (76). Mas, em se tratando de Cale, é impossível pintar uma produção que não traga registrada, nos melhores momentos, toda a sua classe e categoria.

O estilo *cool* de country rock que ele pratica – tão imitado, mas nunca igualado – continua sendo a mola-mestra de seu som nas doze faixas do disco, revelando-se especialmente inspirado em canções do quilate de "Long Way Home", "Sho-Biz Blues", "Like You Used To" e "Rose In The Garden".

O time de músicos que o acompanha também não deixa a peteca cair, com as presenças do baixista Tim Drummond (que já trabalhou com Neil Young), do tecladista Bill Payne (do Little Feat), entre outros, além da participação especial de Garth Hudson (The Band), tocando acordeão na faixa "Ain't Love Funny".

Mas, primando pela simplicidade musical, J.J. eventualmente confia mais em seu próprio taco, apresentando-se sozinho em "Brown Dirt", "Hard Love" e na faixa-título. Nestas composições, ele toca guitarra e sintetizador (inclusive para os ritmos!) – uma prova de que, mesmo fazendo música "de raízes", Cale não é um rad cal avesso à tecnologia. CELSO PUCCI

GAL COSTA

RCA/BMG-Ariola

Mina D'Água Do Meu Canto

O comodismo, ao que parece, tomou conta da MPB. Grandes intérpretes estão sistematicamente optando pela fórmula fácil de regravar canções consagradas, sem se preocupar em descobrir coisas novas.

A principal alegação desses artistas é que falta criatividade na música brasileira atual. Será isso mesmo? O fato é que Gal Costa se juntou a esse clube que já é frequentado por Ney Matogrosso, Simone e Tim Maia, entre outros intérpretes célebres.

Este *Mina D'Água Do Meu Canto* apresenta apenas composições de Caetano Veloso e de Chico Buarque. O pretexto da cantora para basear seu novo trabalho somente em músicas desses dois luminares da MPB seria o de fazer uma "homenagem". Está certo que a produção (a cargo de Jaques Morelenbaum) é caprichada, os arranjos são de primeira linha e o repertório idem, é claro.

Seria incoerente dizer que Gal não canta bem, mas o que mata é a preguiça.

Apesar de ser uma das maiores cantoras do Brasil, ela não consegue fugir do fantasma da comparação de suas versões com os registros originais das canções.

"Língua", por exemplo, não resiste ao confronto com a gravação feita por Caetano e Elza Soares. "Atrás Da Porta" é outra que remete o ouvinte imediatamente à arrepiante interpretação de Elis Regina. O mesmo acontece com "O Quereres" e "Lindeza", insuperáveis na voz de Caetano.

Outras composições presentes no disco, como "Futuros Amantes", "Desalento" e "As Vitrines", todas de Chico, receberam de Gal leituras competentes, mas burocráticas.

Se você é fã da cantora, é melhor recolher a baba para o seu próximo disco. Por enquanto, ela fica devendo... TONINHO SPESSOTO

VÁRIOS

Continental/Warner

Global Dance Wave

A seleção desta coletânea foi de Mark Kamins, DJ de Nova York, responsável pela introdução de Madonna nos clubes, e daí para o mundo, no início dos anos 80. O repertório é maravilhoso e cheio de surpresas, na base da dance music ao redor do globo; incluindo México, Espanha, França, e – claro – Estados Unidos e Inglaterra.

O maior destaque é Billie Ray Martin, com "Your Loving Arms". Ex-vocalista do grupo Electribe 101, sua voz vem sendo comparada à de Aretha Franklin. LOURIVAL C.S. JUNIOR

Uau! Oba! Epa! Ops! Arghl CD Vinil Cassete N Nacional I Importado

DEATH

Roadrunner

Symbolic

A mais importante banda de death metal do mundo lança seu sexto álbum, que prova que o estilo não é sinônimo de barulho, mas de muita técnica. O Death nasceu na Flórida em 83 e, desde lá, não parou de trocar de integrantes. A saída do *mainman* Chuck Schuldiner pouco antes de uma turnê pela Europa com o Kreator, fez com que a banda passasse por um período difícil. Na volta, cada um seguiu seu caminho, deixando o Death de lado. Até que Chuck resolveu ressuscitá-lo, com o álbum *Human*, que trouxe sua volta definitiva. Neste novo disco, há solos bem planejados, guitarras pesadíssimas e a voz agressiva de Chuck, na faixa-título, "Empty Words" e "Misanthrope". E quem acha que eles não têm suavidade, ouça o final de "Perennial Quest". PATRICIA RENDA

SHAMPOO

Food, EMI-Odeon

We Are Shampoo

As meninas aparecem em fofocas e fotos de "babes teens" (principalmente masculinos, é claro). Daí já dá para ter uma "leve" impressão do estilo das inglesinhas Jacqui e Carrie, duas "megababes" como se definem (quando na verdade estão mais para "barangas"). Versão feminina do Indecent Obsession ou do Take That!, elas vão nessa linha no visual e no marketing Pop/new wave de quinta, com vocais fraquíssimos e "alegria contagiante". Que saudade da Patotinha!!! CLÁUDIA GRECHI

SALADA DE ROCK ANOS 90

O grupo foi formado por integrantes do Pearl Jam, dos Screaming Trees e do Alice In Chains

MAD SERSON

Columbia/Sony

Above

Não é raro que integrantes de grupos de sucesso se reúnam para *jams sessions* que, muitas vezes, resultam em trabalhos alternativos bem sucedidos. É o caso do Mad Season, a banda que juntou o guitarrista do Pearl Jam, Mike McCready; o baterista dos Screaming Trees, Barrett Martin; o vocalista do Alice In Chains, Layne Staley, e o baixista *free lancer* Baker. O resultado desta *jam* saiu em pouco tempo, com o disco *Above*.

O problema com o Mad Season é que dificilmente você consegue esquecer do tipo de som praticado pelo Alice In Chains.

Talvez porque Staley, além de vocalista, seja também o principal compositor dessa banda alternativa. Até aquelas faixas que poderiam ser consideradas exceções, como "I'm Above" (com ecos, digamos, do Led Zeppelin) e "Long Gone Day", que têm vocais de Mark Lanegan, dos Screaming Trees, quase não conseguem escapar do estigma. Mas outras composições como "Artificial Red", "Wake Up" e "Lifeless Dead" não escondem a origem dada por Staley para o som do grupo.

Nem tudo, porém, é tão convergente assim. "November Hotel" é uma *trip* instrumental de sete minutos, com a guitarra de Mike alucinando, que segue emendada com "All Alone", uma outra viagem, só que desta vez com um jeito mais progressivo. Mas para falar a verdade, o Mad Season, às vezes, é até bem melhor do que o Alice In Chains. JEFERSON DE SOUSA

Farofa saborosa

BON JOVI

Mercury/PolyGram

These Days

Baladas pop se destacam no novo trabalho de Jon Bon Jovi

Bon Jovi parece conseguir ser uma unanimidade. Com ele não há meio termo: é amado ou odiado (e pela quantidade de discos vendidos, deve ser mais amado que odiado).

É fácil descer a lenha no rock brega, mas uma coisa não dá para se negar: Jon Bon Jovi tem as manhas de fazer pop (no sentido básico de popular, acessível) e consegue ser honesto no que faz.

These Days não foge à regra do sucesso certo e aposta no rock farofa de sempre e nas babas de costume, mas com a competência de uma boa banda – o guitarrista Richie Sambora, o baterista Tico Torres, o tecladista David Bryan e o baixista Hugh McDonald, que entrou no lugar de Alec John Such. Bon Jovi fica a dever quando tenta fazer rock, mas se você tiver a coragem de deixar o preconceito de lado e entrar "de cabeça" no estilo "Bon Jovi de ser e de viver", o álbum traz pelo menos três baladas legais: "(It's Hard) Letting You Go", "Diamond Ring" e "Hearts Breaking Even", feita para o casal Heather Locklear e Richie Sambora. *Cláudia Grechi*

além das viagens "climáticas" de Oldfield. O único mérito está na sofisticação da produção e da gravação. *Jean Pierre Verdaguer*

LINDA RONSTADT

Elektra/Warner

Feels Like Home

Após perder anos gravando boleros e músicas horrendas para desenhos de Walt Disney, a quase cinquentona Linda se tocou que ainda dava para salvar a sua reputação e fez um disco como nos bons tempos. Parece até que foi gravado nos anos 70 e traz a classe da cantora em canções de Neil Young ("After The Goldrush"), Tom Petty ("The Waiting") e Randy Newman (a faixa-título). *Paulo Cavalcanti*

TUBARÕES VOADORES

Radical

Tubarões Voadores

Se a idéia era confundir, esses caras foram perfeitos. *Tubarões Voadores* é uma salada completa, daquelas que misturam atum com ovo de codorna. A proposta dele é estar em sintonia com o movimento do rock que rege o país e fazer um som com influências brazucas.

A bagagem é punk e o resultado é um mix sonoro que flerta com várias tendências do rock. Produzido pelo ex-De Falla, Edu K, o disco traz inúmeras influências, tem *surf music*, metal brasileiro dos anos 80, baladas típicas do rock nacional e até punk brazuca. E finalmente é aí que eles acertam, soando infinitamente melhor com guitarras sujas, batidas aceleradas e muito barulho. Em quatro faixas nessa linha, o grupo mostra talento. *Robert Halfoun*

MIKE OLDFIELD

Atlantic/Warner

The Songs Of Distant Earth

"Ahh... bonzinho, sabe, sei lá... é sossegado, dá para viajar...", diriam os simpatizantes de Oldfield ao ouvir esse disco. Mas não há muito mais a dizer sobre o trabalho, fraco e permeado de texturas *gospel*, com tratamento mais pop do que era de se esperar (na onda do Enigma), além das viagens "climáticas" de Oldfield. O único mérito está na sofisticação da produção e da gravação. *Jean Pierre Verdaguer*

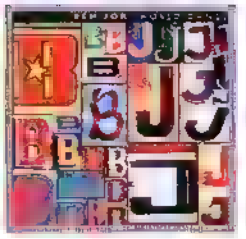
VÁRIOS

Warner

The Unplugged Collection

Não se pode negar que a MTV de vez em quando tem umas idéias geniais. A do *Unplugged* – ou "acústico" – é uma delas. Nesta coletânea há faixas imperdíveis com Stevie Ray Vaughan ("Pride And Joy"), Eric Clapton ("Before You Accuse Me"), Neil Young ("Like A Hurricane") e Paul McCartney ("We Can't Work It Out").

Já Lenny Kravitz fez de "Are You Gonna Go My Way" um blues *à la* John Lee Hooker enquanto R.E.M. e Elvis Costello também evitaram simplesmente repetir na forma acústica as gravações originais. *Jeferson De Sousa*



JORGE BEN JOR

Warner

World Dance

De boas intenções o inferno está cheio. A mais recente delas atende pelo nome de *World Dance* e trata-se de uma tentativa de "internacionalizar" o trabalho de Jorge Ben Jor. O trabalho do "Babulina" foi remixado no Paisley Park (estúdio daquele que, um dia, chamou-se Prince) e ganhou uma levada dance music aqui, um vocalzinho com sotaque americano ali, sob medida para a moçada chacoalhar nas pistas do mundo. O problema é que não bastasse a escolha do repertório ser a mais óbvia possível, *World Dance* deixou para trás toda a brasilidade que caracterizava o trabalho de Jorge Ben Jor – e que o distinguia de qualquer outro artista no mundo! Além disso, seria interessante ver a cara de susto de qualquer gringo ao tentar traduzir temas "benjornianos" como "dzarm tudo", "filho maravilha" e "eu sou flá-flazela é mê-mê". *Sérgio Martins*

PIN UPS

Devil

Jodie Foster

Este é o quarto álbum do grupo paulistano, contando-se o projeto acústico Gash, e nele os Pin Ups escancaram a sua dicotomia estético/musical. Eles estão entre o *noise metal* "cabeça" (Sonic Youth, Pixies, Gumball) que era o referencial dominante do álbum anterior (*Scrabby?*) e a volta às raízes do guitar rock inglês. Neste ponto, a cover de "In A Hole" (faixa de *Psychocandy*, álbum de estréia do grupo The Jesus And Mary Chain) é bem emblemática: mais acelerada, com um pé na distorção, mas sem contar com o apito das guitarras em *feedback*.

Mas essa "indecisão" em optar por isto ou aquilo, surpreendentemente acabou gerando um grande disco. Zé Antônio continua ótimo na guitarra (basta conferir "Confusion" e "Sell Out") e Luiz Gustavo começava a tornar-se um vocalista viável (ele deixou a banda após o lançamento do álbum, sendo bem substituído pela baixista Alê, como pode ser comprovado na faixa "Witkin". *Humberto Finatti*

WEEZER

Geffen/BMG Ariola

Weezer

O mundo ainda não estava preparado para a aparição do Weezer.

Quando ninguém esperava, lá estavam os "debi & lóides" Brian, Rivers, Matt e Patrick, divertindo-se junto ao Velo De-Luxe, Mold, Bender, Black Velvet Flag e outras formações congêneres – a rodo, todas elas prontas para tacar fogo no lixão da história.

Um maravilhoso depósito de creturisce, no qual velhos seriados como *A Família Do-Re-Mi* e *Mary Tyler Moore*, compactos da K-Tel, alguns refrões jamais aproveitados pelo Queen, flatos punk, sobras da new wave e dejetos do metal de arena convivem no som do Weezer em aparvalhada harmonia.

Achando graça ou não das piadas dos caras, o fato é que o disco de estréia deles (produzido por Ric Ocasek, ex-The Cars) está vendendo horrores nos Estados Unidos.

E se esse não é o motivo principal, há outras razões para se conhecer o álbum do Weezer: músicas como a assobiável "Buddy Holly", a intoxicante "Holiday" (foi preciso muita cara dura para tascar aqueles vocais *doo wop* bem no meio da composição) e um improvável cruzamento de Pavement com Beach Boys batizado de "Undone – The Sweater Song" são o antídoto ideal para neutralizar a boçalidade mal-humorada que impera no cenário do rock atual, claramente representada pelos "Green Days da vida". *Arthur G. Couto Duarte*

LANÇAMENTOS

Celebração Irlandesa

Van Morrison à frente de veteranos do folk irlandês, tendo o líder Paddy Moloney à sua direita

THE CHIEFTAINS

RCA/BMG-Ariola

The Long Black Veil

Se os Pogues fossem contemporâneos aos Beatles e aos Rolling Stones, na certa soariam como The Chieftains. A razão: se os primeiros fundiram folk irlandês e punk rock, os últimos foram os pioneiros em mesclar o som tradicional celta ao idioma pop/rock dos anos 60. Assim, não é surpresa a lista de convidados que homenageia os 30 anos da banda liderada por Paddy Moloney (gaita de fole/flauta). Sinta só o drama de quem presta tributo aos irlandeses: Stones em dose dupla (em "The Rocky Road To Dublin" e só com Mick Jagger na faixa-título), Marianne Faithfull ("Love Is Teasin'"), Ry Cooder ("Coast Of Malabar", "Dunmore Lassies"), Mark Knopfler ("The Lily Of The West"), e por aí vai... E se as faixas com Sting e Sinéad O'Connor chegam a pentelhar, a presença do bom e velho Van Morrison ("Have I Told You Lately That I Love You?") e o primor instrumental do grupo valem o disco. *Celso Pucci*

TIM MAIA

Continental/Warner

Nova Era Glacial

Tim Maia é daquele tipo de artista que, se caísse nas mãos de um produtor de qualidade como Babyface, faturaria horrores. Canta mais do que qualquer integrante do Boyz II Men, conhece música profundamente e seus shows são uma autêntica celebração do bom-humor nacional – ou você acha que aquele papo de "Olha o retorno!" é coisa séria?

O problema é que, a cada disco que faz, Tim se distancia mais da genialidade que marcou a sua carreira no passado – ver a seção *Clássicos* desta edição.

Nova Era Glacial é um trabalho fraco. Tem um repertório extremamente rico – com versões para "Aquarela Do Brasil" (Ary Barroso) e "Oceano" (Djavan), entre outras –, mas com arranjos de músicas feitos sob medida para uma *happy hour* depois do trabalho.

As baladas exageram no açúcar e nem mesmo a regravação de "Vale Tudo", que voltou à moda depois de ser utilizada num comercial de loteria, chega a empolgar.

Ao final da audição do disco, chega-se à conclusão de que a tal "nova era" propagada por Tim Maia ainda está a procura de um bom guru – entenda-se um bom produtor – que a faça decolar. *Sergio Martins*

MERCYFUL FATE

Metal Blade/Roadrunner

Time

Este é o segundo disco lançado após a volta do MF, e o quarto desde que o grupo começou, nos anos 70. Traz King Diamond (vocais), Mike Denner e Hank Shermann (guitarras), os três da formação original, mais os novatos Sharlee Angelo (baixo) e Snowy Shaw (bateria).

O MF se consagrou com metal tradicional e um teatro macabro, no qual o "rei diamante" faz diferentes personagens para diferentes vocais. Um prato cheio para quem gosta, mas o teatro chato e as vozes irritantes estragam o instrumental, de primeira. *Patricia Renda*

PAULINHO MOSKA

Columbia/Sony

Pensar É Fazer Música

O ex-Inimigos Do Rei mostra fôlego em sua carreira solo. Pelo menos, se deu bem neste disco, onde envereda pelo novo pop brasileiro – categoria que, felizmente, vem renovando a tediosa MPB e o quase caquético rock nacional. Com músicos de primeira, mostra canções leves e bem resolvidas. Há um tanto de melancolia, sutingue e muito lirismo. Às vezes, comete excessos poéticos, mas ele é novo e tem tudo para se dar bem. *Jeferson De Sousa*

BiZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304
EDITORA AZUL

COMPRE SEM SAIR DE CASA !
DISCMAN SONY D-131 169,99
✓ Design Compacto
✓ Sistema de som Mega Bass
✓ Autonomia para 8 horas com 2 pilhas AA
✓ Programação para 22 músicas
✓ Fone de Ouvido
✓ Adaptador de tomada
WALKMAN SONY WMFX-301
✓ Toca Fitas Estereo
✓ Rádio AM/FM
✓ Auto-reverse
✓ Fone de Ouvido
55,99
WALKMAN SONY WM-FX401 92,99
✓ Toca Fitas Estereo
✓ Rádio AM/FM
✓ Memória para 10 estações
✓ Auto-reverse
✓ Display Digital
✓ Relógio/Alarme
✓ Fone de Ouv
Mais importados 100.000 títulos disponíveis! Ligue e consulte-nos agora!
■ Importação Direta no nome da pessoa física
■ Entregamos em até 25 dias
■ Aceitamos todos os cartões de crédito
■ Preços em R$ para São Paulo(Frete não incluso)
DESPACHAMOS PARA TODO BRASIL
Televendas:(011)585-1422 CD WORLD

LONDON CALLING RECORDS
CDS, DISCOS E VHS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • MADONNA • RAMONES • PET SHOP BOYS • DOORS • CURE • ZEPELLIN • DK
E TODOS OS ESTILOS
ENVIAMOS ENCOMENDAS PARA TODO O PAIS, ACEITAMOS CARTÃO DE CREDITO
TEL-FAX: (011) 223 5584
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA
LOJA 15 - CEP 01041-000 - CENTRO SP

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC ..
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4347

records
ROCK
(Industrial, alternativo, hard, pop, progres.)
• Jazz • Blues • Trilhas • New-Age • Techno
LANÇAMENTOS
(EUA • Grã-Bretanha)
• CD • CD-SINGLE
• VÍDEO-LASER • VHS
ENCOMENDAS
Despachamos para todo Brasil
R. Pamplona, 1551 - loja 11 - Jardins
(011) 887-5926
São Paulo - SP

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU!: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7866 Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro CEP 20020-080 Tel (021) 532-0313 Fax: (021) 532-1486 - Cx. 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. SDS Ed. Venâncio II - sala 202 - CEP 70300 - Brasília DF - Tel. (061) 321-0305 - Fax. (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 Fortaleza/CE - Tel (085) 254-1666 Fax: (085) 252-2131
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 291-8470
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4048 Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax. (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS Tel: (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC Tel./Fax: (048) 232-0519

LRACA TANTOS

"JAPIRAS" UNIVERSAIS

MONDAY MICHIRU

Kitty Records - PolyGram

Groovement

DJ KRUSH

Mo' Wax

Strictly Turntablized

TOWA TEI

Elektra

Future Listening

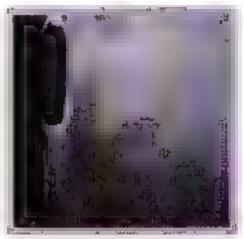
O ex-Deee-Lite: "japa" bossa nova

Michiru, em via de terra do "soul nacional"

Novamente, o Brasil é vendido ao mundo como país do futuro. Só que desta vez pelos japoneses, o que aumenta em muito as chances do negócio dar certo. O agente responsável é Towa Tei, ex-Towa Towa, do Deee-Lite, com o seu *Future Listening*. O álbum homenageia a bossa nova e tem participações de Bebel Gilberto, de Ryuichi Sakamoto e do "mala" Arto Lindsay. Maki Nomiya (Pizzicato 5) aparece no vocal da faixa "La Douce Vie", perfeita como o resto do disco.

Americanos e ingleses que me perdoem, mas o seleto mundo dos DJs e *remixers* amarelou de vez. Outra bola da vez atende pelo nome de Hideaki Ishi, o a.k.a. DJ Krush. Requisitado por dez entre nove estrelas do Oriente ao Ocidente – veja trabalhos com Pizzicato 5 e o guitarrista Ronny Jordan – Krush ganhou status de estrela no excelente *Strictly Turntablized*. Seu som quase etéreo chegou a ser classificado como *ambient*, mas os *beats* de hip hop eliminaram as dúvidas, com *scratches* se misturando com vozes, trumpetes hiperprocessados e vibrafones de *cool jazz*.

Já a cantora Monday Michiru é a mais nova revelação do "soul japonês". Após a repercussão do álbum *Made In Japan*, saiu este disco de remixes. Feito entre Toquio e Londres, é uma aula para aspirantes a DJ, com três versões do hit "When I'm With You", um *dub* de Ray Haiden (leia-se Opaz), um "hip jap" de DJ Krush e um *acid jazz* de Shinichi Osawa, do grupo Mondo Grosso. EDGARD REYMANN



KING CRIMSON

Virgin

Thrak

Não, *Thrak* não é um disco de rock progressivo. Ele apenas tem, como qualquer trabalho novo de Fripp & Cia, todas aquelas paranóias, neuroses e esquisitices "frippertrônicas", tudo que um legítimo disco do King Crimson tem.

É um trabalho do que poderíamos chamar de "power-rock-moderno-quase-pop-pós Seattle-ou-coisa-que-o-valha". Em suma: não há nada de velho ou obsoleto.

No ótimo EP *VROOOM* (94), uma nota no encarte dizia que aquilo era só um cartão de visitas para o disco completo que viria em 95.

Pois é, *Thrak* repete, melhor mixadas, quatro faixas de *VROOOM*, e traz mais onze faixas inéditas, entre boas baladas, vinhetas malucas e as muito, muito boas "Dinosaur" e "People".

Em poucas palavras: quem não conhece a banda vai se amarrar. Quem conhece e curte, vai ouvir duas ou três vezes e pensar: "Pô, não é que os caras voltam dez anos depois tão fodões quanto antes?!". Quem curte também deve mostrar para quem conhece e não curte. Mas o macete é mostrar o disco primeiro e depois dizer que é do King Crimson. Vai ter neguinho surpreso. JEAN PIERRE VERDAGUER

VIOLENT FEMMES

Liberation

Rock!!!

Eles já foram chamados de folk punk, new country... Mas e daí? O trio comandado por Gordon Gano (voz/guitarra) continua cáustico, bem-humorado e incólume a modismos. *Rock!!!* é um tantinho mais pesado do que os anteriores, com um pé no punk, outro no folk e um terceiro (!) no rockabilly. ZE LUCIO CARDIM

FUN-DA-MEN-TAL

Beggar's Banquet

Seize The Time

Ao lado de Kaliphz, Krispy 3, Credit To The Nation, Blood Hounds e Hustlers HC, o quarteto Fun-Da-Men-Tal representa a facção mais combativa e politizada do rap inglês. Formado por negros e emigrantes paquistanêses (entre eles, o vocalista e muçulmano *sufi* praticante Aki Nawaz, alias Propa-Ghandi), o grupo conseguiu transportar a sonoridade das ruas do Bronx nova-iorquino para os guetos de Londres, onde a comunidade afro-asiática vota e meia tem que encarar os ataques covardes das gangues neo-nazistas. Reforçando essa identidade cultural, as músicas apresentadas nesse *debut* se valeram de ritmos inequivocadamente orientais, *loops* hipnóticos, samples de discursos proferidos por Malcolm X e uma trama absolutamente exótica de timbres formulados por cítaras, *zuvuyos*, *digeridoos*, flautas e tablas. *Allah uh akbar!* ARTHUR G. COUTO DUARTE

DREAM WARRIORS

Pendulum/EMI

Subliminal Simulation

Os canadenses Dream Warriors poderiam ser situados entre o De La Soul e os Digable Planets. No disco *And Now The Legacy Begins* (91), havia variedade das canções, samples inusitados e uma grande dose de humor. Já *Subliminal Simulation* é marcado pela seriedade dos temas e por canções homogêneas.

Aqui, eles optam por uma linha mais *jazzy* e o conteúdo é fortemente político, como fica evidente nas faixas "When I Was The Jam" e "You Think I Don't Know", recitadas pelo poeta Black Katt. JEFERSON DE SOUSA

TRILHA SONORA

VÁRIOS

Atlantic/Warner

Demon Knight

Com algumas exceções, trilhas são normalmente um amontoado de músicas viajandonas (que só fazem sentido acompanhadas das imagens) ou meras compilações que pecam, principalmente, pelo excesso de ecletismo. *Demon Knight* (*Contos De Terror - Noite Do Demônio*), não se inclui em nenhum dos dois casos. A trilha é uma excelente coletânea para metaleiros. Pantera, Megadeth, Biohazard, Sepultura, Rollins Band, Ministry e outros pesos pesados cumprem fielmente a sua função de "ilustrar" um filme de terror e dão ao CD o mesmo clima da história: adrenalina pura.

Como o pub co de metal e o de filmes de terror sempre andam lado a lado, o tiro é certeiro. Principalmente pelo ótimo repertório, com destaque para "Polícia" dos Titãs, tocada pelo Sepultura e "Diadema" (que fecha o filme), do Megadeth. ROBERT HALFOUN

PARTITURAS

ROCK - POP - JAZZ
NEW AGE - CLÁSSICO
CONTEMPORÂNEO

ATACADO E VAREJO

A série
"KEYBOARD SPECIAL"
oferece a você o melhor do "rock" e do gênero "pop", os grandes astros e seus super sucessos na versão original.
Para teclado e violão

Simon & Garfunken, PopBallads, Abba, Whitney Houston, Genesis, Joe Cocker e outros.

MUSAS EDITORA
& Distribuidora Musical Ltda.
SCHOTT

Rua Augusto Stresser, 861
Juvevê - Caixa Postal 6040
80011-970 - Curitiba-PR-Brasil
Fone: (041) 263-1001
Fax: (041) 262-2223

Procure na loja de sua preferência ou diretamente na Musas Editora

CRÍTICO & ROSTEIRO

Seguindo uma velha máxima cavalheiristica, damas primeiro: **MELISSA ETHERIDGE** pode até ser considerada uma das musas do *soft country* atual, mas a verdade é que sua voz chinfrim deixa muito a desejar. No álbum **Yes, I Am** (Island/PolyGram), a moça até que assina canções razoáveis ("Sweet Legacy", "All American Girl"), mas o maior destaque fica para a guitarra de Waddy Watchel (que tocou com Warren Zevon e Ron Wood, entre outros). Épa. Seria Mariah Carey? Não, é apenas a baladeira **AMY GRANT**, surgindo no seu disco **House Of Love** (A&M/PolyGram) abusa do açúcar e do caramelo nas onze faixas, uma das quais é usada para assassinar "Big Yellow Taxi", de Joni Mitchell. **KARYN WHITE** se da um pouco melhor no seu **Make Him Do Right** (Warner). Com co-produção de Jimmy Jam & Terry Lewis, a garota flutua entre funk e dance music em boas faixas como "Hungah", porém afunda o "pé na jaca" nas baladonas sob os auspícios de Babyface e Jellybean. Há quinze anos sem gravar, a cantora **ANA DE HOLLANDA** – irmã menos famosa de Chico Buarque – retorna com o CD **Tão Simples** (Movieplay). E a sua voz tímida até que funciona, principalmente ao ser secundada por um time de músicos de primeira linha (o violonista Theo De Barros, o guitarrista Nathan Marques e o baixista Arimar Do Espírito Santo, entre outros. Destaque para as faixas "Toda Saudade" (Gilberto Gil), "As Cartas" (de Chico, que também divide os vocais com a irmã) e "Na Boca Da Noite" (Toquinho/Paulo Vanzolini). E por falar em **TOQUINHO**, o compositor/violonista comemora suas três décadas de atividade em **Trinta Anos De Musica** (RCA/BMG-Ariola), no qual regrava seus grandes sucessos (alguns deles em *pout-porris*), com a habitual competência, mas sem maiores novidades. O chato fica por conta da capa assinada pelo "mala" Elifas Andreato, também o autor de uma "nota introdutória" já **PERICLES CAVALCANTI**, apesar de não ser tão conhecido, já teve composições suas gravadas por Caetano Veloso, Gal Costa, Lulu Santos e outros. No CD **Sobre As Ondas** (Radical), ele mostra em geral um bom trabalho, com destaque para faixas como "Dóris Monteiro" (um samba com "intervenção" de Bach), "Numero Um Nº2 (Ô Minha Star)" (com toques de Jorge Mautner), "Aula De Matemática Nº 2" (que lembra Walter Franco) e "Odeio Música" (dedicada a Tom Jobim e aos Titãs). As derrapadas: "Imagem", um poema concreto musicado, com letra de Arnaldo Antunes, e a "cabeçuda" incursão musical sobre um texto de Décio Pignatari chamada "Poesseu, Poessua (Pérnalas)". Não é por nada não, mas dá para se notar que **OS MENINOS DE SÃO CAETANO (BANDA SINFÔNICA DO AGRESTE)**, em seu disco homônimo (Velas), botam qualquer coral de "monges beneditinos" no chinelo. A turma de Pernambuco ataca com arranjos sinfônicos para peças que vão desde temas do folclore brasileiro ("Penas Do Tiê") até o clássico Heitor Villa-Lobos ("Tema Do Trenzinho Do Caipira/ Cantilena Das Bachianas Nº 5), passando por canções de Luiz Gonzaga ("Asa Branca") e Milton Nascimento ("Ponta De Areia"). Um trabalho de respeito. Por outro lado, a banda **PACARANA**, do ABC paulista, se lança no CD que leva o seu nome (selo Camerati). A impressão geral do som feito pelo grupo é que os rapazes são uma pálida cópia do Barão Vermelho, com tendências "emepebísticas". Mas com alguma boa vontade, salva-se a versão de "Três Apitos" de Noel Rosa.

Karyne entre funks e baladas

ANA DE HOLLANDA

Celso Pucci

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Camerati** Fone (011) 605-2865/São Paulo (SP) ■ **Devil** R. 24 de Maio, 62 lj. 343/345, Fone: (011) 221-2142/São Paulo (SP) ■ **Radical** Fone/Fax: (021) 286-9463/Rio de Janeiro (RJ) ■ **Velas** R. Antonio Camardo, 81 Fone: (011) 942-9433/São Paulo (SP).

CAMISETAS ESPECIAIS

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR!

PREÇOS

M[illegible]A CURTA (TE): R$ 22,00

M[illegible]A LONGA (LTE): R$ 26,00

FONE: (011) 299-7478

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD.

NOME

END.

CEP CID. EST.

bolsa de discos

	ARTUR B. C. PLANTE, O Estado de Minas, MG	CARLOS ALBUQUERQUE, O Globo, RJ	CELSO PUCCI, BIZZ	FABIAN CHACUR, Diário Popular, SP	HAGAMENON BRITO, Correio da Bahia, BA	HÉLIO GOMES, BIZZ	JONES HASSA, MTV	ROBERTO MAIA, FM Brasil 2000, SP	SONINHA, VJ MTV	ZÉ TÁCITO CAHIM, [illegible]
7,50 — **PLANET HEMP** • **Usuário** (Sony)	7	8	8	6	7	8	7	7	8	9
7,40 — **BAD RELIGION** • **Recipe for Hate** (Paradoxx)	9	8	4	6	8	7	7	8	9	8
6,70 — **RADIOHEAD** • **The Bends** (EMI-Odeon)	7	6	3	6	8	5	8	9	9	6
6,50 — **MUDHONEY** • **My Brother, My Cow** (Warner)	6	•	5	5	6	•	7	8	9	6
6,42 — **TACIANA** • **Janela dos Sonhos** (Natasha)	8	•	6	7	6	5	6	7	•	•
5,62 — **TERENCE TRENT D'ARBY** • **TTD's Vibrator** (Sony)	4	•	2	7	7	6	6	6	7	•
5,33 — **GENIVAL LACERDA** • **Forró Dance** (Paradoxx)	•	6	6	6	2	7	6	7	5	3
4,90 — **ELTON JOHN** • **Made In England** (Polygram)	6	5	2	8	5	5	6	6	2	4
4,42 — **THE HUMAN LEAGUE** • **Octopus** (Continental)	6	4	2	7	•	•	6	6	0	•
4,10 — **VÁRIOS** • **Encomium - A Tribute To Led Zeppelin** (Continental)	0	6	1	8	6	2	6	7	0	5

parada

BRA clips — 10/06 MTV

1. MADONNA • Bedtime Stories
2. RAIMUNDOS • Palhas No Coqueiro
3. LITTLE QUAIL • Essa Menina
4. FAITH NO MORE • Digging The Grave
5. RADIOHEAD • High & Dry
6. SHAMPOO • Trouble
7. URGE OVERKILL • Girl You'll Be A Woman Soon
8. NANDO REIS • Me Diga
9. VAN HALEN • Can't Stop Loving You
10. PATO FU • Sobre o [illegible]

EUA álbuns — 17/06 Billboard

1. HOOTIE & THE BLOWFISH • Cracked Rear View (Atlantic)
2. LIVE • Throwing Copper (Radioactive/MCA)
3. NAUGHTY BY NATURE • Poverty's Paradise (Tommy Boy)
4. VÁRIOS • Pocahontas (Walt Disney)
5. VÁRIOS • Friday (Priority)
6. BOYZ II MEN • II (Motown)
7. TLC • CrazySexyCool (LaFace/Arista)
8. JOHN MICHAEL MONTGOMERY • John Michael Montgomery (Atlantic)
9. WHITE ZOMBIE • Astro Creep 2000 (Geffen)
10. 2PAC • Me Against The World (Interscope/AG)

GB álbuns — 03/06 NME

1. PAUL WELLER • Stanley Road (Go! Discs)
2. TAKE THAT • Nobody Else (RCA)
3. ALISON MOYET • Singles (Columbia)
4. THE WILDHEARTS • P.H.U.Q. (East West)
5. CELINE DION • The Colour of My Love (Epic)
6. SUPERGRASS • I Should Coco (Parlophone)
7. BRUCE SPRINGSTEEN • Greatest Hits (Columbia)
8. THE STONE ROSES • The Complete Stone Roses (Silvertone)
9. BOB MARLEY & THE WAILERS • Natural Mystic (Tuff Gong)
10. WET WET WET • Picture This (Precious)

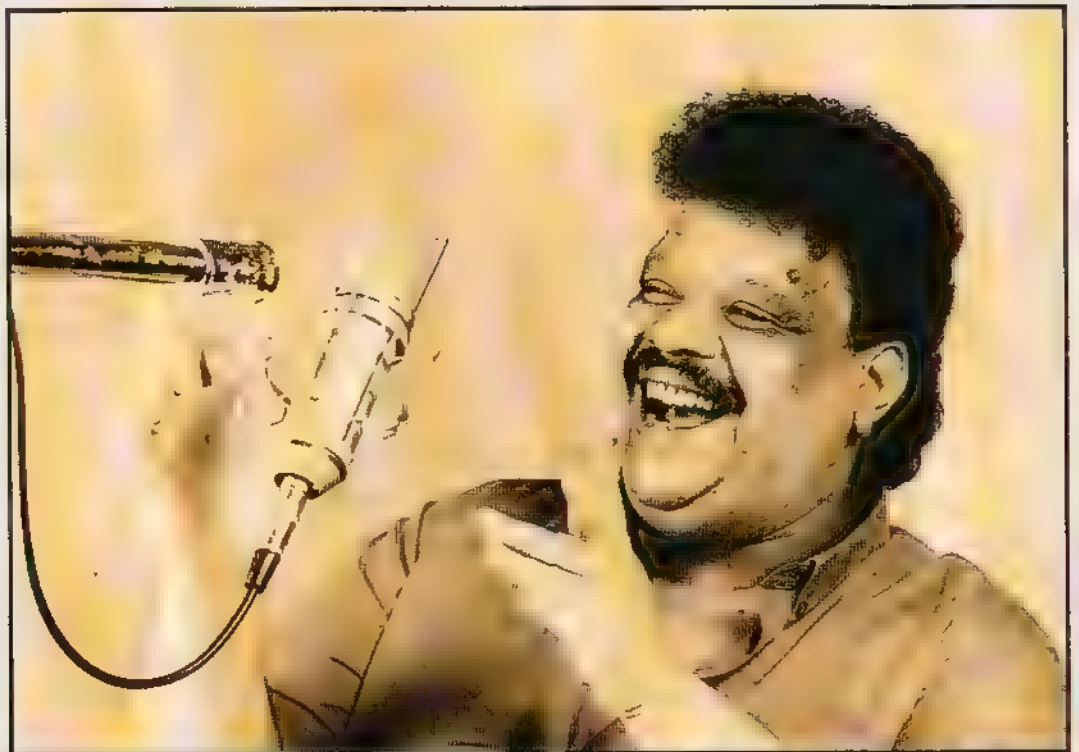
GB indie — 03/06 NME

1. THE STONE ROSES • The Complete Stone Roses (Silvertone)
2. THE JON SPENCER [illegible] • Experimental Remixes (Matador)
3. VÁRIOS • [illegible] (Beast)
4. SAM SEVER • What [illegible] The Sound [illegible]
5. SALAD • Drink Me [illegible]
6. OASIS • Definitely Maybe (Creation)
7. THE BOO RADLEYS • Wake Up (Creation)
8. NAUGHTY BY NATURE • Poverty's Paradise (Tommy Boy)
9. VÁRIOS • [illegible] (Wall Of Sound)
10. [illegible] • [illegible] (This Way Up)

Clássicos

Olha o retorno de Tim!

A maior voz do soul brasileiro tem parte de sua carreira resgatada em dez relançamentos em CD



Uma parcela ainda inédita em versão digital dos trabalhos de Tim Maia, finalmente aparece em CDs editados pelo selo Continental/Warner

Pedigree privilegiado do cara, aliado à sua técnica já são suficientes para levá-lo à primeira linha da música brasileira.

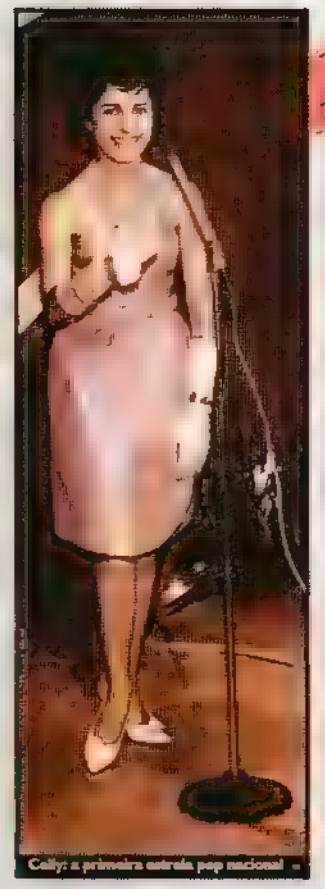
Agora, junto ao novo álbum de **TIM MAIA** – o pouco inspirado *Nova Era Glacial* (vide *Lançamentos* desta edição) –, surgem dez CDs com uma parte importante de sua trajetória.

No todo, o pacote não traz a genialidade quase absoluta da fase inicial da carreira de Tim, registrada nos álbuns que fez na primeira metade dos anos 70 – alguns deles relançados em CD pela PolyGram, mas mostra a maestria do cantor ao trabalhar em condições adversas (falta de grana em produções independentes, boicotes diversos, a fama de "mucho loco", etc).

Bons discos dentro de pacote irregular do cantor

Os CDs, editados pela Continental/Warner, reúnem gravações que Tim fez no selo independente Seroma/Vitória Régia e na própria Warner. **Tim Maia** (78) traz o cantor também na bateria e percussão, ao lado de um trio (guitarra, baixo e teclados), em boas canções em inglês. **Nuvens** (82) é outro álbum brilhante, como "A Festa" e "Na Rua, Na Chuva E Na Fazenda (Casinha De Sapê)", de Hyldon.

O disco **Tim Maia** (86) já derrapa nos arranjos pasteurizados de Lincoln Olivetti, mas destaca "Do Leme Ao Pontal". Em **Somos América** (87), Tim se redime pelo balanço, mas o baladeiro **Carinhos** (88) não segura a onda. A recuperação vem em **Dance Bem** (90), com hits como "Vale Tudo" e "O Descobridor Dos Sete Mares", seguido da coletânea **Sossego** (91), puxada pela faixa-título. Já **Tim Maia Ao Vivo** (92) tem um desagradável sabor de karaokê em suas dezoito faixas, enquanto **Voltou Clarear** (94) peca por seu ranço bossa-novístico e a compilação **Tim Maia** (95) é perfeitamente dispensável, exceto pela versão para "Como Uma Onda", de Lulu Santos. *Celso Pucci*



Celly: a primeira estrela pop nacional

O início do rock brazuca

Os Grandes Sucessos (EMI-Odeon), coletânea de 25 faixas da cantora **CELLY CAMPELLO** vai ser devorada por fãs e colecionadores. Primeiro, porque ela foi a artista mais importante e bem sucedida do rock brasileiro pré-jovem Guarda. Depois, quase nada dela foi reeditado. Os seis álbuns que ela gravou em sua época áurea trocam de mãos por verdadeiras fortunas. Mesmo sem discos no mercado, Celly nunca foi esquecida. Seus sucessos, como "Estupido Cupido", "Lacinhos-Cor-De-Rosa" "Tunel Do Amor" e "Banho De Lua", fazem parte do inconsciente coletivo.

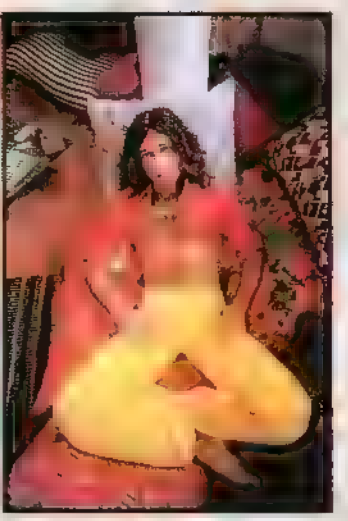
A produção era de Mario Genari Filho, um acordeonista e boa parte do repertório tinha versões de Paul Anka e Neil Sedaka, feitas por Fred Jorge. No estilo, Celly tinha as referências do seu período, citando não só Brenda Lee e Connie Francis, as rainhas do pop americano, como também Ângela Maria, uma de suas grandes influências.

Mas a festa para curtidores do rock brasileiro não fica só em Celly Campello. O cantor **DEMETRIUS** e o grupo **THE JET BLACK'S** também chegam às lojas, pela série *The Classic Collection*. Cada CD tem dois álbuns completos. O primeiro vem com **Demétrius Canta... Com Amor E Mocidade** (61) e **O Ritmo Da Chuva** (64). The Jet Black's aparecem em **Twist e Other Famous Twists**, ambos de 63. O lançamento é do selo Bruno (r. 24 de Maio, 62, 2º andar, São Paulo, Fone: 220-9598), em conjunto com a gravadora Continental.

Demetrius, de voz trêmula, estourou com "Rhythm Of The Rain", (do grupo americano The Cascades), além das hilariantes "O Rock Do Sacy" e "A Bruxa". E como o rock instrumental está em alta de novo, The Jet Black's vêm bem a calhar com seu twist e versões de clássicos instrumentais como "Peter Gunn", "The Jet" e outros. *Paulo Cavalcanti*

Profeta do caos

Disco e livro de Jorge Mautner retratam a sua obra "maldita"



Se você é mais um dos muitos que acham que **JORGE MAUTNER** é o "mala-mor da MPB", eis aqui o disco que pode mudar sua opinião. Tudo bem, realmente é difícil engolir algumas das estranhices do autor de "O Vampiro" (imortalizada por Caetano Veloso em *Cinema Transcendental*), mas esse **Bomba De Estrelas** (Warner) traz o seu melhor.

Lançado em 76, o álbum traz participações especiais de um belo time de astros da MPB, formado por Gilberto Gil, Caetano, Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Robertinho Do Recife, Zé Ramalho e Amelinha. Com este auxílio luxuoso, ficou fácil para Mautner gravar boas canções, como "Cidadão-Cidadã", "Maracatu Atômico" ou "Namoro De Bicicleta".

Aproveitando o embalo do relançamento do álbum, a editora Relume Dumará resgatou o livro **Fragmentos De Sabonete**, uma ficção alucinada em primeira pessoa, com prefácio do mano Caetano. *Hélio Gomes*

Clássicos

Mamma mia... É o Queen!

Antologia dá uma geral na carreira do grupo inglês, acompanhada por dois álbuns e uma biografia nacional

Lançados originalmente em um par de versões separadas, os **Greatest Hits I & II** do **QUEEN**, agora ganharam uma reedição caprichada da Parlophone, lançada por aqui pela EMI-Odeon. Os CDs foram envoltos numa embalagem dourada, com direito a um livreto explicativo sobre a colocação das músicas nas paradas de sucesso e belas fotos.

O primeiro dos *Greatest Hits* faz qualquer fã sorrir de orelha a orelha: aí estão reunidos os maiores sucessos do Queen, quando o grupo investia pesado no *art rock*, ou seja, um tipo de pauleira mais bem comportada. Revouvindo canções como "Now I'm Here", "Somebody To Love", a gente percebe que não havia como o Queen não fazer sucesso. Principalmente pela receita de manter um vocalista deliciosamente ambíguo sexualmente (Freddie Mercury), os sons originais tirados da guitarra de Brian May e a cozinha competente formada por Roger Taylor (bateria) e John Deacon (baixo). A única baixa é a ausência de "Love Of My Life", já que a balada foi sucesso apenas no Brasil.

É chiché falar nisso, mas o Queen entrou em decadência a partir da década de 80. O segundo volume detaca só a parceira com David Bowie ("Under Pressure"), ou o flerte com o tecnopop em "Radio Ga Ga". No mais, o grupo se limitou a repetir fórmulas de seus álbuns dos anos 70.

A EMI-Odeon também lançou **Sheer Heart Attack** (74), terceiro álbum deles, e reeditou **The Miracle** (89), que já havia saído em CD por aqui. Mais: o músico e jornalista **AYRTON MUGNAINI JR.** escreveu **Queen**, detalhada biografia do grupo, lançada pela série *Biblioteca Musical*, da editora Sampa. *Sérgio Martins*

O trio texano, flagrado no início da década de 70

Barbas de molho no blues

Antologia das raízes sonoras *ZZ Top*

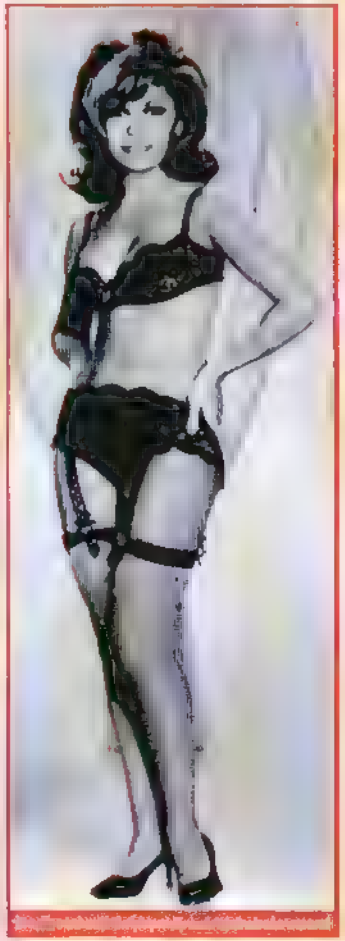
One Foot In The Blues é um nome perfeito para esta coletânea do trio texano **ZZ TOP**. Afinal, o *boogie rock* que compõe a alma musical da banda não poderia existir sem "um pé no blues". E o CD não deixa por menos, reunindo as canções da banda mais aprofundadas nas raízes do estilo: faixas que vão desde o primeiro álbum ("Brown Sugar", "Old Man") até o mais recente, *Recycler* ("My Head's In Mississippi", "2.000 Blues"), englobando 25 anos de carreira dos caras. O melhor é que essa antologia, lançada no Brasil pela Warner, cobre – ao menos parcialmente – vários furos da parca discografia dos caras lançada por aqui. Especialmente no que se refere aos seus álbuns antigos e fundamentais, como *Rio Grande Mud* ("Apologies To Pearly", "Bar-B-Q", "Sure Got Cold After The Rain Fell") e *Tres Hombres* ("Hot, Blues And Righteous"). *Celso Pucci*

Nancy & o som "teen indie"

Duas faces dos anos 60, com a filha de Frank Sinatra e o folk/pop de garagem

Depois de passar todo o tempo vivendo na sombra do papai Frank, a "carreira" de **NANCY SINATRA** tinha chegado a um ponto crítico em 65: já estava com 26 anos, tinha lançado nada menos do que quinze singles fracassados pelo selo Reprise e ainda conservava uma ridícula imagem de virgem vestal. Em suma, era um caso perdido.

Então, deu uma virada inesperada: sumiu a boboca com cara de garçonete de pizzaria e se materializou a super-sexy Nancy, a "gata-no-cio" *kitsch*, uma Mae West para *teens*, ou a versão *hardcore* de Chér, que finalmente achou uma rival para sua latente cafonice e sensualidade *pulp fiction*.



O produtor e compositor Lee Hazlewood (com quem depois Nancy faria duetos) conduziu a metamorfose e o resultado chegou rapidamente. Já no segundo single sob sua orientação, ela chegou ao topo das paradas americanas e inglesas. O disco, assim como o álbum **Boots** (Sundazed), que sai agora completo em CD, é um clássico da época.

Ao contrário das tolices que Nancy vinha gravando desde que começou, Lee a fez enfrentar canções modernas e ousadas, misturando material original com The Knickboxers, Beatles e Rolling Stones ("As Tears Go By" numa levada bossa nova, que Nara Leão incorporou ao seu repertório), dando-lhe uma surpreendente identidade musical. É "These Boots Are Made For Walking" (em duas versões no CD) sobreviveria à passagem do tempo como um dos melhores singles já concebidos.

Na época em que Nancy estourava, outro fenômeno ocorria nos Estados Unidos: o crescimento dos selos independentes, motivado pela febre da música *beat* e a multiplicação de grupos do estilo. Um dos melhores selos *teen indie* foi o bravo IGL, com o estúdio instalado nos fundos de uma loja em Milford, Iowa.

O melhor do selo está em dois CDs: **The IGL Rock Story – Part One (1965-67)** e **The IGL Rock Story – Part Two (1967-68)**, lançados pelo selo Arf! Arf! (P.O. Box 465 Middleborough, MA/02346-0465, USA).

Se a maioria dos selos *indie* que produziam proto-punk, o IGL se inclinava para o folk/pop. Música fresca, forte, viva. Um bálsamo contra a chatice do pop/rock atual, premeditado e cínico. A IGL gravou **THE CHATTEAUX**, **THE CONTINENTAL CO-ETS** (uma das raras bandas só de garotas) e o *cult* **STEVE ELLIS & THE STARFIRES**, cujo líder era um "Jim McGuinn *underground*". *René Ferri*

EDITORA AZUL

Fundador: Victor Civita (1907-1990)
Diretoria: Ange[illegible] Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Amaral
Diretor de Publicidade: Cláudio Sá[illegible]
Diretora Comercial: Vera Helena [illegible] Gaiffers
Diretor de Comunicação: Carlos Alberto [illegible]
Diretor Financeiro: Pedro F[illegible]

REDAÇÃO

Editor-Chefe: [illegible]
Editor Especial:
Editor de Arte:
Editores-Assistentes:

Editor-Assistente de Arte:
Coordenador de Produção:
Arte:
Correspondentes:

Colaboradores • Texto:

Fotos:
Ilustrações:
Revisão e Preparação de Texto:

STAFF EDITORIAL

Secretária Editorial: Isabel[illegible]
Azul Press: [illegible]
Administração Editorial: [illegible] Carneiro Dias
Sistemas Editoriais: [illegible]
Direção Responsável: [illegible] de Lima Dória Cassin

PUBLICIDADE

Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Jorge de [illegible] Ricardo Santos
Contatos de Agência: [illegible]
Contato: [illegible]
Marketing Publicitário: [illegible]
Coordenadores: [illegible]

COMERCIAL

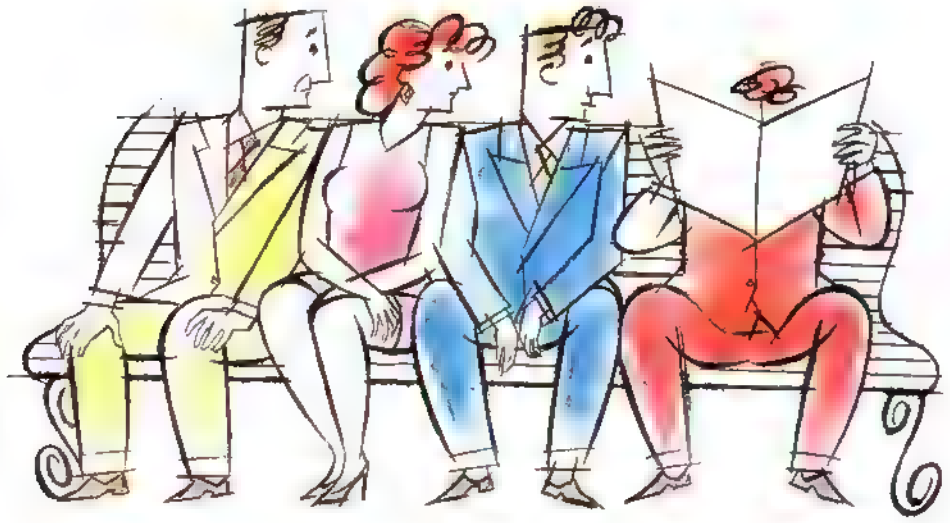
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André [illegible]
Gerente de Assinaturas: [illegible]
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Gallo Pompeo
Gerente de Propaganda: Vera Zaia

BIZZ [illegible] (ISSN 0104-1649)
São Paulo. Redação e Correspondência:
[illegible]
Rio de Janeiro: [illegible]
[illegible] Distribuidor em Portugal: [illegible]
Assinaturas: [illegible]
Serviço ao assinante: [illegible] Números atrasados: [illegible]
Fotolito: [illegible]
[illegible]

ANER



1993

1994

Em 94, o meio revista cresceu 29,2%* Se tem mais gente comprando revista, tem mais gente podendo comprar o seu produto

*Período Dez 93 x Dez 94 (todos os títulos auditados pelo IVC no período, tanto IVC

Quem pode comprar revista, pode comprar seu produto.

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES DE REVISTA

EXPO MUSIC 95

12º FEIRA INTERNACIONAL DA MÚSICA

23 A 27 - AGOSTO - 1995

HORÁRIO PARA PÚBLICO: DAS 15:00 ÀS 21:00 HORAS
EXPOCENTER NORTE - PAVILHÃO AZUL - SÃO PAULO

Francal
FEIRAS E EMPREENDIMENTOS

SÃO PAULO: TEL: (011) 209.6636 - FAX: (011) 261.5840
FRANCA: TEL: (016) 722.1411 - FAX: (016) 722.1142

TEL.: (011) 606.1366
TEL. / FAX: (011) 853.5880

Acústico & eletrônico

Neil: alternando vocoder e canções intimistas

NEIL YOUNG
Live In Berlin
Direção: Michael Lindsay-Hogg • 55 min. • Castle

O último show da turnê esquizofrênica que uma lenda do rock fez em 83

Para os fãs do velho **NEIL YOUNG**, que aguardam com ansiedade o disco que ele está prestes a lançar com o Pearl Jam, há duas novidades visuais.

A primeira é que acaba de sair no exterior o vídeo *The Complex Sessions*, dirigido por Jonathan Demme (*Stop Making Sense*, *O Silêncio Dos Inocentes*), com Neil e o Crazy Horse ao vivo, tocando em um armazém abandonado. A segunda é um consolo, enquanto se espera as produções acima: foi lançada por aqui *Live In Berlin*, fita que traz o derradeiro show que Neil fez na turnê de 83, para promover seu álbum "eletrônico", *Trans*. Como se percebe no vídeo, a performance tinha um quê de esquizofrênia, mesclando o "novo som" (com Young cantando através de um *vocoder*, aparelho que tornava sua voz metalizada) e sets acústicos intimistas. Uma prova de seu brilho perene, independente dos recursos musicais que use. *Celso Pucci*

ARETHA FRANKLIN
Greatest Hits (1980-1994)
Direção: Clive Davis • 55 min. • BMG-Ariola

O que se apresenta aqui são os trabalhos da artista depois dela ter saído das gravadoras Atlantic e Columbia, onde **ARETHA FRANKLIN** teve a sua fase áurea.

A idéia é mostrar a cantora no cenário musical atual, sem fronteiras, desde o estilo das canções até os duetos com gente badalada. Apesar disso, os clips são ruins e os convidados não emocionam – à exceção de Keith Richards, em "Jumpin' Jack Flash".

Dois clips se salvam: "Willing To Forgive" (meio puxado para o estilo de Toni Braxton, mas com o canto fundamental de Aretha) e "(You Make Me Feel Like) A Natural Woman", a melhor da fita (por ter sido gravada ao vivo).

Dentre as outras músicas apresentadas, há "Deeper Love" (com Aretha experimentando um *dancehall*) e "Jimmy Lee" (que diverte por ser a canção mais próxima do repertório que trouxe fama à cantora). A chata e pomposa "I Dreamed A Dream" – com direito a Bill Clinton na primeira fila e tudo mais – fecha mal a fita.

De qualquer modo, Aretha é um "colírio para os ouvidos", ainda que sua voz não seja o cristal que um dia foi. *Flávia Virginia*

VÁRIOS
One Love Peace Concert
Direção: Jim Lewis • 90 min. • Castle

Essa foi uma tentativa – frustrada, por sinal –, de reunir os líderes dos dois maiores partidos políticos da Jamaica. Seria como colocar o Fernando Henrique e o Vicentinho numa roda de pagode a fim de solucionar o problema dos petroleiros.

Do show, o vídeo mostra pouco. No máximo, **BOB MARLEY** cantando "Jammin'" e pedindo paz e união, enquanto políticos apertam as mãos num clima de "só faço isso para não me sujar com a moçada do reggae". Mas o resto, provoca sérias comoções na galera. Coisas finas: **PETER TOSH** ao lado de **SLY DUNBAR** e **ROBBIE SHAKESPEARE**, a melhor cozinha rítmica do planeta, cantando "Get Up, Stand Up" e "African"; **JACOB MILLER** (apontado como o sucessor de Marley no trono do reggae) exaltando a sua condição rastafari; além de **DENNIS BROWN**, **JUDY MOWATT** e **U-ROY**. *Sérgio Martins*

SAXON
Greatest Hits Live!
Direção: Vários • 88 min. • Castle

Para comemorar dez anos de existência, o **SAXON** produziu este vídeo. *Greatest Hits Live!* possue momentos do mais puro rock pesado, focalizando um show que deixa claro que os velhinhos ainda devem ter mais fôlego do que muito garotão por aí. Um prato cheio para quem gosta de heavy metal tradicional, recheado dos sucessos mais conhecidos da banda como "Wheels Of Steel" e "Strong Arm Of The Law".

Banda inglesa do final da década de 70, o Saxon se consagrou pelo seu som pesado, cheio de *riffs* e solos mirabolantes, finalmente estourando através de seu segundo álbum, *Wheels Of Steel*.

Os anos foram se passando, a banda mudou diversas vezes de integrantes, mas continuou gravando muitos outros discos e fazendo os seus shows por aí.

Com a formação quase original no vídeo, a não ser pelo baterista e baixista, eles esbanjam vitalidade e provam que ainda têm público.

O humor do vocalista e a voz de Peter 'Biff' Byford são invejáveis e merecem destaque. O resto da banda também passa o tempo todo fazendo brincadeiras com o público e entre si e – é claro – tocando muito. *Patrícia Renda*

TANGERINE DREAM
Three Phase
Direção: Michael Boydstun • 50 min. • BMG

Pode-se dividir essa produção em duas partes bem distintas. Uma delas, apresentando as músicas antigas do grupo, super-eletrônicas, bem ao estilo já saturado do **TANGERINE DREAM**. Essa parte não teria nada de incomum, não fossem o show de imagens oníricas e os efeitos visuais que, de fato, dão uma cor toda especial ao som meio (bastante) insosso da banda.

A outra parte, muito melhor, traz como inovação no TD a introdução de guitarras elétricas, com Slatko Perica (excelente, por sinal) e até um saxofone. Com isso, o som do grupo ganhou uma dinâmica bem mais solta e se aproximou muito mais de um, digamos, rock eletrônico.

Um dos grandes destaques no vídeo é o caleidoscópio computadorizado do álbum *Phaedra* (de 74). Outro ponto alto vai para a performance de – pasmem – "Purple Haze", de Jimi Hendrix. A música aparece em uma ótima versão instrumental, puxada por uma guitarra detonadora.

É chato dizer, mas com sinceridade, a melhor coisa que este vídeo apresenta é a *cover* do grupo para o som de Hendrix, um tema que o guitarrista fez em 67! *Jean Pierre Verdaguer*

TV

Lixo luxuoso na tela

Pacote de filmes B clássicos está sendo exibido pela TV Manchete

Verdadeiros tesouros da cultura B podem ser descobertos na programação de filmes da Rede Manchete de TV. A maior parte do pacote *trash* adquirido há algum tempo pela emissora é de produções baratas e criativas da AIP (American International Pictures), tendo à frente o mestre do gênero, o diretor e produtor Roger Corman.

Os filmes mais atraentes são do tipo *teen exploitation* (direcionados para adolescentes), da série *A Turma Do Praia*, com **ANNETTE FUNICELLO** e **FRANKIE AVALON**. O título da Manchete, **Como Rechear Um Biquini Selvagem** (*How To Stuff A Wild Bikini*, de 65), de William Asher, traz uma ponta de **BRIAN WILSON** (The Beach Boys) e uma aparição do grupo **THE KINGSMEN**. Há ainda o precursor do aclamado *Easy Rider* (69): **Anjos Selvagens** (The Wild Angels, de 66!), dirigido por Corman. O filme mostra as atribulações nas vidas de três Hell's Angels: **PETER FONDA**, **NANCY SINATRA** e **BRUCE DERN**. **Os Transviados De Sunset Strip** (*Riot On Sunset Strip*, 67), de Arthur Dreyfus, enfoca o confronto entre hippies e policiais, enquanto *garage bands* como **THE STANDELLS**, **THE CHOCOLATE WATCH BAND** e **THE ENEMIES** tocam no bar local. E, por fim, o melhor: **Busca Alucinada** (*Psych Out*, 68), de Richard Rush. A ação segue uma *bad trip* de **SUSAN STRASBERG** e **JACK NICHOLSON** em San Francisco, com aparições dos proto-punks **THE SEEDS** e dos psicodélicos **THE STRAWBERRY ALARM O'CLOCK**. Se não fosse o bastante, ainda há a cantora **CHER** (então casada com Sonny Bonno) no *road movie* **Uma Garota Chamada Castidade** (*Chastity*, 69), de Alessio De Paola. Fique ligado, pois os filmes têm sido reprisados de tempos em tempos, ao longo dos últimos meses. E o chefe da divisão de cinema da TV Manchete, Eduardo Miranda, disse que vai adquirir outros títulos na linha. *Sérgio Barbo*

Bem antes de *Easy Rider*, Peter Fonda já era *hell's angel* com Nancy Sinatra

Jukebox — The Doobie Brothers

Tom Johnston *(no centro)* à vontade, rodeado pelos seus companheiros de bandas e algumas amiguinhas

Para muita gente, eles faziam um som de "mauricinhos". Daqueles que um típico playboy americano poria para tocar no último volume em seu Cadillac, para sair e "azarar umas minas" ou "tirar uns rachas".

Ledo engano. No início, os caras detonavam um country rock possante, pautado por refrões ganchudos, *riffs* contagiantes e uma poderosa "cozinha" (reforçada com dois bateristas!).

THE DOOBIE BROTHERS surgiram na Califórnia, através de dois ex-integrantes do Pud: Tom Johnston e Patrick Simmons, ambos vocalistas e guitarristas. Juntos ao baterista John Hartman e ao baixista Dave Shogren, eles se batizaram como "os irmãos do baseado" ("doobie" era uma gíria usada para designar um cigarro de maconha). E, contrariando a fama de "babacas" que iriam adquirir, os caras começaram tocando em encontros dos Hell's Angels californianos.

> Country rock com refrões ganchudos e uma poderosa cozinha, reforçada por dois bateristas

O seu álbum de estréia teve apenas projeção local, mas logo Shogren deu lugar ao baixista negro Tiran Porter, tendo sido adicionada uma segunda bateria, nas mãos de Michael Hossack. Com este time, definiram a fórmula de sucesso no disco *Toulouse Street*, em hits memoráveis como "Rockin' Down The Highway" e a canção "Listen To The Music", que se tornou uma espécie de marca registrada da banda.

O terceiro álbum, *The Captain And Me*, projetou músicas como "Long Train Runnin'" e "China Grove". Com Keith Knudsen no lugar de Hossack na segunda bateria, gravaram *What Once Were Vices Are Now Habits*, que rendeu o primeiro single a chegar no topo da parada da *Billboard*, "Black Water". Um dos músicos convidados para as sessões de estúdio – Jeff "Skunk" Baxter, egresso do Steely Dan – tornaria-se integrante efetivo do grupo, na terceira guitarra. Como sexteto, os Doobies fariam o álbum (*Stampede*), derradeiro trabalho da primeira e essencial fase da banda. Daí, uma úlcera obrigou o *frontman* Johnston a sair do grupo. O tecladista Michael McDonald (outro ex-Steely Dan) assumiu o lugar, levando o som deles para um soul/funk branco, de tino comercial.

O sucesso foi ampliado, com megahits como "What A Fool Believes" (que arrebatou quatro Grammys, em 78). Mas se foi bem nas paradas, o estilo adotado paulatinamente, a partir da entrada de McDonald, ia desagradando os antigos fãs da banda na mesma proporção.

Depois de diversas trocas de *line up*, o grupo acabou em 82. Porém, entre 88 e 91, eis que a formação clássica retornou com dois álbuns e shows tipo "nostalgia". Não colou: os Doobies estavam definitivamente queimados. CELSO POCO

Discografia Selecionada

■ **Toulouse Street** (72) Com "Listen To The Music", hit que se tornou a banda muito conhecida (inclusive no Brasil) e chegou ao 11º lugar na parada americana.

■ **The Captain And Me** (73) Além dos sucessos "China Grove" e "Long Train Runnin'", trazia "Without You".

■ **What Once Were Vices Are Now Habits** (74) Ironia: apesar do som mais sofisticado, o êxito do álbum foi "Black Water", canção simples, quase *à capella*.

■ **Stampede** (75) Tinha o hit "Take Me In Your Arms", mais "Neal's Fandango" e a instrumental "Slat Key Soquel Rag".

■ **The Best Of The Doobie Brothers** (76) Resume a fase áurea do grupo. Exceções: duas faixas de *Takin' It To The Streets* (76), com McDonald e a troca de estilo.

Os discos acima estão disponíveis em CD nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, pela selo Warner. No Brasil, foram editados em vinil (apenas The Best Of... saiu em CD), mas estão fora de catálogo.

PLAYBOY

20 ANOS

Para você que espera um pouco mais da vida.

VÍDEOS

SHOWS E CLIPS

PARA: MÚSICOS, BANDAS, EMPRESÁRIOS, GRAVADORAS, DJs, E MODELOS

TODO MÚSICO É LANÇADO EM CD, LP E K-7. ATÉ AI TUDO BEM. MAS E EM VÍDEO? CHEGOU A HORA DE FAZER VOCÊ TAMBÉM SEUS VÍDEOS VHS E CD-ROM, COMO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO. LANCE AGORA SEUS TRABALHOS EM HOME VÍDEO VHS.
SISTEMA ESPECIAL DE PRODUÇÕES A PREÇOS ACESSÍVEIS.
O ARTISTA NA TV, NO VÍDEO, NO TELÃO E NO COMPUTADOR.

MÚSICA + VÍDEO = SUCESSO
DISTRIBUIÇÃO: LOCADORAS, MAGAZINES, LOJAS DE DISCOS, CONSUMIDOR FINAL, EMPRESÁRIOS, CONTRATANTES DE SHOWS, IMPRENSA, ARTISTAS, PREFEITURAS, MALA-DIRETA, LOJAS DE INFORMÁTICA, ETC.

APROVEITE AS VANTAGENS DE NOSSO SISTEMA COMERCIAL:
✓ ALTA LUCRATIVIDADE
✓ TRANQUILIDADE TOTAL
✓ SUPER-QUALIDADE
✓ EXPERIÊNCIA DE 14 ANOS EM VÍDEO-PRODUÇÃO
✓ BONS PREÇOS

DESCUBRA COMO LUCRAR COM ESSA ATIVIDADE.
PEÇA CATÁLOGO DETALHADO PARA:

CENTRAL BRASILEIRA DE VÍDEO LTDA.
TELEFONE: (011) 950.0702 - DAS 10 ÀS 20 HORAS
FAX: (011) 681-7866 - 24 HORAS
PELO CORREIO: CAIXA POSTAL 3670
SÃO PAULO/SP - CEP 01060-970

D.B.

Discoteca Básica

VÁRIOS
Nuggets: Original Artifacts From The First Psychedelic Era – 1965/1968

PERFORMANCE

Lançamento 1972 ■ **Produção** Vários ■ **Faixas** "I Had Too Much To Dream Last Night" (The Electric Prunes) • "Dirty Water" (The Standells) • "Night Time" (The Strangeloves) • "Lies" (The Knickerboxers) • "Respect" (The Vagrants) • "A Public Execution" (Mouse And The Traps) • "No Time Like The Night Time" (The Blues Project) • "Oh Yeah" (The Shadows Of Knight) • "Pushing Too Hard" (The Seeds) • "Mouty" (The Barbarians) • "Don't Look Back" (The Remains) • "Invitation To Cry" (The Magicians) • "Liar Liar" (The Castaways) • "You're Gonna Miss Me" (Thirteenth Floor Elevators) • "Psychotic Reaction" (The Count Five) • "Hey Joe" (The Leaves) • "Just Like Romeo And Juliet" (Michael And The Messengers) • "Sugar And Spice" (The Crying Shames) • "Baby, Please Don't Go" (The Amboy Dukes) • "Tobacco Road" (The Blues Magoos) • "Let's Talk About Girls" (The Chocolate Watch Band) • "Sit Down, I Think I Love You" (The Mojo Men) • "Run, Run, Run" (The Third Rail) • "My World Fell Down" (Sagittarius) • "Open My Eyes" (The Nazz) • "Farmer John" (The Premiers) • "It's A Happening" (The Magic Mushrooms) ■ **Formatos** Em vinil duplo no original (Elektra), atualmente fora de catálogo.

Não é costume uma coletânea constar desta seção. Só que *Nuggets...* é uma honrosa exceção. O disco, compilado e idealizado por Lenny Kaye (crítico de rock e ex-marido e guitarrista do grupo de Patti Smith), virou sinônimo de determinado tipo de música e atitude, chamando a atenção para um importante extrato da cultura pop americana do anos 60 – as bandas de garagem.

Kaye foi audacioso ao lançar o disco. Em 72, frescura e pretensão alcançavam o ponto máximo no rock. Então, por que "levantar a bola" de grupos imitadores, barulhentos, cujas canções mal chegaram às paradas? Bom, aí estava a graça. Desde seu começo, o rock foi anti-social e espontâneo. Ninguém fez isso melhor do que estas bandas. E ponto final.

No meio do anos 60, qualquer bando de garotos suburbanos americanos achava que poderia competir com a "invasão britânica". Deixavam os cabelos crescer, compravam instrumentos vagabundos (guitarras Danelectro, com muito *fuzz*, e orgãos Farfisa) e arrumavam contratos com pequenas gravadoras. O que viesse pela frente era lucro.

The Chocolate Watch Band

Assim, tínhamos bandas xerocando The Yardbirds, com mais fúria do que o grupo original (The Shadows Of Knight, The Count Five), ou ecoando Bob Dylan em sua fase rosnante (Mouse And The Traps).

Se o trio The Strangeloves atacava com "Night Time" e The Blues Magoos iam de "Tobacco Road", The Knickerboxers faziam a melhor música que os Beatles não gravaram, a notável "Lies". Sem contar The Chocolate Watch Band detonando seu machismo adolescente em "Let's Talk About Girls". E para escolher ao menos um grupo como exemplo daquela época, poderiam ser citados os arrogantes e censurados The Standells, presentes no disco com a canção "Dirty Water".

The Blues Magoos

As drogas psicodélicas eram o combustível das bandas e o período deu ao rock'n'roll dois de seus cidadãos mais doidões: Roky Erickson (Thirteenth Floor Elevators) e Sky Saxon (The Seeds). Futuros *superstars* como Todd Rundgren e Ted Nugent tiveram o seu treinamento básico tocando com os grupos Nazz e The Amboy Dukes, respectivamente.

Para resumir a influência destas bandas: nos anos 60, o estilo já era chamado de punk rock e o termo *garage band* foi outra coisa que se ouviu muito a partir do começo dos anos 90. PAULO CAVALCANTI

The Strangeloves

Todo ANIMAL é caçado

impiedosamente, porque

é RADICAL e mergulha de

cabeça em tudo que faz.

Não perde um milésimo de

ADRENALINA e nos

fins-de-semana

adora uma PELADA.

MAGNUM

SUBMARINER

Um relógio animal.